Almanaque Poético Brasileiro

Vol. 1

Organização: José Feldman

Almanaque Poético Brasileiro

Vol. 1

copyright © José Feldman

Digitação, seleção, organização, editoração: José Feldman

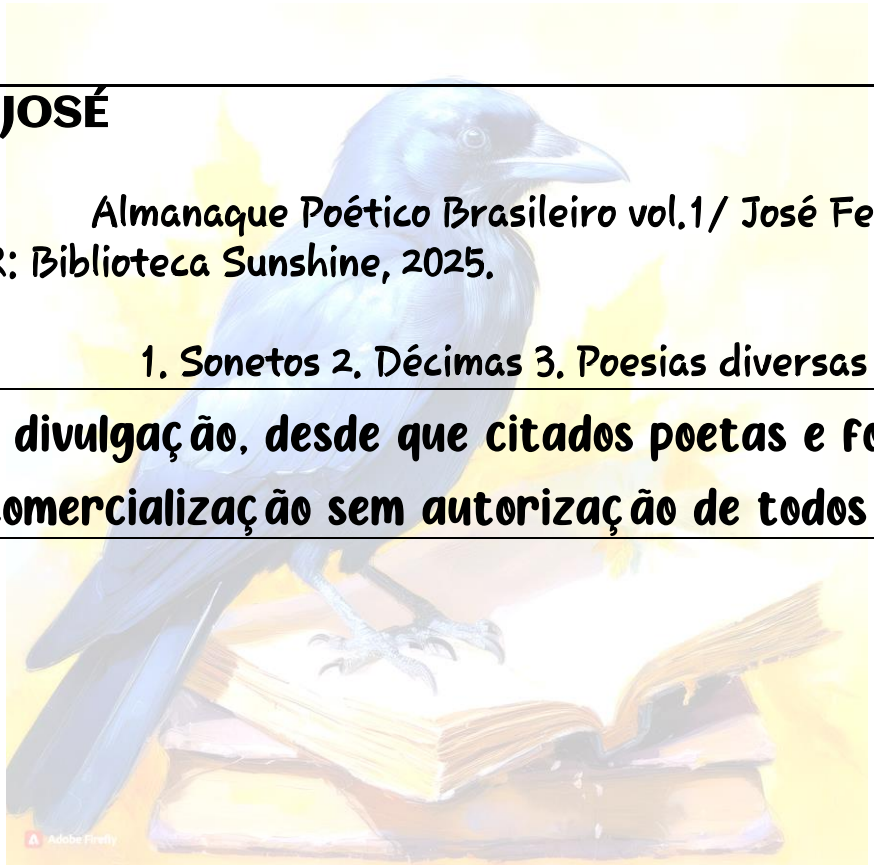
Montagem da Capa e Marca D'Água: Microsoft Bing

FELDMAN, JOSÉ

Almanaque Poético Brasileiro vol.1/ José Feldman (org.) – Floresta/PR: Biblioteca Sunshine, 2025.

1. Sonetos 2. Décimas 3. Poesias diversas

Permitida a divulgação, desde que citados poetas e fonte
Proibida a comercialização sem autorização de todos poetas.



Prefácio

O Mosaico da Alma Brasileira

A poesia brasileira é um organismo vivo, pulsante e em constante metamorfose. O Almanaque Poético Brasileiro – Vol. 1 surge como um inventário necessário dessa pluralidade, funcionando como uma bússola que aponta para as múltiplas direções da nossa sensibilidade literária. Sob a minha cuidadosa seleção, organização e editoração, esta obra não é apenas uma antologia; é um esforço de preservação e descoberta.

Neste primeiro volume, o leitor encontrará um diálogo entre gerações. A obra reúne 68 poetas de quase todos os estados da federação, rompendo as barreiras geográficas para criar um panorama verdadeiramente nacional. Aqui, convivem vozes consagradas do século XX com nomes emergentes do século XXI. Ao incluir poetas já falecidos ao lado de contemporâneos, construí uma ponte entre o legado e a inovação, garantindo que o verso de ontem continue a ecoar na voz de hoje.

O processo de curadoria reflete a era da democratização da informação. As fontes são tão variadas quanto os estilos: desde manuscritos e livros enviados diretamente à mim até garimpos realizados no vasto oceano da internet e nas redes sociais, como o Facebook. Esse método de pesquisa confere ao Almanaque um frescor particular, capturando a poesia onde ela nasce e onde ela mora hoje, seja no papel impresso ou na tela do celular.

Os gêneros poéticos aqui presentes formam um caleidoscópio: do rigor formal à liberdade do verso branco, do lirismo confessional à crítica social. Esta obra é um convite ao passeio pelos sotaques e sentimentos de um Brasil vasto e, por vezes, silencioso em suas periferias literárias.

Sendo este o primeiro volume de uma série ambiciosa, sinalizo que a fonte da poesia brasileira é inesgotável. O projeto promete continuidade, já que a gama de talentos em nossa terra ultrapassa os limites físicos de uma única edição.

Neste primeiro volume não poderia deixar de lado alguns amigos pessoais falecidos, ícones da poesia brasileira em seus estados, mantendo acesa a chama da poesia até os dias de hoje, tais como Ademar Macedo (RN), Dorothy J. Moretti (SP), Francisco Pessoa (CE), Hermoclydes S. Franco (RJ), Milton S. Souza (RS), Nilto Maciel (CE).

Prepare-se para abrir estas páginas e encontrar um Brasil que rima, que sofre, que sonha e que, acima de tudo, resiste através da palavra. O Almanaque Poético Brasileiro é, a partir de agora, um documento essencial para quem deseja compreender a alma de um povo que nunca deixou de ser poeta.

Boa leitura!

José Feldman
(organizador)

Poetas Integrantes deste Almanaque

1. A. A. de Assis (PR) 7
2. Ademar Macedo (RN) 10
3. Amilton Maciel Monteiro (SP) 13
4. Antônio Juraci Siqueira (PA) 16
5. Antônio Manoel Abreu Sardenberg (RJ) 19
6. Aparecido Raimundo de Souza (ES) 22
7. Benedita Azevedo (RJ) 25
8. Benjúnior (SC) 28
9. Carlos Lúcio Gontijo (MG) 31
10. Carolina Ramos (SP) 34
11. Cecim Calixto (PR) 37
12. Cecy Barbosa Campos (MG) 40
13. Daniel Maurício (PR) 43
14. Dinair Leite (PR) 46
15. Divenei Boseli (SP) 49
16. Dorothy Jansson Moretti (SP) 52
17. Edy Soares (ES) 55
18. Elisa Alderani (SP) 58
19. Fabiano Wanderley (RN) 61
20. Filemon Martins (SP) 64
21. Francisco Miguel de Moura (PI) 67
22. Francisco Macedo (RN) 70
23. Francisco José Pessoa (CE) 73
24. Gérson César Souza (RS) 76
25. Gilson Faustino Maia (RJ) 79
26. Gislaine Canales (RS) 82
27. Graça Graúna (RN) 85
28. Hegel Pontes (MG) 88
29. Hermoclydes S. Franco (RJ) 91
30. Ialmar Pio Schneider (RS) 94
31. Jaime Vieira (PR) 97
32. Janske Schlenker (PR) 100
33. Jérson Brito (RO) 103
34. Jessé F. Nascimento (RJ) 106

35. João Batista Xavier Oliveira (SP) 109
36. José Feldman (PR) 112
37. José Lucas de Barros (RN) 116
38. Laércio Borsatto (SP) 119
39. Lairton Trovão de Andrade (PR) 122
40. Lino Vitti (SP) 125
41. Luciano Dídimo (CE) 128
42. Lucília A. T. Decarli (PR) 131
43. Luiz Damo (RS) 134
44. Luiz Eduardo Caminha (SC) 137
45. Luiz Poeta (RJ) 140
46. Maria Nascimento (RJ) 143
47. Miguel Russowsky (SC) 146
48. Milton S. Souza (RS) 149
49. Nilto Maciel (CE) 152
50. Ógui Lourenço Mauri (SP) 155
51. Olivaldo Júnior (SP) 158
52. Paulo R.O. Caruso (RJ) 161
53. Paulo Vinheiro (SP) 164
54. Paulo Walbach (PR) 167
55. Pedro Du Bois (SC) 170
56. Professor Garcia (RN) 173
57. Rita Mourão (SP) 176
58. Roberto P. Acruche (RJ) 179
59. Sammis Reachers (RJ) 182
60. Silmar Bohrer (SC) 185
61. Sílvia Araújo Motta (MG) 188
62. Sílviah Carvalho (AM) 191
63. Solange Colombara (SP) 194
64. Sônia Sobreira (RJ) 197
65. Therezinha D. Brisolla (SP) 200
66. Vanda F. Queiróz (PR) 203
67. Vanice Zimerman (PR) 206
68. Vivaldo Terres (SC) 209
RESUMO BIOGRÁFICO DE JOSÉ FELDMAN 212

A. A. de Assis

(Antonio Augusto de Assis)

Maringá/PR

As flores, que bom revê-las,
e até o bem-te-vi voltou...
Bem-me-vendo na janela,
bem cedinho me saudou.
Há muito ele não cantava,
decerto porque aguardava
o tempo mudar. Mudou.

Celebrei, por um momento,
a volta do arzinho quente;
porém, sem nem mais nem menos,
vira o tempo de repente,
e eis que outra onda de frio
vem tal qual um desafio
retrancar em casa a gente.

Certamente a natureza
merece máximo amor,
visto que, além da poesia
sintetizada na flor,
ela é o sustento da vida:
é o ar, é a água, é a comida,
é o banquete do Senhor.

CHUVA

O céu está chorando
distante da cidade
envolta na tristeza
do pálido véu de lágrimas
da chuva que se derrama.

Escorrega na vidraça
uma lembrança
que me perturba.

Umedece-se na chuva
uma saudade
que me confunde.

Meus olhos estão chorando
distantes da lembrança
que escorrega na vidraça
do pálido véu de lágrimas
da saudade umedecida.

De todo o meu coração,
neste momento aqui digo
que nada é mais importante
que uma amiga e um bom amigo,
aos quais possamos falar,
ao ver o ano findar:
– Como é bom contar contigo!

E aqui, nesses entremeios,
hoje está chuva com sol,
prevendo, qual diz o dito,
"casamento de espanhol".
Ou então, se é sol com chuva,
"casamento de viúva",
cantadinho em si bemol...

LENDA

Na praça adormecida
o chafariz namora a madrugada.

Menino aparece
quem sabe de onde
com seu violino
cantando e tocando
e bailando e sorrindo.

Um corpo de mulher
misteriosamente
substancia-se no chafariz.

E salta das águas
e cai de joelhos
e grita e lamenta
e chora em delírio
de mágoa e de dor.

Menino calmamente
emudece o violino
aproxima-se do vulto
toma-lhe o rosto nas mãos
trocam olhos, trocam beijos...

E partem os dois bailando...
Ele tocando, ela cantando...

Enquanto na praça adormecida
O chafariz namora a madrugada...

O que assusta é essa doença,
essa tal gripe ruim;
todo mundo resfriado,
atichim, tichim, tichim...
Que venha logo a vacina
e permita à medicina
dar a esse pânico um fim.

Pausa na chuva. Gostei.
Aproveitam-se as florzinhas
para alegres se exibirem
quais festivas menininhas.
De múltiplas cores elas,
brancas, azuis, amarelas,
auspiciosas rainhas.

Poesia é irmã da alegria...
Cada rima que se faz,
seja rica ou seja pobre,
um grande prazer nos traz.
Rimando a gente comprova,
na setilha ou numa trova,
que o verso promove a paz.

Por obra de Deus, moçada,
a natureza é teimosa:
vem trazendo a primavera
novamente e esplendorosa.
Com gripe ou seja o que for,
no fim vencerá o amor
e o trono será da rosa.

Quanto sonho o verso opera...
Da Argentina a Portugal,
de Porto Alegre ao Caribe,
da Venezuela a Natal.
Sonho que une as nossas mãos
numa corrente de irmãos
tecendo um lindo ideal.

Que bom que o frio termina...
Volta à rua a minissaia,
volta à rosa o beija-flor,
volta a moçada à gandaia.
É hora de quem puder
pegar a prole e a mulher
e se mandar para a praia!

Que bom que volta o calor
aqui neste Sul gelado...
Agosto chegou tal qual
no Nordeste tem estado:
rapazes pensando em praia,
as moças de minissaia,
deixando o mantô de lado.

RONDA

Dorme a cidade,
tranquila e silente.

Na esquina deserta
um poste
confidente mudo do guarda da noite
fura o nevoeiro.

Apitos
curtos e longos
apitos soturnos
misteriosos
furam o silêncio
levando recados
de paz ou de alerta.

Dorme a cidade
tranquila e silente.

Sucedem-se apitos
da ronda noturna.

Se a natureza sublimas,
começa a alegrar-te então,
que ela está pronta e enfeitada
para a troca de estação.
É a grande festa das flores,
o espetáculo das cores,
lá fora e no coração.

Se o do Nordeste, moçada,
é chamado nordestino,
por que quem é do Sudeste
não é dito sudestino?
A quem der a explicação,
desde agora a gratidão
de um sudestino-sulino...

Traz o ipê branco alegria
às ruas de Maringá;
espetáculos mais belos,
poucos no mundo haverá.
Lembram fofas cabecinhas
de elegantes vovozinhas
brincando de roda, olá!...

Ademar Macedo

Santana do Matos/RN, 1951

Natal/RN, 2013

A brincadeira de "Tica",
as galinhas de pereiro,
o banho lá no barreiro,
tudo na lembrança fica;
as frutas de uma oiticica
que eu não podia comer,
garanto: quando eu morrer
vou levar tudo na mente;
meu passado é tão presente
que eu não consigo esquecer.

A minha poesia é com verso rimado,
tem métrica e som, tem rima a vontade,
assim deve ser o cordel de verdade,
escrito, falado e também declamado;
não pode, nem deve ser desrespeitado,
ninguém tem direito de modificar
a forma primeira da gente rimar;
quem faz diferente, entrará nessa lista:
Poeta não é, nem também cordelista,
nem canta galope na beira do mar!

Eu não sei se o passado hoje se importa
que o presente me faça tão feliz,
todos erros que na vida eu já fiz
no meu livro da vida é folha morta;
porque Deus para mim abriu a porta
da poesia, da verdade e do amor,
e mostrando que a vida tem valor,
deu-me o dom mais divino da poesia
pra eu poder fabricar no dia a dia
um remédio eficaz pra minha dor!...

Eu peço a Deus neste dia
que me mande inspiração
pra eu fazer uma poesia
que fale ao seu coração.
Falo baixinho aos ouvidos
de todos nós, os maridos
eternos apaixonados...
Tenha a idade que tiver
dê um beijo na mulher
no dia dos namorados!

Já dancei um forró por sobre o mar
já cortei o cabelo de Sansão,
e pra não servir mais essa nação
uma perna eu tratei de arrancar;
comprei casa na lua e fui morar
bem pertinho do velho Barrabás,
brinquei lá uns quatorze carnavais
e os abadás eu ainda estou devendo;
pergunto agora a vocês que estão lendo:
O que é que me falta fazer mais?

Lembro o dia que fiz um juramento
na presença de Deus, reto juiz,
de amar minha mulher no sofrimento
e no momento que esteja mais feliz;
e neste juramento que eu lhe fiz
eu jurei de joelhos num altar
de viver eternamente pra lhe amar
e que não a deixaria abandonada...
A cruz do matrimônio é tão pesada
que precisa de dois pra carregar...

Lembro mãe, lembro pai e meus irmãos,
lembro tudo qual fosse um dossiê;
eu sentado num banco de uma escola
e hoje aqui eu confesso pra você
que a primeira emoção da minha vida
foi pegar numa "Carta de Abc"...

Não pode nunca morrer
nesse nordeste da gente,
nem o coco de zambê
nem cantador de repente;
e da cultura popular
não vou deixar se apagar
o fogo da lamparina,
do fogão, nem da fogueira;
pra iluminar a bandeira
da cultura nordestina!

Não sei amar de outro jeito
que não seja com ternura,
com carinho e com respeito,
com paixão e com doçura.
E quando o amor nos acolhe
é a gente mesmo que escolhe
o jeito de se entregar;
confessei em versos plenos
nada mais e nada menos,
a minha forma de amar!

Nestes versos vou dizer
levado pela emoção,
para agradar a mim mesmo,
deixar feliz meu irmão;
e a vocês dizer num "Oi"
que o mano "Macedo" foi...
"Corda do meu coração!"

No meu dia derradeiro,
em saudades já imerso,
partirei para outra vida
pra viver noutro universo,
levando para Jesus
pregado na minha cruz,
o meu derradeiro verso!

Ninguém vive no mundo mais feliz
do que aquele que vive de poesia,
e eu estou inserido neste mundo,
no real e também na fantasia;
pois no verso eu encontro o meu alento,
produzindo o meu próprio sentimento,
eu fabrico emoções a cada dia...

Os olhos da minha amada
me fazem muito feliz,
e olhando pra os olhos dela
eu traço uma bissetriz;
e mesmo partido ao meio,
no seu meigo olhar eu leio
os versos que eu nunca fiz!

Pra melhorar este mundo
eu dou duro na poesia...
Planto as sementes do verso
no chão da sabedoria,
e, na colheita da mente,
dou ao mundo de presente
um verso meu todo dia!

Pra retratar o sertão
em sete versos apenas,
mergulho na natureza
busco inspirações serenas
e, qual um grande pintor
para a obra ter mais valor,
crio minhas próprias cenas!

Quando Deus me chamar eu vou partir.
Deixarei o meu nome aqui na terra;
quem passar em Santana irá ouvir
o meu verso ecoar no pé da serra.
E como os grandes poetas de outrora
nestes meus versos que componho agora,
deixo um pouco da minha inspiração...
Pra ninguém esquecer-me no futuro,
eu deixo escrito um verso em cada muro
e nas paredes de cada coração!

Quando é noite, a lua cheia
vem surgindo no horizonte,
e logo depois que o sol
se deita por trás do monte,
envolto nessa penumbra,
a minha alma se deslumbra
bebendo versos na fonte.

Tem quem roube a merenda das crianças
e o dinheiro do pobre aposentado,
e sem dó tomam todas as finanças
num sequestro cruel e bem montado;
e os que matam e estupram criancinhas
andam soltos aí pelas pracinhas,
muitos deles nem vão para prisão;
digo neste relato que hoje eu faço:
eu estou com saudade é do cangaço
e das bravuras do grande Lampião!

Tirando a minha poesia,
tiram de mim um pedaço;
ela é a dona de tudo,
do meu corpo, meu espaço;
e a poesia me conduz
a um encontro com Jesus
em cada verso que faço!

Um forró de chão batido
numa noite enluarada
embaixo de uma latada
dança mulher com marido;
um café quente e fervido
lá na beira do fogão,
lamparina e lampião
e a barra do sol nascendo;
isso é mesmo que está vendo
Paisagens do meu Sertão...!

Viver de fazer poesia
sempre foi minha rotina,
acho que herdei do meu "mano"
esta sacrossanta sina;
pois quando o verso sai fraco,
"Macedo" pega o bisaco,
desse do céu e me ensina...

Vou cumprindo o meu destino
sem renegar o que fiz;
na composição dos versos
eu me julgo um aprendiz,
mas na ciranda dos anos,
somando perdas e danos,
eu sou um homem feliz !

Amilton Maciel Monteiro

São José dos Campos/ SP

AMIGO

Amigo igual você, que é joia rara,
eu quero conservar até morrer...
Tivesse o nosso mundo uma seara
de gente de seu jeito, que prazer!

Você, sempre é cordial e nunca para
de demonstrar apreço e bem-querer
a todos que o conhecem cara a cara,
ou até mesmo através só do escrever!

Eu peço a Deus que assim sempre o conserve
com tanta educação e tanta verve,
para tornar a Terra mais feliz!

E sei que o Pai do Céu me atenderá,
porque seu Evangelho é que me diz
que, quem com fé pedir, alcançará!

AMOR

Alguns me julgam peça de museu,
De pouca ou de nenhuma utilidade;
Um homem que, se ainda não morreu,
Apenas serve de curiosidade...

De fato, neste mundo em que o himeneu
Agora é relegado à iniquidade,
O que pensar de um esposo que viveu
Feliz, dez lustros de fidelidade?

– Por certo que é um louco tal sujeito!
(dirá alguém). Não pode ele ter feito
Tamanho sacrifício em sua vida!

Mas eu responderei a esse descrente:
Jamais tem existência compungida,
Quem ao amor se dá completamente!

AMOR À ROÇA

Idoso, já comendo de apisteiro,
Sem condição alguma de voltar
À minha antiga faina de vaqueiro,
Eu passo o dia todo a meditar...

Mas não lamento estar o tempo inteiro
Deitado, sem poder me levantar,
Pois aproveito bem ainda o cheiro
Gostoso do curral que vem no ar...

Vem-me à lembrança o verde da campina
Bastante esbranquiçada de nelore,
Mal dissipava o sol toda a neblina...

E vou compondo versos, quanto possa...
Não quero que a saudade me estupore,
Com tanto amor que tenho pela roça!

AREIAS

Areias do meu tempo de criança
é mais do que saudade.., é só doçura...,
é algo que me alegra com lembrança
que não se apaga mais, nem desfigura!

Os casarões por toda a vizinhança,
recordavam os tempos de fartura...
Seu povo, apesar da vida mansa,
sonhava com evolução futura...

E foi assim, que após setenta anos
de a ter deixado, com meus desenganos,
fui revê-la e... qual minha surpresa!

Enquanto fiquei velho e já alquebrado...
Areias remoçou por todo lado
e está quase vibrante. E uma beleza!

ARTESÃO

Quisera ser poeta... Sou apenas
um humilde artesão da poesia,
que lida com palavra, a duras penas,
para louvar o amor com alegria.

Trabalho quando as noites são amenas
e tenho a alma cheia de estesia;
tal qual oleiro que produz dezenas
de vasos até ver o que queria...

O artífice de si só dá o melhor,
na busca de alegrar seu bem maior,
que é uma das razões de seu viver.

Se não tem perfeição de um bom poeta,
coloca o coração no que arquiteta...
Por seu amor..., não importa se morrer!

FÉ

Eu tenho muito dó de quem não crê,
porque sofre demais no mundo, à toa;
pois quem tem fé, recebe por mercê
de Deus a graça de uma vida boa.

Com fé e confiança a gente vê
claramente que o Pai nos abençoa;
e não nos abandona, até por que
mesmo se erramos Ele nos perdoa!

Se não crês no que falo, experimente
pedir a Deus que te conceda a fé:
verás a tua vida transformar.

Passarás a viver alegremente,
sem mágoa, sem rancor, e creio até
que muitos vão querer te acompanhar!

NÃO CHORES MEU AMOR

Não chores, meu amor, pois tudo passa;
abalos fazem parte do viver...
A vida sem os sustos perde a graça
e o júbilo do riso renascer!

Transtorno, tal e qual a carapaça,
é criação visando proteger
a todos nós, se, quando, uma desgraça
quer liquidar com nosso bel-prazer.

Mas o desgosto ainda tem um jeito
de não deixar o nosso pobre peito
sofrer demais, até à eternidade.

Passado o sobressalto, que alegria!
Pois ela volta e, muitas vezes, cria
na gente até maior felicidade!

PERDI MEU CARNAVAL

Brinquei nos carnavais lindos de outrora,
Um tempo bom e muito diferente
De tudo o que se escuta e vê agora
No modo de folgar de tanta gente.

As graciosas marchas, feito a "Aurora"
E a "Jardineira", mais que de repente
Sumiram da folia, foram embora,
Expulsas num barulho "ensurdecente"...

O romantismo todo que existia
No jogo de confete e serpentina,
Em busca do romance tão sonhado,

Suponho até que entrou em agonia...
Agora é a adrenalina o que domina...
Pra que xodó?... Tá tudo liberado!

SENTIDO DA VIDA

Em busca do sentido desta vida,
notei que cada qual pensa o que quer...
Ao pobre é jamais faltar comida;
ao rico é gozar quanto puder...

Filósofos se atritam de saída...
Mas aos cristãos, buscá-lo é mister;
longe da raça humana dividida,
sonham todos irmãos, se Deus quiser!

O Onipotente quis assim, por certo,
mantendo o livre-arbítrio sempre aberto
a todos, com escolha ao seu dispor...

O sentido da vida para mim
é buscar o meu Deus até o fim,
pois quem O indaga, sempre encontra Amor!

SONHO

Meu sonho desta noite foi incrível;
só mesmo um Freud para o destrinchar;
olhei no espelho e me senti horrível...
Parecia um duende tumular!

Não foi um pesadelo desprezível,
dos que nos envergonham de contar;
pelo contrário, até foi susceptível
de reverter a história e me alegrar!

No sonho você disse para mim,
que eu não ficasse triste, tanto assim,
pois não a importava a fealdade minha...

O que valia, disse a minha amada,
com um sorriso encantador, de fada,
que ela ao meu lado era... uma rainha!

Antonio Jurací Siqueira

Belém/ PA

Há horas que o homem deve
estar só com seus consigos;
outras vezes quer chamego
quer ombros, braços, abrigos...
Deve, pois, ser uma ilha
cercada de... mil amigos!

INCÓGNITO

Parti no alvorecer, ainda menino,
à procura do Amor e da Verdade
mas antes de se por o sol a pino
entre pedras perdi a identidade.

Debalde tento agora reencontrá-la
em cada esquina, em cada gesto e olhar...
– Quem sou? – pergunto ao céu e ele se cala;
– Que sou? – desesperado indago ao mar.

E sem respostas – pássaro sem ninho –
vou pela vida na indefinição
de quem procura, às cegas, um caminho
para o porto inseguro da ilusão.

JUVÊNCIO

Assim vai Juvêncio
na sua aventura.
Da mata, o silêncio,
suave langor...
– Que motivo tanto
pra tanta bravura?
– Vai atrás do encanto
do seu santo amor.

Um riso escondido
no rosto moreno.
Herói das entranhas
das matas em flor.
No olhar sereno,
uma luz estranha...
Coisas do Cupido,
ciladas do amor!

Vai rasgando as águas
revoltas e turvas,
afogando as mágoas,
sufocando a dor.
Vai dobrando as curvas
do rio e da vida,
esquecendo a lida.
Vai ver seu amor!

A noite já avança,
o sol já descansa,
remar, seu ofício,
sua sina, lutar.
A canoa balança,
o remo lhe cansa.
Tanto sacrifício
pelo verbo amar!...

Não sente pavor
de fera ou visagem,
só pensa na imagem
da Rosa a esperar.
Vai pensando nela,
tão meiga, tão bela,
repleta de amor
e beijos pra dar.

MISSÃO

Quando alguém te ferir,
escreve;
quando a noite chegar,
escreve;
quando a chuva cair,
escreve;
quando o sonho acabar,
escreve!

Se a tristeza se for,
escreve;
se o amor renascer,
escreve;
se a esperança se impor,
escreve;
se o jardim florescer
escreve!

E só então
terás cumprido à risca
tua missão.

NADO INTERIOR

No espelho do poema
eu me reflito
metáfora de mim:
anjo & demônio

Diante do poema
eu me desnudo:

retrato em preto & branco
do que sou

No ventre do poema
eu me traduzo
diluído em palavra:
imagem & som

No escuro do poema
eu me procuro
e encontro sempre alguém
que jamais fui

Nos braços do poema
eu desfaleço
e acordo renovado:
seiva & flor.

PASSARINHO NA GAIOLA

Sempre que a lida me isola
nas grades do dia-a-dia,
abro a porta da gaiola
com a chave da poesia.

Nesta vida quanta gente
na incerteza do arriscar,
olha o mundo aberto à frente
porém tem medo de voar...

Teu amor, gaiola aberta;
meu coração, passarinho
que por nada se liberta
das grades do teu carinho.

QUANDO

Quando o fogo destes versos consumir
teus segredos, virtudes e pecados,
eu estarei à margem do caminho
qual Prometeu furtivo te espreitando
para roubar a chama imorredoura
que arde na redoma indestrutível
do teu peito risonho de criança.

Quando a fome do amor comer meus olhos
impedindo-me de ver as mariposas
que copulam sobre as pétalas noturnas
de um rubro girassol filosofal,
tu estarás oculta entre as miragens
de um sonho metafísico gravado
numa canção latino-americana.

Então, quando isso tudo acontecer,
não seremos , simplesmente, macho e fêmea:
seremos sementes de vida e esperança
a germinar nos campos da existência,
a florescer no amor e dar ao mundo
os cobiçados pomos da poesia.

QUE PENA...

Já não falo de mim. Não vale a pena
pois a pena que eu sentir do meu penar
é tão vã quanto as penas ressequidas
de um pássaro empalhado e tão inútil
quanto a pena da caneta que secou.

Apenas te direi que sinto pena
das penas que perdi durante o voo
no céu da solidão cumprindo a pena
imposta pela pena algoz do teu amor.

UM PÁSSARO A CANTAR DENTRO DE UM OVO

Se o mundo quer calar-me, eu não hesito:
recorro à trova e crio um mundo novo
onde ponho o calor e a voz do povo,
um punhado de humor, um beijo e um grito.

Na trova eu me divirto e me comovo,
nela o meu sonho é muito mais bonito,
nela eu prendo as estrelas do infinito
e um pássaro a cantar dentro de um ovo.

Trova é roupa estendida na varanda,
relva molhada pela chuva branda,
rosa vermelha, moça na janela,

gotas de orvalho a tremular na flor...
Por isso não a queiram mal, pois ela
é a voz e o coração do trovador!

Antônio Manoel Abreu Sardenberg

São Fidélis/ RJ

ALFORRIA

Rompi o elo que me atava a vida,
Dei alforria à falsa liberdade,
Curei a chaga cruel e dolorida,
Joguei no lixo o resto da saudade.

Deixei meus sonhos ao sabor do vento
Vagando solto pelo mundo afora,
Livrei do peito todos os momentos
Que eu guardava comigo até agora.

Livre do laço, então, lanço-me ao léu,
Busco o abrigo que queria tanto,
Não quero mais provar do amargo fel!

Liberto, assim, de todas as correntes,
E já despido do pesado manto,
Busco outro amor sempre seguindo em frente...

ALVORADA

O sol renasce trazendo a alvorada,
A vida pulsa novamente em mim,
Desperta em bando toda a passarada,
Sinto a fragrância doce do jasmim.

O orvalho chora o fim da madrugada,
Cobre de gotas todo o meu jardim,
A buganvília, toda engalanada,
Veste seus ramos com a cor de carmim.

O galo canta alegre no poleiro,
No velho aceiro rompe uma boiada,
E o povoado acorda por inteiro.

E eu feliz, junto da minha amada,
Aproveitando o fim da madrugada,
Numa forragem dentro do celeiro.

APOTEOSE

Na bruma densa de um mar revolto,
Em manhã fria de um inverno intenso,
Sinto um medo aprisionado e envolto
Na cena fria de um terror imenso.

As ondas fortes entram pela praia
Lambendo a areia fina e cristalina,
A espuma branca vem beijar a saia
Já desbotada da pobre menina.

Do céu pesado com nuvens escuras
Faíscam raios, vêm as trovoadas,
As gaivotas fogem em revoadas...

E os meus olhos saem à procura
Do Criador, o nosso Deus Supremo,
Na apoteose de um pavor extremo!

A ROSA

Da rosa quero a essência,
O perfume que inebria,
A pétala sedosa e macia,
A mais pura inocência.

Quero ser também o orvalho,
Que banha seu corpo vadio.
Nas noites de intenso frio
Quero ser seu agasalho!

Quero ser o colibri
A sugar seu doce mel
Ser o seu teto, seu céu,
Seu jardim, seu bem-te-vi.

Quero ser aquele espinho
Que a sua haste protege
Dos insanos e hereges
Que cruzam o seu caminho.

Quero ser o seu pretexto,
Seus enganos e desculpas
Quero ser todas as culpas.
Ser prosa do seu contexto.

AURORA DESBOTADA

Desperta a aurora fria e desbotada,
Em mais um dia que precede o fim,
E essa minha alma frágil e tão cansada,
Já não suporta a dor que dói em mim.

A noite avança, rompe a madrugada,
Eu já não sinto o aroma do jasmim
Que andava no meu quarto e na sacada
E perfumava todo o meu jardim.

Dia morto... noite morta... tudo é nada...
Viver só por viver não me consola
Se a aurora só é bela colorida.

Sinto que irei sem ti nessa jornada,

E a suportar a angústia que me assola,
Prefiro não viver – isso não é vida!

CONTRASTE

Você é fogo, a chama mais ardente,
Semente a germinar em pleno cio,
É luz que o sol espalha suavemente,
É toque de prazer, é arrepio...

É água cristalina da nascente
Que corre lentamente para o rio,
Paixão que vem assim, tão de repente,
Deixando o coração por quase um fio.

Você é o meu passado mais presente...
Calor a me aquecer durante o frio,
Loucura que enlouquece loucamente!

Você é como um sonho inocente,
É brisa mansa em manhã de estio
E muitas vezes temporal fremente!

MANHÃ

Boceja o sol nessa manhã risonha
No céu brilhante de nuvens esparsas.
E no cenário do alto da montanha
Em revoada bailam lindas garças.

Na estrada estreita desponta um vaqueiro
Pelo aceiro tocando a boiada
Sob o comando de um feitor faceiro
Todo enfeitado para a namorada.

A manhã rompe enquanto a tarde brota,
E mais um dia foge se esvaindo...
O lusco – fusco no sertão se aporta,

E a cigarra, com seu cantar tão triste,
Dá boas – vindas à noite surgindo
O tempo avança – meu sonho persiste...

POEMINHA À PRIMAVERA I

A vida em traje a rigor
Está pronta para a festa...
Durou um ano de espera
O mundo multicolor
Que nos trouxe a PRIMAVERA!

Que essa estação tão linda
Desperte também o amor,
Fazendo brotar na gente
Um mundo cheio de luz,
O desejo mais ardente,
O querer mais envolvente
Que nos encanta e seduz.

SOL POENTE

Quando contemplo ao longe o sol poente
atrás do monte lá no infinito
sonho acordado o sonho mais bonito,
e tenho a fé de um homem forte e crente.

A luz suave, quase se apagando,
acende em mim um fogo tão ardente,
e ao pensar eu fico imaginando
o amor se pondo assim tão de repente.

O tempo passa e vem a madrugada
como um açoite castigando a gente
na aurora fria, escura e tão calada!

Oh... breve tempo tenha dó de mim
por que flagela um coração carente,
me machucando tanto, tanto, assim!

VERSOS COLORIDOS

No velho banco de um jardim florido,
Garimpo n'alma minha inspiração;
Rabisco em preto versos coloridos
Que desabrocham cheios de paixão.

O céu azul capricha no cenário,
A brisa leve sopra de mansinho,
Lá no ipê rosa canta o meu canário
– Meu coração a implorar carinho.

A noite surge, vem render a tarde,
Que já cansada põe-se a cochilar...
Dentro do peito a nostalgia arde.

E cai o dia... vem a longa noite.
Chega a lembrança pra me maltratar,
E a saudade a me sovar com o açoite!

Aparecido Raimundo de Souza

Vila Velha/ ES

AMADA

Que bom que acreditastes
Na minha volta, paixão
Se magoei teu coração
Perdoa, eis-me aqui
Acabou tua infelicidade
Sou tua Felicidade:
voltei pra ficar.

CANÇÃO ANÃ

Essa abstração me
acarreta
acanhos e
acabrunhamentos!
Açambarca
anseios,
açoda instintos e
acossa
o CORAÇÃO.

Assalta e açoita a
Inocência
existente em mim...
adultera sonhos,
alucina emoções,
angaria debilidades,
aquece a ilusão, na
amplidão dessa
SAUDADE.

Aquém, vivo e padeço,
apressando os dias,
acelerando as horas,
apregoando frases mortas!
Azedo, arraso o corpo inteiro,
arrefeço o sangue quente, na
agonia de
amoldar o
amor e a FELICIDADE!...

CÉU NUBLADO

A chuva infindável caiu,
e molhou
a minha alma
quando você partiu...
e eu fiquei aqui, abandonado...

Por assim, "nos depois" em que
penso em você, as horas param
o tempo estanca, e tudo me leva
a acreditar, e a perceber,
que a vida cruel me sufoca até morrer.

DECISÃO

Parei de correr atrás da saudade
que ficou de você...
Agora não me acho em mim
Acredite! É a mais pura verdade...

DEFININDO SAUDADE

Saudade, ternura ausente,
que sempre se faz presente
quando nos quer ver sofrer...
Saudade, ternura ingrata
mesmo amando, nos maltrata
Sem nos deixar entender.

DESEJOS

Queria ser
o seu "tudo" na vida...
o caminho a percorrer,
os perigos a enfrentar,
o amanhã por nascer,
o sorriso
do seu olhar.

Queria
ser o seu
agora;
o seu melhor
momento
de felicidade
e encantamento...

Queria,
ser também,
a sua,
esperança.
A sua alegria,
a sua ilusão,
e fantasia.

Queria,
finalmente,
estar em seu coração...
ser seu momento
de reflexão
na calma tarde
refletida lá fora.

EM VÃO

Vivo a procura de mim
dentro de você...
numa busca interminável;
nunca lhe encontro!

Tenho a impressão
que afinal,
como se fosse um castigo
chegou de mansinho o meu fim...

em igual sentido, ingrata reprimenda segue
aumentando a minha solidão
e me torturando o coração
simplesmente... simplesmente assim...

ETERNO MOTIVO

A tua vida,
na minha vida,
foi um tempo lindo.
Havia esperança,
na minha ilusão,
e em teu querer,
um gostar infindo...

Mas, de repente,
sem que alguém pedisse,
tu foste embora
para sempre
e eu fiquei triste...
E ainda hoje,
aqui estou.

Depois
de todo
tempo
que passou,
aqui estou
ainda, a esperar
tua volta.

Compreendo,
o amor
acabou,
meu coração
não se conformou,
e a tua ausência
não suporta.

FUGAZ

Em meu sonho
vi você passeando
pelos caminhos
do meu coração.

Nossos olhos,
num repente,
se cruzaram
em louca contemplação.

Pensei comigo:
"Ela vai voltar"
e todo "meu eu" se engalanou...
por um instante apenas... que triste decepção!

Havia, ao lado, um outro recipiente
Igualmente com flores enfeitando
Pequenas almas em animada festa
Numa alegria pra lá de incandescente.

O meu desespero... chorou...
Derramou lágrimas da mais pura felicidade
Esse momento, confesso, eu amei.
Mas, para meu espanto, em seguida, acordei!

INDESEJADA

Tarde da noite,
alguém bateu
à minha porta
com vontade,
quase a ponto de derrubá-la

Ao abri-la,
Era a Saudade
do seu adeus...
E agora – me pergunto:
"como fico eu?!"

SE

Se eu morresse hoje (agora)
Levaria comigo
A tristeza do seu adeus.

Depois de tudo que restou de mim
Sou a parte de você
Que se desprendeu de mim...

Benedita Azevedo

Magé/ RJ

A VERDADE

Ó querida, quem sabe neste dia
Encontrarei u' amor que me fascine!
E talvez uma estrela que ilumine
Esta vida cruel que me iludia.

Só tu podes me dar tanta euforia,
Sem impedir, também, que raciocine,
E com meu sentimento me destine
A dor de ser um velho, mas queria...

Coragem pra buscar esta verdade
E talvez, a esperança sem vaidade
De poder te encontrar sem levar foras.

Esperando que agora possas rir
Sem ilusão, embora possas vir
Com essa liberdade, por quem choras.

CARÍCIA

Carícia recebida com amor,
é redenção do espiritual ser,
buscando esta essência superior,
para nessa plenitude viver.

Os anseios sonhados não vividos,
recuperando a esperança, o ardil,
de muitos anos de um amor contido,
no verdor desse peito juvenil.

Pelos cuidados de uma mãe zelosa
que carícias quase não recebia
e pra os filhos seus traumas transmitia.

Aquela experiência dolorosa,
daquele amor que não lhe garantia,
toda carícia que ela merecia.

DISSIPANDO O SILÊNCIO

O silêncio do inverno se dissipa
ao brotarem as flores do jardim,
e o gorjeio do pássaro antecipa
as lembranças do cheiro de alecrim.

Deixemos as saudades nos levar
pelas trilhas de outrora, mas voltemos
a contemplar as flores a brotar,
alegrando o ambiente onde vivemos.

O repicar dos sinos na alegria
de ter uma família que nos ama...
Na falta dela pense... o que seria!

Essa melancolia que ora brota,
são apenas momentos de uma dama
cheia de sonhos lindos, ninguém nota.

MEU PRIMEIRO AMOR

Lembras nosso primeiro carnaval?
Eu dançava no corso na avenida...
Ao me vês acenaste da calçada
A música era bela e original.

Ao ver-te disparou meu coração,
O amor que despertava no momento
Sob o som da marchinha, e o sentimento,
Trouxe à minha alma muita inquietação.

Cheguei naquele dia no trabalho,
Mas teu olhar em fuga deixou o meu
Percebi que sentias tal qual eu.

Meu amor que nasceu sob o orvalho,
Deu frutos, em dois filhos que gerou,
E em cinco netos o amor eternizou.

OS SONS DA LAPA

O batuque animado lá da Lapa
Alcança no meu quarto meus ouvidos,
Que despertam meus sonhos tão queridos
E me fazem lembrar a velha etapa.

Aqueles meus encontros preferidos
Fizesse sol ou chuva, eu à socapa,
Correndo na ladeira o pé derrapa
E os pensamentos todos são perdidos.

Tal qual ímã que atrai o vil metal
Também os sons da Lapa repetidos
Trazem-me de tão longe um carnaval...

Aquele que num corso te encontrava
E rebolando em trajes coloridos
Ao cruzar teu olhar me fiz escrava.

RESTOS DE SONHOS

Passou a juventude, a sua glória,
inconsequentes risos e paqueras.
Tudo se transformou em vãs quimeras
e a vida de euforia é só memória.

No presente as carências aceleras,
em sonhos de passadas trajetórias.
Mas, a vida em cobranças compulsórias,
deixa-te somente sonhos que veneras.

Duvidosa promessa já acolhida,
não deixa tua alma já liberta
desta lembrança triste, animicida.

Restos de sonhos e esperanças cedem
e o esquecimento nesta fresta aberta,
invade os pensamentos que se perdem.

SER POETA

Poeta chora ou ri durante a vida,
sempre buscando amor e sentimentos
que o levem a viver sem ter lamentos,
e num certo momento se divida.

Ser poeta é lidar com atrevimentos
e tornar esta vida enternecida...
É tornar-se o pastor e dar guarida
às almas tão carentes de argumentos.

Na jornada mantém o bom humor,
transformando em beleza seus momentos...
Mesmo nos tristes acrescenta o amor.

Ser poeta é trazer a boa nova
libertada de todos os tormentos.
Para integrar-se ao mundo se renova.

SOMENTE O AMOR CONSTRÓI

O amor universal é o limite
para infinitas dores e alegria.
Nada o arrefecerá, só acredite
nas bênçãos que do céu Ele te envia.

És a mãe amorosa para os filhos
que são três para só, orientares.
Não é tarefa fácil, mas com brilhos
tens enfrentado lutas aos milhares.

Para quem tem o amor como alimento
e a caridade ao próximo, não julga
atitudes alheias, se o acalento,

que tem a oferecer não é de ajuda;
portanto não dês bola a quem divulga
opiniões vazias , Deus, acuda!

TARDE FELIZ

Em morna tarde de sol
Cheia de tanta beleza,
Podemos observar
Encantos da natureza.

No aconchego da varanda,
Contemplo este céu azul,
No rádio tocando a banda,
O vento sopra do sul.

No jardim todo florido
Crianças correm a brincar,
De pique pega escondido.

O gato mia no muro
A coruja voa a gritar
Enquanto o ouvido eu apuro.

TEMPO DE ESCOLA

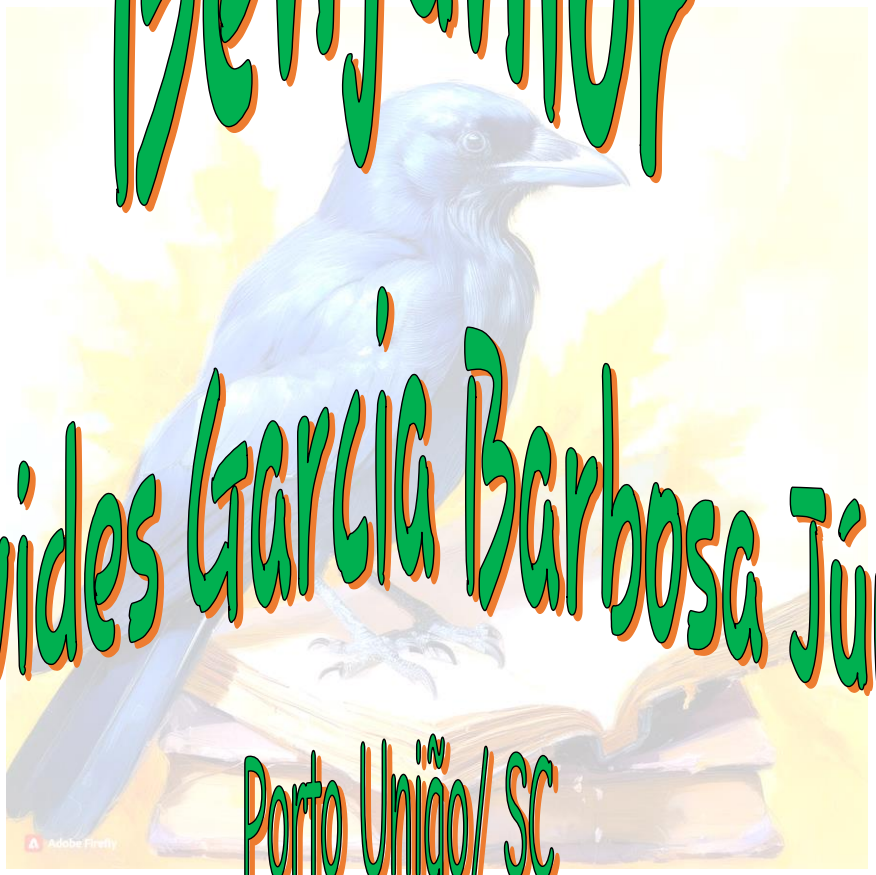
Logo quando amanhecia!
Mamãe entrava a chamar:
– Vamos crianças levantem!
Está na hora de estudar.

Levantava-me com pressa,
No meu rio ia banhar
Mas antes de alguém sair,
Tinha de a cama arrumar.

Quando tudo terminava...
Mamãe da mesa chamava:
– Venha tomar seu café!

Pra não chegar atrasada,
Corria naquela estrada,
Porque ia mesmo a pé.

BenJúnior



(Benevides Garcia Barbosa Júnior)

Porto União/ SC

AO ENTARDECER...

Às vezes fico olhando
Os raios de sol na água
Que vibram como música
Enquanto a tarde se vai...
Outras, me pego cantando
Canções sem rimas
Que surgem a esmo, sem pensar...
Têm dias que o sol não aparece
E fica um tempo triste de se ver;
Então meus passos
Seguem direções impossíveis de saber
Se o horizonte é uma mancha na penumbra
Ou se é o dia que está a morrer...
Os últimos raios tingem o lago sereno
E um vento ameno
Passa trazendo uma saudade fria.
Os primeiros sinais da noite
Chegam com a luz pálida do casario
Enquanto mais além
Com ares suaves de poesia
Uma janela se abre para o amor
Que não vem...

ASAS DO TEMPO

Ah, essa vontade louca de ficar...
A vida inteira, se pudesse eu ficaria,
e a teu lado feliz eu viveria,
horas e horas, sem ver o tempo passar.

Ah, se pudesse, mas tudo me impede
e me arrasta, e me sufoca numa histeria,
que o espírito grita e o corpo cede,
prostrando-me nesta sofrida agonia:

Nas asas do tempo me faço refém,
pedaços de sonho de coisas esquecidas,
confundem-me a mente e a alma também.

Aceno um adeus e vou seguindo além;
como farrapos da vida enlouquecida,
parto e reparto e já não sou ninguém.

CANÇÃO GUERREIRA

Quero fazer uma canção triste
que seja como vento ligeiro...
Uma canção para o povo
como um canto de esperança!
Quero fazer uma canção guerreira
que luta para que voltem à vida
aqueles que declararam sua guerra!
Quero fazer uma canção para
animar os que caem...
Quero fazer uma canção de amor
que seja a de todos os tempos
e para sempre...

E que todos se levantem
e levantem suas bandeiras,
acima de seus corpos e cabeças;
levando todos os sonhos,
a todos os povos da terra
que vivem, amam e sofrem
e ainda esperam
uma canção guerreira...

DEUSA

Um dia surgiste em minha vida
Trazendo ternura e luz em teu olhar
Tudo sorriu quando sorriste
E com teu riso foi-se o meu pesar.

E então vivemos num terno amor
E tudo era alegria, e um doce sonhar
Até que um dia, para a minha dor
Partiste para nunca mais voltar.

Contigo levaste todo meu prazer
Toda minha alegria de viver
Levaste tudo o que trouxeste

Se devia mesmo tão cedo te perder
Deixando em minha vida tanto sofrer
Pergunto, ó céus, por que vieste?

FADA

Saudade eu tenho daquelas manhãs
Em que tênue névoa se desvanecia
E entre raios de sepulcral luz
Sua figura querida aparecia.

E ficávamos, os dois, embevecidos
Nos olhares contritos, emudecidos
A jogar no ar as nossas sortes
Estranha forma de vencer a morte.

Éramos felizes nas palavras sem fim
Feito cartas de amor eterno
Pirilampos de claras luzes.

Hoje não há mais você em mim
Tudo passou e só restou
Solidão em meio às cruzes.

INDIFERENÇA

Ah, esse cansaço de mim, que me aflige
Fazendo do meu querer, um não sei mais
Espezinha minha alma e me agride
Ceifando meu viver e minha paz.

Se eu soubesse um dia, o que sei agora
Poderia ser rio cristalino entre as serras
A correr alegre nos leitos de outrora
A viver feliz, fecundando a terra.

Mas, este tormento que me estremece
Envolto no silêncio que perdura
Aumenta mais e mais a minha dor:

É luz sem brilho, é dia que escurece
É noite solitária, vazia de ternura
É janela que se fecha para o amor...

MANHÃS

Eu quisera ser como as manhãs
Que surgem radiosas por entre serras
A embalar o doce sono do menino
Que sonha com um mundo sem guerras.

Quisera ser como a andorinha
Que busca horizontes a voar sem medo
E que depois, mais tarde se aninha
Num mundo de paz, de amor sem segredo.

Manhãs, sonhar, voar, amar, caminhar
tudo isso quisera ser, fazer, viver
Enquanto não saio de minha janela.

A manhã já se foi e também meu sonhar;
Fico a esperar o tempo correr
No silêncio, uma saudade dela...

NAS SENDAS DO ARCO-ÍRIS
(Valhala)

Nunca precisei de alguém como agora
que esta dor me aguilhoa e me tortura.
Não sei o que será de mim nesta piora.
Punge-me a alma a sofrer esta amargura.

De repente, tudo ficou triste e confuso,
em meio a letras, títulos e pendências.
Não sei até quando ficarei recluso,
à espera que resolvam esta carência.

Enquanto isto a dor agride, me apunhala
o corpo, tudo, o coração, a mente,
tal qual ignota e venenosa serpente.

Serei certamente levado por Odin ao Valhala...
Nas sendas do arco-íris descansarei, e entre
valquírias e deuses viverei eternamente...

PRIMAVERA

Distante de ti, passou por mim a primavera
Cheia de flores, num setembro festivo,
Quando tua presença, mais e mais quisera
Neste meu mundo, que de saudades vivo.

Cantos e odores, neste roseiral sem fim,
Doces lembranças de feliz folgar
Fizeram-me esquecer um pouco de mim,
E sentir teu jeito gostoso de amar.

E absorto neste mundo de encantos
Esqueço da vida, nem sinto o tempo passar
Neste paraíso de adocicadas primícias;

Mas, de mansinho, por entre folhas e flores,
Raios de sol despertam o meu sonhar
Findando assim, minha hora de delícias.

SAUDADE

"Disseram que a saudade
esteve por muito tempo à minha procura.
Bateu palmas, fez serenata,
brincou com as crianças que passavam na rua
e depois em silêncio partiu...
Ainda que o sol se ponha
haverá outro dia amanhã.
Mesmo que os sonhos se forem
outros virão certamente.
Não há mal que sempre dure,
nem bem que nunca acabe..."

Carlos Lúcio Gontijo

Santo Antônio do Monte/ MG

APASSARADO

Não quero conforto de mar
Ser porto de espera não quero
Nem pacífico nem mar morto
Absorto, voo na paisagem
Sou viagem, corro atrás
Ainda que seja fugaz o sonho
Eu me ponho a procurar ...

BARRO

Nosso corpo e do espírito o jarro
Para que sintamos o agir do Criador
Basta-nos o florir do amor num esbarro
Mãos amantes purificando o calor do sarro
No banco multicor do carro do coração
Resgatando em nós a canção do barro

COPO DE CAMPARI

Sinto Falta dos amigos distantes
Que na luta da vida se perderam
Ou antes se acharam em alguma morte
Feito mãe prepara leito de filho
Com o brilho da esperança nos olhos
Arrumo a casa, preparo a sala
Receberia com gala qualquer pessoa
Mas não soa a campainha
O silêncio me ensurdece
Derrete o gelo no copo de "campari"
Em mim o apelo de prece
Tanto zelo pra terminar assim
Sem alguém que me ampare
Ciente de que a carne é mero revestimento
Breve encantamento do espírito em solidão.

EVAPORAÇÃO

Arreio o cavalo baio da saudade
E saio por aí feito raio
Carregando balaio de lembranças
Tropeço em desejos
Em beijos caio
Apesar da procura de outros afagos
Tateio e trago a fumaça de sua presença
Que evapora do corpo em que vagueio...

MEIA-IDADE

O tempo envelhece no meu rosto
Vai na eterna juventude do vento
Por gosto, passa e não me esquece
Mas bem lá no fundo de mim
O mundo das luzes se enriqueceram
Ainda trago manhãs que não amanheceram
Afago do destino no meu caminhar
Dando-me o direito divino de tropeçar

MARES E SHOPPINGS

Por não saber nadar
O mar eu mal conheço
Nem shopping-center sou de freqüentar
Pois na profundidade das águas
Ou na claridade das vitrinas
A chama do espírito humano
Vive o drama de afogar-se

ORAÇÃO DOS CASAIS

Meu bem, sei que Deus protege os casais
Semeia trigais de ternura na pele
Para que o amor sele as marcas da procura
Então, na hora em que a gente for dormir
Façamos jus aos cuidados do Senhor
Por favor, acenda-me quando apagar a luz!

O SER POETIZADO

Em cada coisa um segredo
Na lousa do horizonte o poema
Na esteira do verso o medo-tema
História verdadeira cheira a berço
Homen realista tem apreço por estrela
A vida se entrega a quem sabe entretê-la
Àquele que se estremece poetizado ao vê-la
Pois para Tê-la torrente nos braços
Basta recebê-la feito água corrente
Em compasso de leito e docemente...

PEÃO DE LETRAS

Palavras são novilhos
Novelos de rios, lã
Cavalos bravios, puro-sangue
Na escuridão esperando manhã
Mangue de fala nascente
Veneno de língua poente
Pauta sonhando som
Feno bom para a mente animal
Que não sabe ser silente
Nesta campina dou cavaleiro
Poeta visionário social

Guerreiro, desbravo o dicionário
Matagal de mel em favos
Onde enlaço palavras com laço de céu
Feito abraço, prisão que afaga
Esta é minha saga, minha sina
Que se algum dia termina
Quero meu corpo ao lado da mãe
E o conforto da inscrição final:
"Meu irmão, aqui jaz um peão de letras"

PELAS RUAS DE MARIANA

Assim como os molhos de estrelas
Distante de nossos olhos a verdade dos fatos
O país no mapa do querer das visões
Da pedra-sabão nascem os brilhos
Filhos de anjos quebrando grilhões
Registrando na arte o sentimento humano
Pano de fundo em que se lavra a história
Heróis nas asas da memória das paredes
As nações são como as casas
É preciso juntar cada coisa em seu lugar
Dia do raiar da luta, guerrilhas, altares
Nesses mares a história é festa cigana
Manifesta-se nas ruas de Mariana-Mãe de Minas
Através de todas as sinas e cores
Odores da história, nossa eternidade material

POEMA DO OUTRO

Sobre a linha dos horizontes
O meu poema liberto de palavras
Céu aberto em muitas pontes
Destino a que me doei enjanelado
Para renascer em corpo alado
Sob o ensolarado olhar do outro...

PSICANÁLISE

Na bandeja fria, a mente de Sartre
O olho do Freud que me espia
Eu salgo no vinagre
Degustando o milagre de me descobrir
Perdido numa rua escura de Paris
Bastilha nua que me liberta
Em ilha virtual demarcada a giz!

PRIVACIDADE

Aonde vou levo minha casa
Minha intimidade está no outro
Perco privacidade se me escondo
Ela existe enquanto me revelo
Por autoestima velo o próximo
Como se cuidasse de mim mesmo
A amizade é joia de anjo
Arranjo divino para nossa sobrevivência

SOL ETERNO

Há mais alegria na procura que no encontro
A poesia da vida está na surpresa das esquinas
Em liberdade as diferenças se fazem divinas
Não se toma água limpa em fonte suja
Quem não garimpa dentro de si mesmo
Enferruja com seu toque tudo que amanhece
Não se conhece nem se doa ao próximo
É como canoa que temesse a festa da correnteza
A Natureza acontece na candura da simbiose
Ao horizonte do amor basta a luz da ternura
O sabor da fruta não depende da semente
Vem do calor da mão calejada do plantador
Pôr-do-sol que não se põe no peito da gente!

TEMPO DE ARAGEM

Enquanto dorme a Gerais guardada em sinos
E os portugais desejam além de quintos
Sobre os dias de paisagem destruída
O sol não ilumina, nem vida irradia
Apenas combina jogo de luzes
E levemente consola
Não viola a escuridão
É fogueira em solidão sem claridade
(Daí vem-me a vontade vadia)
De introduzir monarquia em meu país
Pois sentir-me-ia mais feliz
Na pátria que não é minha
Se ao menos identificasse reis e rainhas
Ou tivesse a certeza de príncipes e princesas
Estampados no vazio das mesas
De uma gente que ordeira caminha
Levada por pés de rios de vento
E mil dedos de esperança brejeira
Transformando medos em terços de inteira coragem
Feito Natureza que agredida em seu berço
Faz da montanha o seu templo de aragem
E com sua fé arranha os céus!

Caroline Ramos

Santos/ SP

AOS QUE COMEÇAM...

Se escreves, nesse humilde e obscuro anonimato,
a enfrentar, com denodo, os lances audaciosos,
para a glória de um texto ou graça de um relato,
que não te anule o brilho, astral, dos mais famosos!

Sabes bem que o trabalho é teu fiel retrato.
Se és capaz de conter delírios ambiciosos,
no labor hás de ter o perfil mais exato
do ideal que conduz à frente os vitoriosos!

Quem folheia um jornal, pela manhã bem cedo,
desconhece, por certo, a nobre e intensa lida
que envolve o jornalista em seu diurno enredo.

Mas, quanto o valoriza aquele que, enfim, pensa:
– como seria o mundo apático e sem vida,
sem o bravo clamor... das máquinas da imprensa!

ÁRVORE

Verde bandeira desfraldada ao vento,
árvore amiga, o olhar que te procura
busca repouso e vai achar alento
na sombra que lhe estendes lá da altura!

A sede abrasa! E o fruto sumarento
entregas, com requintes de ternura,
a quem poda a raiz, que é teu sustento
e do solo te traz a seiva pura!

Ramos erguidos, a abraçar o espaço,
tua ânsia de dar não tem cansaço!
Tua bênção de amor não tem medida!

E embora tanto dês e nada colhas,
com o verde pincel de tuas folhas,
vais colorindo de esperança a vida!

E O CARNAVAL COMEÇA

Rompem-se os diques da alma. Nas retinas,
confundem-se as visões do Bem e o Mal.
Momo sacode os guizos! Nas esquinas
e nos salões, estronda a bacanal!

No entanto, há mais Pierrôs e Colombinas,
Palhaços e Arlequins, na vida real,
que os que atiram confetes... serpentinas,
alegria a fingir no Carnaval!

Cinzas! Máscaras rolam! Mas... só a morte,
a derradeira máscara é quem tira.
Momo sorri – talvez da própria sorte!

E o amargor numa dúvida se expressa:
– O Carnaval findou?! – Cruel mentira!
– A vida marcha... E o Carnaval começa!...

NAUFRÁGIO

Neste oceano da vida, tumultuoso,
lancei, cheio de sonhos, um barquinho.
E ele flutuou e deslizou airoso,
vencendo os empecilhos do caminho!

Nos momentos difíceis, sem repouso,
depressa ia ampará-lo o meu carinho
e ansiosa eu via, com secreto gozo,
meus sonhos desafiando o torvelinho!

E chegaste! E de pedra era tua alma!
De papel, o barquinho... e tenso e mudo,
ficaste, quando o mar perdeu a calma!

Contra o recife, o barco soçobrou!
E os sonhos, sem guarida, ao fim de tudo,
um a um, impiedoso, o mar levou!

O SABER

O saber, que arrebata e que mantém ativo
o lampejo do gênio e a fluência da história,
abre portas e as fecha, em rigor decisivo,
soberano senhor das chaves da memória.

Esse mesmo saber pode tornar cativo
o incauto que se ilude às promessas de glória
e, a erguer-se em pedestal, não mais que tolo altivo,
permite que a soberba o enleie compulsória!

Ao ver tombar ao chão seus castelos e aprumos,
na busca ao próprio eu, o homem se desengana
a revelar-se anão de limitados rumos!

Sem saber de onde vem, sequer sabe quem é!...
– Toda arrogância vã, toda a vaidade humana,
desmoronam aos pés, humílimos, da Fé!

PROFECIA
(Elo partido...)

Muitas vezes te disse – tens lembrança?:
– Muda! por nossos filhos! – E, também,
que a renúncia constante anula, cansa,
quando improfícua... e só de um lado vem.

Lembrei-te (quantas vezes!] é a confiança
base que o templo conjugal sustém.
E estremecia a última esperança
de envelhecermos juntos... mal ou bem!

Cumpriu-se a profecia! O eco ressoa!
Cai o arruinado templo! Embora doa,
nossos elos partiram-se! Defuntos,

os sonhos se perderam no caminho!
Tanta mentira e ausência de carinho,
que ao fim da estrada, não chegamos juntos!

PROTESTO DO RIO

Quando Deus fez surgir, do nada, o mundo,
recortou-o de rios que em Seu plano
tinham valor imenso e tão profundo
quanto o fluxo arterial do corpo humano!

A terra floresceu. O amor fecundo
povoou lares. E o homem, sempre ufano,
o Éden que recebeu tornou imundo,
semeando em cada canto o desengano!

Ar e águas poluiu... E os próprios veios,
com seus desmandos, vícios e mazelas!...
E hoje... os rios ocultam, em seus seios,

as angústias das vozes sufocadas
pelos surdos gemidos das sequelas,
num protesto de artérias infartadas!

ROSA DE SANGUE

Dom sublime, a Poesia furta ao solo
as almas simples que Deus prestigia.
E transforma um pigmeu num louro Apolo,
glorificado à luz que não pedia!

Poesia é mãe que o filho abraça e ao colo
recolhe a dor que o peito lhe crucia.
Terno traço de união de polo a polo,
é sol na treva... é luar, em pleno dia!

Poesia é amar a própria angústia! É erguer
a taça da amargura e, sem morrer,
sorve-la, gota a gota, em noite incalma!

É estigma? É carisma? Glória ou cruz?
Poesia é estranha rosa, que seduz:
– Rosa de Sangue... com perfume de Alma!

SECA...

O sol delira! Abrasa! A terra exangue
abre os lábios sedentos! Sem valia,
os rios secam, veios nus, sem sangue,
sugados pelo solo em agonia!

Pele crestada, passo frouxo e langue,
o retirante segue... tem por guia
uma esperança de que o céu se zangue,
lançando sobre a terra a chuva fria!

Chovesse... e voltaria ao mesmo beco...
que enfrentar a caatinga é seu destino!
Mas a chuva não vem... O pranto é seco!

Reza!... O sol, em delírio, mais abrasa!
O céu rubro gargalha! E o nordestino
parte... deixando a própria alma em casa!

VILA DOS ANDRADAS

Nasci naquela vilazinha feia,
sem árvores nem flores nas calçadas.
Rua? Perdão! Errei se assim chamei-a,
era apenas a Vila dos Andradas.

Saí criança e não voltei. Lembrei-a,
saudosa das cirandas nas calçadas.
Foi lá, que eu aprendi que a lua cheia
era a Mansão dos Sonhos e das Fadas!

Não mais existe a minha velha Vila,
mas, pobre e triste, seu passado atesta
que nela havia luz que ainda cintila

a ultrapassar os sóbrios horizontes:
– Naquela Vila, plácida e modesta,
viveu, rimou o nosso Martins Fontes!

Lecim Calixto

Pinhalão/PR, 1926

Tomazina/PR, 2008

A MORTE

Desejo nunca essa megera intrusa
Que desnorteia o sentimento humano,
Traz a tristeza na inversão confusa,
Lesando a paz com seu injusto dano.

Fere a harmonia sem pedir escusa,
Leva a família ao desespero insano.
Abre lacuna que o viver recusa
Na concepção de um funeral tirano.

É dor da ausência que jamais se cala...
E a taciturna solidão propala
Numa saudade que jamais se esvai.

Esmaga a fé e não aceita prece;
E mal profundo que jamais fenece
No condoído coração de pai.

A SIBIPIRUNA E O VENTO

Sibipiruna se dispõe ao vento
Que afoito abraça sua copa inteira.
E nem repara o meu olhar atento
Sobre a calçada – amarelada esteira.

Ela se entrega sem nenhum lamento
Ao vil pintor que não tirou carteira.
Hoje percebo que o maldoso intento:
Foi dar às pedras incomum floreira,

Ele se esvai, mas o amarelo fica
Para escutar da natureza rica
A aprovação que justifica o pranto.

E quando verde acolhe com carinho
No seio ameno, agasalhando ninho,
Que reproduz da natureza o canto.

CADÊNCIA E RIMA

E com razão eu idolatro a musa,
Por ela eu tenho excepcional encanto.
Se alguém a enfrenta em formação confusa
Sofre o reverso e se debruça em pranto.

Quando tropeço tenho logo a escusa,
Recebo aplausos quando é belo o canto.
E quando a quero ela jamais recusa
E a gentileza é de causar espanto.

Não deixarei esta paixão genuína,
Pois seu carinho é de elegância fina
Na conclusão do pensamento extremo.

Brado ao sentido que do peito arranco,
Uso a textura e a divergência tranco
Para elevá-la ao pedestal supremo,

COLHEITA DA FÉ

É pouca chuva! E o sol sem dó castiga
a terra arada que semente espera.
A luta insana não lhe traz fadiga
e nem fenece a singular quimera.
.
A vocação não lhe sugere briga
e nem o ódio o coração verbera.
Chuva madrinha há de lhe dar a espiga
que no paiol o dissabor supera.
.
Vai à capela e de emoção se agita
e ao Lavrador que lá no céu habita
em pranto implora tudo a nova empreita.
.
E a chuva cai... tão silenciosa veio...
para alegria do celeiro cheio
e à gratidão pela integral colheita.

ELA GOSTA DE MIM

A inspiração está chegando intensa
E como sempre com perfil prendado.
E a pena minha satisfeita pensa
Que novamente vou sair premiado.

Por ela meu amor torna-se crença,
Por isso a cuido com denodo agrado.
Se está comigo não permito a ofensa
Nem no esmerado verso algum quebrado.

Ela merece o pedestal da glória
E é dela toda singular história
Da perfeição que vou lhe dar um dia.

Esta humildade se tornou tão franca
Que desfraldei minha bandeira branca
À santa guerra à prosa sem poesia.

ETERNAMENTE VIVO

O nome Dela me enternece ainda
E traz a paz da qual viver consigo.
E Ela percebe que será bem-vinda
Com todo ardor de verdadeiro amigo.

O amor primeiro é a estação mais linda
No calendário que a cultuar prossigo.
Reminiscência que o passado brinda
O coração de quem lhe deu abrigo.

É na velhice que a saudade aponta
Certo ciúme não levado em conta
Pela indulgência carinhosa e boa.

Certas lembranças de tamanho gosto
Trazem rubores ao vetusto rosto
Se as confidências o presente entoa.

FORA DA VEZ

Ela me disse: "Você que escreve, Cecim, faça agora algo, olhando para mim, sobre o final da vida

A tia Zaine, extremamente terna,
Tem o segredo de acolher família.
E no seu rosto a floração materna
Ressalta o olhar que de ternura brilha.

Mostra carisma na oração fraterna
E nos conselhos o esplendor da trilha.
Aos descendentes, na razão moderna,
Transmite agrado que a emoção fervilha.

O seu pedido atenderei depois...
Saiba, querida, que terá nós dois
Sempre ao seu lado, sem dizer-te talvez!

A nossa vida está ligada à sua
E o seu recado no meu senso atua,
Porém... espere... não chegou a vez.

MISTERIOSA FLOR

Na tenda minha a flor mais triste nasce,
Não murcha nunca e nunca perde a cor.
Não sei seu nome, mas se alguém contasse
Teria, com certeza, o meu louvor.

Que bom se um dia a própria flor falasse
Seu nome, assim por certo teria autor.
Nobre sigilo da orgulhosa classe
E tal segredo ela me quer impor.

Tanto mistério é de corar a face...
Mas sem desdém eu lhe propus enlace
Que recusou sem transmitir maldade.

Hoje senil na solidão, compondo,
Ouvi do céu – todo estelar clamando –
Seu nome dói, poeta, é a flor saudade.

SAGRADA MISSÃO

Às delicadas mãos de um padre amigo
Eu fiz chegar um livro meu versado.
Certeza eu tinha, não daria abrigo
Às más versões meu espontâneo agrado.

Escrevo verso no modelo antigo:
Cadência e rima sem nenhum enfado,
E a presenteá-lo, com prazer, prossigo
A quem cultua esse pendor amado.

Com devoção nesta missão eu sigo
Porque recebo onde plantar o trigo
E a terra boa que à colheita induz.

Bem certo estou de que o cristão aceita
E está comigo na missão perfeita
De expor o verbo da divina luz.

TESTAMENTO

Labuto em vão a costurar futuro
e a delinear as coisas que preciso.
Mas se me ligo, permanece escuro,
certo porão que se me hospeda o juízo.

Colhendo pedras ao projeto, aturo,
toda vileza que não tem aviso.
E já percebo que a sangrar procuro
as frágeis notas do obscuro siso.

E inalcançável tudo que imagino,
por isto aceito o freio ao meu destino,
na busca atroz de uma ilusão que existe.

Poeta...! Vale o teu anseio justo...
pois sabes bem que saberão o custo
todos que lerem teu soneto triste.

Lecy Barbosa Campos

Juiz de Fora/ MG

CLAUSURA

Poemas sem voz
trancados nas gavetas,
Pedaços de mim,
aprisionados
em gritos
sufocados.
Cada poema
sem ar, trancafiado,
é o meu próprio
assassinato!

CONFUSÃO

Meus caminhos confundidos
em múltiplas encruzilhadas
foram todos roubados ou perdidos.
Fico parada sem ter para onde ir
com rainhas lembranças requentadas
e saudades não sei de quê.

DESESPERANÇA

A boca vazia
os olhos grandes,
vazios...
O prato vazio,
panelas brilhantes,
vazias...
Menino vazio,
sem graça, sem jeito,
sem nada no mundo,
sem sonho, sem ânsias,
sem nada a esperar,
espera cansado
a vida seguir.

ENLEVO

A ternura silente
de tuas mãos
afaga a minha face.
É uma carícia tão real
que penso que estás presente.
A lágrima,
prestes a forrar,
encolhe-se e volta aos meus olhos
brilhantes de alegria.

EXORTAÇÃO

Não caminhe tão suavemente.
Pise firme – marque sua passagem.
Não se vá, alienadamente.
Sua participação é central e necessária.
Não se transforme num rosto sem face,
numa imagem perdida que no tempo se esvai.
Não se perca num emaranhado de boas intenções
grite, lute, eleve sua voz, faça-se ouvir.
Não se comprometa com o silêncio,
aceitando as migalhas que sobraram.

EXPLICAÇÃO

Procurando motivos
para explicar a vida
não entendo as justificativas.
Não acho explicações adequadas
aos sofrimentos e dissabores
que atingem os homens
em seu estágio terreno.
A caminhada é árdua.
Valerá a pena?

FELICIDADE

Felicidade é aproveitar cada momento
e cada raio de sol ou brilho prateado
que ilumina nosso dia ou nossa noite.
É sentir os pingos da chuva refrescante
que vai preparar o solo com cuidado
tornando-o macio e confortável
para o pequeno broto que, em breve,
vai despontar alegre,
saudando a natureza.
É respirar bem fundo, intensamente,
para sentir o cheiro do mato vigoroso
que nos traz a vida com energia.
É olhar o mar em ímpeto fremente
abraçando o rochedo enamorado.
É ir além do horizonte inatingível
mergulhando no azul, em transcendência
para o mundo invisível à nossa espera.

FINGIMENTO

O seu amor não existe,
mas se existe, não se explica.
Existir pra tanta gente
é mentira, é falsidade.
Eu peço: não diga nada,

deixe eu fingir que acredito
que sou parte de sua vida,
que sou sua outra metade
sem que outras nos dividam
tirando a suposta unidade.

FLORES

Sempre gostei de flores
mas nunca me preocupei muito com elas,
embora as contemplasse, várias vezes,
quando a gentileza de um amigo
celebrava a importância de um momento,
ofertando-as.
Agora que estou sozinha
as flores se tornaram
uma alegre companhia,
trazendo ao meu coração
um doce enlevo.
São elas que me ajudam em minha caminhada
dando-me a impressão
de estar acompanhada,
de que alguém da família
vai entrar a qualquer hora
e compartilhar da beleza colorida
que enfeita a sala.
As flores, comigo aguardam
o elogio, entusiasmado,
de quem chegando ao lar, feliz se sente
com a atmosfera perfumada e esfuziante.
Elas preenchem o vazio de uma ausência,
perdoando em silêncio
a antiga indiferença.

FORTALEZA

Folhas de palmeiras dançando alegremente,
ao ritmo da brisa vespertina
enquanto mar e céu se misturam
em um mundo de azuis.
Pequenos barcos, com velas muito brancas
sobem e descem embalados pelas ondas.
Neste cenário, a cidade é um poema
que mostra como é certa a sua rima,
pois Fortaleza
é Beleza.

INVASÃO

A primavera chegou de madrugada
e entrou pela janela do meu quarto
vestida de prateado.
Enluarando a minha cama
cobriu o meu corpo insone
e anestesiou os meus sentidos.

NAUFRÁGIO

O meu navio
não encontra porto
e, jogado ao léu pela corrente,
vai se perdendo
no meio da intempérie.
Sem destino vagueia
e de encontro à rocha indiferente
acaba destroçado
até que, à deriva,
fica perdido no fundo do oceano.

SILÊNCIO

O silêncio, pleno de sentidos,
ressoa eloquente.
Protesto, acusação,
completam o diálogo
ou representam a omissão.
O silêncio é resposta, é resistência
ou será renúncia?
É desafio,
com múltiplos significados?
O silêncio imposto
pela sociedade,
pela subalternidade,
pela desigualdade,
deixa marcas,
traumatismos delirantes,
vivências constantes.

TEMPO

O olhar embaçado
pela névoa do tempo
oculta as tristezas
que se tornam menores,
pouco a pouco
amenizadas.
As alegrias também esmaecem
e transformam-se
em situações corriqueiras.
É a vida que se esvai,
gota a gota,
devagarinho.

Daniel Mauricio

Curitiba/ PR

Ah, Jaguariaíva...
Dos contos
Dos cantos
Dos encantos.
Em tuas ruazinhas,
Meu coração
Paralelepípedo.

Ante a tua ausência
Visto meus dias de inverno
E nas noites hiberno
Pensando calorosamente em ti.
Desembrulho os sonhos guardados
Repisando cada minuto ao teu lado passado
E a esperança
Brota de novo em mim.

Ao tocar-me,
A pele da minh'alma se arrepia.
Não conto os anos
Saboreio cada dia,
Eternizando o nosso amor
Com muita alegria.

As imagens do tempo
Ficaram encalacradas
No velho espelho
E o sorriso sem jeito
Ficou imperfeito pela mancha no aço
No corredor semi-escuro
Com ladrilhos em mosaico
Desfilam lembranças
Com chinelos de veludo
E o espelho
Com olhar cansado
Já não guarda mais segredo
Com silêncio centenário
O relógio de parede
Assiste a tudo
Pois já os seu ponteiros
Parados
Marcam um tempo indefinido.

Basta ver pela aparência
Que a minha carência
Coube sob medida
No recorte do teu colo.

Com maestria
Do meu corpo
Arrancas notas de alegria.
Bemóis e sustenidos
A exaustão,
Dos movimentos repetidos
Sem nenhuma pausa
Da alma em êxtase
Escapa um desafinado gemido.

Depois de tantos desenganos
Fui pulando os anos
Deixando a casca ficar grossa
Com o ardor do sol.
Me embrenhei pelo deserto
Escolhi não ter ninguém por perto
Num tuaregue errante me tornei.
Meus passos o vento varre
Mas o amor feito miragem
Me ordena a prosseguir.

Desiludida,
Na sombra do meu silêncio
Me protegi
Mas tão ingênua
Não percebi
Que você já estava
Todo tatuado
Em mim.

Deslizam saudades
Nas gotas miúdas
Da garoa silenciosa
São lembranças que escorrem
Histórias que correm
Saídas do esconde-esconde
Setenta são os anos
Mas muitos mais estão nos planos
Daquele lá de cima
A alma tão jovem
A todos comove
Com as palavras não faz regime
Assim mantem-se tão forte
Na prece busca o seu norte
Sob a luz divina.

(Homenagem ao amigo e irmão George Abrão)

Emoldurado
Guardei meu sorriso
Pois quem sabe
Encontre abrigo
Nas paredes do teu coração.

Índios,
Ao longo
Dos séculos
Sambaquis
De almas...
Na natureza,
A vida
Clama
Em silêncio.

Lá vem o caranguejo
Pra plateia jogando beijo
No desfile do jacaré,
É, é, é!
Responda quem souber:
Será que o jacaré
Tem um Wi-Fi no seu boné?

Lembranças...
Nas flores antigas
Páginas amareladas
De lágrimas manchadas
Cartas de amor.

Matinalmente
Vestido de poesia
O colibri
Faz a sua serenata.

Na palma de minhas mãos...
Linha da cabeça
Linha do destino
Linha da vida
Linha do coração
Misturam-se todas
As minhas e as tuas
No ato de dar as mãos
Confunde-se a cigana
Pois um só
É o caminho de quem ama
Que mostra-se tão evidente
No andar contente
Com um entrelaçar de mãos,

Na poeira cósmica
Com o dedo,
Eu te amo escrevi
Quem sabe assim
O Universo compreenda
E traga você pra mim.

Nasceu flor
Mas no jardim
Não floriu
Foi no silêncio da mata
Que por encanto de fada
A cor da sua alma
Desabrochou.

No colorido das luzes
Em vão procurei
O sorriso do dono da festa.
E ao espiar pela fresta
Minh'alma continuava vazia,
No pinheirinho iluminado
E nos pacotes de sonhos embrulhados
Em vão procurei
O sorriso do dono da festa.
Na vacilante chama da vela
Que dançava com o vento vindo da janela
Encontrei uma fé que ardia.
E nas sombras projetadas
Na velha parede carcomida
Mãos postas em prece agradecia
Foi ali, com lágrimas nos olhos,
Que encontrei o sorriso do dono da festa.

Passastes em meu caminho
Feito um asfalto quente
E tudo ficou diferente
Que até hoje
A tua ausência dói em mim.

Pintei
Minh'alma de Poesia
Deixei depressa
Escorrer o dia
Pra que à noite com calmaria
Em sonhos, ao menos,
Pudesse te ver.

Segui,
Mesmo às cegas,
Sentindo o cheiro da tua luz
Que n'algum lugar do mundo
Em chamas ardia
A me procurar.
Náufrago não sou mais,
Pois o brilho do teu sorriso
Me mostra a direção
Neste vasto mar.

Pingir Leite

Paranavai/PR

ACORDEI

Hoje acordei...
Então vi há quanto tempo dormia
e não via a vida fluir...

Os momentos perdidos de viver
outro amor, outra vida, amores...

Eu me achava condensada
em paixão. Respirando você
que não olha e não vê esse amor
que envolve meu ser
me fazendo sofrer em anseios
de ter o meu corpo em seus braços
e sua boca, a minha, a beijar.

Acordei e deixei você ir.
Esvaziei o meu ser de você.
O meu ventre e o meu coração
nunca mais sofreram a carência
ilusão do sonhar...preencher
um vazio com ar.

ENCANTAMENTO

Minha mãe de branco eu vi,
sentada em belo jardim,
onde havia beija-flores,
araras e um juriti.

Não tinha ar de madona,
nem era fluída, etérea.
Era real e tão bela;
do jardim ela era a dona.

Não valsava, nem cantava,
quedava-se pensativa;
com suas mãos ajeitava
linda guirlanda florida.

Minha mãe era poesia
feita de branco e de flores,
de sons azuis, de tons claros
de luz, de brilhos, de dia.

De raios ensolarados,
iluminando os cabelos;
de corpo esbelto marcado,
pelo vestido vermelho,
seu ar suave, inocente.

Minha mãe tece a coroa
com seus dedinhos gentis,
alinhando as florezinhas
tão leves e tão sutis.

A sua pele é tão alva
que ao vestido se incorpora;
seus gestos são tão suaves
recendendo à malva, aurora.

Os seus cabelos sedosos,
– cascatas de caracóis –
junto dos seios resvalam,
entremeadas de sóis.

Brilhos e luzes agitam
os cachos negros, macios,
que bailam ao som do vento
buscando cor, movimento.

Minha mãe urde a grinalda
pelas mãos e pelo olhar –
indica o seu coração,
de uma beleza, sem par!

Minha mãe é tão bonita...
Pequena, leve e catita!
Parece um sonho encantando,
em seu jardim-paraíso.

Ela tece a uma coroa
e, coroada, ela está,
de luz, de sons tão azuis,
de pássaros e borboletas,
de pingos d`água, garoa.

Minha mãe termina a obra,
feita com tanto primor...
Oferta a mim a coroa,
entrelaçada de amor.

Minha mãe, mamãe, mãezinha,
Sua luz em mim reluz.
Batizada de Tereza,
viveu, por obra do amor,
Terezinha de Jesus.

ESPECTRO

Uivo tristonho do vento
mexe a Saia de névoas em ondas
virgínio claror e sombras
sonho chorado em lamento.

Farfalho suave na noite
enfeite a vigília e temor
aos destemidos amantes, candor.
Vento em carícia e açoite.

Namorado ardente, à amada
desvela desejos, amores
madrugada em primeiros alvores
vidra sítio, amantes, estrada.

O vento sibila ternura
unido ao amor de paixão.
Balouço de Rendas, ventura.

Enlevo aos três seres, fusão
eflúvios dos beijos roubados.
Névoa nutrida. Cumprida a missão.

Manhã surge, em brilhos prateados
que cobrem o lago e, no seio, acomoda
o perfume dos enamorados.

A superfície de prata se borda
abre fenda à Saia de renda
desvela o noivo que acorda
na espera de amor e lenda
visão das névoas que roda
as rendas dançantes – faz-se moda
alimento que desce à senda.

No fundo, o noivo no aguardo
da paixão em murmúrio soprado
no sonho invivido, sustado.
Amor proibido...petardo
outrora bordado na vida...

Estilhaços nas águas do lago
lavando as mágoas e o mago
sonhado. A vida explodida.

Tormento refreado, aziago
banhado nas águas sutis
arredondado em conta, bago.

Margaridas perfumadas de anis
acolhidas, do lago, a partir
o licor, ficar gris.

Flores jovens em voo radical
mergulham na água o porvir
abraçadas escolheram dormir
repousar o fardo em tumbal.

No lago caíram a espargir
o amor proibido em ritual
jamais encontradas a emergir.

Nem procuradas afinal
puderam o fardo abrir
escorjar, no amor sepulcral.
Morada recebe o delírio
e transcende o amor sonial.

ESTAÇÃO FINAL

Ó Deus! para onde foram os meus pais,
No trem, que já partiu com ferro a sina?
A marcha embala fúnebre, a menina,
Vestida em breu, na dor dos funerais.

Triste menina, alheia e tão franzina,
Leva nas mãos, os três galhos florais,
Sem cor, ceifados dos trilhos mortais
Oferta de uma flor cadavérica.

Ao Deus que abriga os mortos desse trem,
Soturnos, Já imóveis e sem vida,
Tais olhos cegos, no trem de partida.

O delelém-dém-dém, funéreo sino,
Avisa e vem o trem! Passa sem tino,
Sobre a menina que embarca também.

LIBERTA

A fidalga menina
em nobreza nascida
e destinada à vida
e amores em palácios...

A consorte de reis
elegante senhora
a sonhar com a aurora
escolhida e venturas...

Mas chegado o crepúsculo
da nata majestade
teve pouca saudade!

A esmerada viúva
impecável da mente
aos pés...e as suas mãos
a saudar, sem a luva.

Divenei Boseli

São Paulo/ SP

A ESPADA

A espada, na bainha, eu a trazia
nas dobras do meu manto de consorte,
férrea defesa em nosso dia a dia,
imprescindível para vida e a morte...

...Tu tinhas um punhal de fino corte:
à tarde, e, tendo sorte, ao meio dia,
colhias frutos, único suporte,
que a prole, em algazarra, recolhia...

Com teu punhal... um dia me mataste,
como quem colhe o fruto de uma haste
e a todos fazes crer que a culpa é minha...

E agora, vens à minha sepultura...
Mas eu, sem ter remorso ou amargura,
já tenho a espada fora da bainha!...

A DESPEDIDA

O amor parece eterno enquanto dura,
por força da paixão que, sendo chama,
incendiando a carne, crema a cama!
No café da manhã se faz candura...

E a dois vai, no verão, rolar na grama,
na várzea, no curral, e a mais impura
das camas de motel lhes assegura
o encanto inenarrável de quem ama...

O amor constrói, corrompe, danifica
por força da paixão: queima e não fica
para curar sequer uma ferida...

Partir? Chorando ou rindo? Tanto faz...
Dizer adeus ou não?... Tudo é falaz!
Cruel e verdadeira é a despedida...

ANJO NEGRO

Tentando em vão ouvir a voz do sino
sepulto nas sepultas pedras brutas,
eu perguntei ao mar: – com que permutas
o som que eu tento ouvir com desatino?

Assim foi quando eu quis, do meu destino,
sondar os socavãos das próprias grutas
que guardam até hoje, hostis e astutas,
meu barco sem timão: meu próprio tino.

Mas, vendo entardecer o meu desgosto,
a lua branca e o sol, já quase posto,
descerram do mistério o denso véu

e um anjo cor da noite, abrindo a trilha,
levou-me ao céu recôndito da Ilha
e eu cavalguei o mar dentro do céu!

CARRO DE BOIS

Eu sinto a mansidão de um boi de carro
e meu carro de bois roda mansinho
por mais íngreme e hostil seja o caminho:
às vezes só de pedra, outras de barro.

Sabemos, eu e os bois, que há um passarinho
cantando em cada arbusto em que me esbarro.
Do cheiro do gambá não me desgarro...
Mas ouço, de uma fonte, o burburinho!

Eu sou carro de bois rodando agora
caminhos que a saudade, mundo afora,
abriu, redesenhando o meu sertão.

A mata com veredas tem meu jeito:
veredas são as veias no meu peito
bordando esse meu triste coração!

FUGA

Fugindo à solidão, a largos passos,
nos braços da ilusão fui por aí,
fingindo a exatidão com que senti
a túrgida emoção de outros abraços.

Burlando a perdição, feito um saci,
ergui nova paixão sem embaraços,
forjando a frouxidão dos nervos laços
depois da ebulição que consegui.

E gozo em cada corpo, em cada cama,
o autêntico prazer que só quem ama
conhece, e só acontece isso, porque

em cada boca estranha eu bebo um pouco
do fel com que matei, num gesto louco
o louco amor que eu tive por você.

LUCIDEZ

Se eu te disser que sou feliz agora,
nesse momento em que a razão cochila
e, na modorra, enxerga só a mochila
que carregavas quando foste embora;

que o meu rancor, agora, não destila
o fel que dentre estas paredes mora,
e que saudade alguma hoje devora
o coração que recobri de argila;

se eu te disser que a porta do meu quarto
por onde tu partiste foi o parto
da solidão que eu quis, sem dor, sem ira,

por hoje, podes crer, mas toma tento:
È falsa a lucidez do meu tormento
e tudo o que eu disser, hoje, é mentira!...

LUZ

Se a vida fosse apenas um brinquedo
e o medo fosse apenas ilusão,
se o amor fosse despido de segredo
e a dedo se encolhesse uma emoção,

se a voz tivesse a força de um torpedo,
a pena fosse um traço de união
e as deusas, num telúrico bruxedo,
tornassem verdadeira a compreensão,

seriam não apenas operárias
da indústria, do comércio e mesmo agrárias
as tochas geradoras dessa luz

que eu penso poder ver quando a mulher
dispensa "Cirineus" e, como quer,
carrega sem ajuda a própria cruz!

POR QUE?

Homem, que te deitaste, ousado, em minha cama
e comigo fizeste os filhos que tivemos,
como é comum ao ser que vive, luta e ama
e mostra a todo mundo a farsa que vivemos;

homem, que me envolveste em ardilosa trama,
comigo tripudiaste e, em brigas, nos batemos,
como é comum a quem faz da comédia o drama
e vai expor na feira os sonhos que vendemos;

a quem eu escrevi meu verso mais amargo,
por quem cedo verti a lágrima mais linda
e tarde desprezei, audaz, com gesto largo;

se até já te esqueci, se a nossa trilha é finda,
por que te escrevo agora estes versos de embargo?
Se não te quero mais, por que te escrevo ainda?...

RESSURGIMENTO

Quando voltares – mesmo de repente –
não te farei cobranças. Meus dois braços
transformarei em dois singelos laços
para envolver-te doce e ternamente.

Se eu vir em ti as marcas de fracassos
desviarei o olhar, discretamente...
Discretamente, se me vens contente,
não pedirei relato dos teus passos...

Ressurgirei das cinzas negras, frias
que me cobriram por milhões de dias
enquanto andavas por jardins (ou lodos...)

E mais que o antigo amor, o amor de agora
me levará enquanto tarda a aurora,
por sobre as nuvens, entre os astros todos!

VOLTEI

Rasguei o teu retrato em pedacinhos,
também as cartas, sem as ler de novo,
sem rumo, fiz das ruas meus caminhos
e caminhei, sem medo, junto ao povo.

Eu, que de um sonho nunca me demovo,
domei meus sentimentos mais mesquinhos:
ramada seca a espera de um renovo
que superasse a sanha dos espinhos.

Tudo ilusão! Ninguém secou meu pranto
enquanto andei por uma eternidade:
Voltei sem fé nenhuma, em nenhum Santo...

Voltei? Não era eu... Na realidade,
morri em cada rua, em cada canto...
Quem volta é só um fantoche da saudade.

Dorothy Jansson Moretti

Três Barras/SC, 1926

Sorocaba/SP, 2017

AINDA ... A PRIMAVERA

O tempo corre em compasso inclemente,
levando pais, amigos, mocidade;
e um dia percebemos que saudade
é agora a sombra única e presente.

Não resistiram à fragilidade
os nossos sonhos bons de adolescente,
e outros de fase ainda não descrente,
há quanto tempo jazem na orfandade!

As estações sucedem-se, entretanto;
não as atinge o nosso desencanto...
Verão, Outono, Inverno... Ah quem me dera

que abrindo essas janelas do passado,
eu sentisse que nada foi mudado,
e que lá fora... ainda é Primavera.

CADEIRA DE BALANÇO

"Tanto luar assim...?! Só pode ser engano"
Miguel Russowsky (1923 – 2009)

Ao suave balanço da cadeira,
ao clarão do luar, em meu recanto,
o sonho, de investida sorrateira,
me envolve com seu místico acalanto.

Se a lua é mentirosa ou verdadeira,
não importa; eu me entrego ao seu encanto.
(A vida é tortuosa e passageira,
mas eu aceito em paz meu tanto-ou-quanto).

Rebrilha a lua, a cadeira balança,
e eu, galopando ao dorso da lembrança,
revivo a minha saga, ano por ano.

E enfim, de volta à cena que me inspira,
tudo parece uma grande mentira...
Até o luar, também.... parece engano!

CAUSA MORTIS

Todo mundo que chegava
ao velório do Candinho,
penalizado, falava:
– Morreu como um passarinho.

Um bebum que ali se achava,
curioso, entre o burburinho,
a cada passo escutava:
– Morreu como um passarinho.

Chega alguém que, comovido,
pergunta-lhe ao pé do ouvido:
– De que a morte foi causada?

E o bebum, em tom de prece:
– Também não sei, mas parece
que foi de uma estilingada.

DIA BRUSCO

Plena manhã é um triste lusco-fusco
como se a tarde já tivesse entrado.
Que depressão me traz o dia brusco,
tudo cinza, sombrio, meio enlutado!

As casas vestem-se de um tom pardusco,
tudo parece velho e desbotado...
Inutilmente, em cada canto eu busco
o brilho e a cor de um dia ensolarado.

Adoro o sol. Adoro a chuva mansa
que alegre cantarola na enxurrada
e me recorda os tempos de criança.

Mas dia brusco, seco e carrancudo,
tange meus nervos e eu, mal-humorada,
só vejo sombras de velhice em tudo!

FOI DELE A SORTE

Genoveva, uma negra solteirona,
quase banguela e bem desengonçada,
apesar de feiosa e cinquentona...
de repente a notícia: Está casada!

E o noivo?! Um ruivascão bem apanhado,
uns vinte anos mais moço, com certeza...
Fato esquisito e tão disparatado
causa na vila uma enorme estranheza.

Diz à negra um compadre malicioso:
"Poxa, Nha Véva, que eu já tô curioso;
mecê achou um rapagão tão alinhado..."

E ela, vaidosa, arreganhando um dente:
"Pois é... tinha um montão de pretendente,
mas a sorte foi dele... tá premiado!"

FOLHAS ESPARSAS

Quando a tarde, ao cair, toda dourada,
lenta transmuda em gradações cambiantes,
sinto minh' alma sensibilizada,
afinar-se ao sabor dos tons mutantes.

E os versos que componho em tais instantes
assumem cor ardente ou desmaiada:
vivos do leve Alegro aos sons vibrantes,
tristes, do grave Adágio à dor velada.

São notas desprendidas da Sonata,
dispondo um clima de jovial Cantata,
ou da Pavana o sufocado grito.

São folhas soltas, pelo vento esparsas...
Verdes ou murchas, voam como garças,
deixam meus sonhos no azul do infinito.

MUTAÇÕES

Longe, no céu tão diáfano e sereno,
as nuvens brincam de fazer figuras;
traçam imagens, erguem esculturas,
vivo painel sobre o horizonte ameno.

Um cavaleiro em sólida armadura,
na torre de um castelo aguarda o aceno;
além, um monstro a baforar veneno,
aqui, mansa ovelhinha toda alvura.

Tal como as nuvens o destino é incerto,
em nossa vida as ilusões se agitam,
juntas, no tempo, às horas de amargura.

Vento que insufla a areia no deserto,
mas cessa, enfim.. e em nossa alma palpitam
os anseios de paz e de ventura.

POETA

Nunca lhe falta a sensibilidade,
a sutileza, o dom de transferir
às palavras toda a expressividade
na alegria ou na mágoa de sentir.

O poeta é assim, é versatilidade...
Seja o que for que intente traduzir,
mergulha em vida, em sonho, em realidade,
faz de uma noite a aurora reflorir.

Transcende as dores de um mundo sofrido,
pisa os mistérios do desconhecido,
traz as estrelas para o nosso chão.

E quem o escuta, exclama, fascinado:
"Era assim que eu queria ter cantado,
se soubesse escrever minha canção!"

TEMPO

O tempo apaga um sonho já desfeito
na aridez de uma vida mal traçada,
uma paixão que se evolou do peito
como essência do frasco evaporada.

Tudo finda, como água já passada
que não retorna nunca mais ao leito:
do tempo que se foi não resta nada,
é verbo no pretérito perfeito.

Mas no incontido caminhar dos anos,
paciente, a transportar os desenganos,
ele ameniza o nosso sofrimento.

Lava que esfria e se transforma em rocha,
se algum desgosto ainda nos arrocha,
o tempo é o óleo bom... do esquecimento.

UM OLHAR SOBRE SOROCABA

Em pleno ciclo de tantas tropeadas,
quer de mulas, ou quer também de bois,
Sorocaba levanta as mãos armadas...
Mil oitocentos e quarenta e dois.

Passa o século. A poeira das estradas
vai-se apagando e vão florir, depois,
as lindas laranjeiras carregadas...
Mil novecentos e quarenta e dois.

Os ciclos vão-se de outros distanciando...
Do bandeirante ao têxtil se afastando,
a indústria abre, imponente, o seu roteiro.

E hoje, aos ventos do tempo e seus avanços,
Sorocaba levanta os braços mansos,
e torna irmãos... filhos do mundo inteiro.

Edy Soares

(Edmardo Lourenço Rodrigues)

Vila Velha/ ES

AMARRAS

E então eu me emaranhei
Nos espinhos da flor que beijei,
Da flor que me ganha,
Que me arranha,
Que me banha de amor.
Da flor que me enobrece,
Calor que me aquece,
Perfume que me acompanha
Onde eu for.
Que embriaga minha alma,
Afaga-me e me acalma
Enfatizando o sabor
Dos beijos que ganho,
Aí, eu me assanho
E me entrego a esse amor.
E então eu me perco
Nos caminhos que mais desejei.
E então me emaranho e me arranho
Nas amarras de onde jamais escapei.

DESALENTO

Quem vai nunca vai sozinho,
leva um pedaço da gente;
quem fica não fica inteiro;
pois, a alma fica doente.

Quem fica sente saudades,
o soluço sufoca o peito.
Quem chora apascenta a alma;
quem sorri, o faz com respeito.

Qual livro na prateleira
e conto que vai pra memória,
a saudade rasga o peito,
qual página que finda a história.

A lágrima, que lava os olhos,
não leva a dor de quem chora.

EDIÇÃO

Se é falso o que é falado,
Se o que ouço e vejo é editado,
Tiram-me direito de autenticidade,
Ocultam-me o que é a verdade.

Se manipulam o que me é mostrado,
Se censuram o que me é contado,
Falseiam a realidade
E destroem a moralidade.

O improviso nunca é o feio;
É o novo sem ter rodeios;
É falar sem o texto montado;
É a fala de quem tem coragem;
É a verdade sem camuflagens;
É o brado de quem não aceita calado.

ESPERANÇA

Sem a presença tua,
Hoje, nem a companheira lua,
Que sempre ilumina a rua,
Quis me ouvir.

Simplesmente se escondeu
Atrás da nuvem escura,
Pra não dividir, comigo,
A tristeza que não dissipa.

Egoísta lua, que nos via,
E eu com ela te dividia,
Agora me deixa só.

Até a brisa, que chega,
Tem por companheira a chuva fina.

Choro eu
Na noite de breu.
Não deixo que caia,
E recolho cada lágrima,
Pois cada uma te pertence
E tem tua essência,

Guardo-as para ser o perfume
Que me embriagará,

Com elas ungirei meu corpo,
Para que na tua ausência,
Tragam a mim tua presença,
Nem que seja na ilusão
De eternamente te esperar.

ETERNO AMOR

Queima-me no peito, palpitante,
com os meus olhos chorando ao te ver,
um coração que por um instante,
ofegante, quase não quer bater.

Posso ver em teu doce semblante

que ainda não conseguiste esquecer,
ao entregar-te pra tantos amantes,
o grande amor que assisti fenecer.

Meu corpo ainda tremula e sua
quando te vejo andar pela rua.
Lábios lindos que me pertenceu.

Mas o tempo passou não tem jeito,
vais levar nosso amor em teu peito,
que pra sempre vou levar-te no meu,

ETERNO AMOR II

Diante dos olhos teus,
meu corpo tremula e sua,
se olhas dentro dos meus,
minh'alma se sente nua.

Meu coração se perdeu
de amor por ti, bela musa,
se teu amor percebeu,
toma- me, usa e abusa.

Toma minh'alma acanhada,
dá-me tua boca molhada,
molha meus lábios nos teus,

Encosta-te sem pudor,
toma de mim esse amor
que a ti sempre pertenceu.

MÁQUINA DO TEMPO

Vou inventar a máquina do tempo.
Vou voltar e fazer tudo outra vez.
Quero ter certeza de que meus erros e acertos
Foram os alicerces da minha lucidez.

Não repudio um só minuto vivido.
Não tenho dúvidas de que tenho muito a caminhar,
Mas cada pedra, que lapidei com tropeços,
Foram as mesmas que pisei pra escalar.

A montanha é íngreme. Eu bem sei,
Que chegarei lá no topo, nunca duvidei!
Cicatrizes nos punhos e pés vão ficar.

Mas se os rumos que tomei foram incertos,
Se, troquei águas claras por oásis no deserto,
Faria tudo de novo, se tivesse que recomeçar.

MULAMBA

O olhar sorridente, criança,
Na dança de carros no farol,
Sem temer a resposta se lança
Por um trocado, em busca do pão.

Pedinte, sem sorte, mulamba,
E samba ao olhar de quem passa,
Quem nega, o faz por desculpa
De que doar incentiva a desgraça,

Filhos da pátria que esbanja,
Se arranja com o pouco que sobra,
Ninguém quer saber onde dorme,
Tampouco importa se acorda.

Salve! Salve! Pequenas crianças,
Esperança do futuro do mundo,
Sobra ouro nos cofres do rei,
Mas pra vocês, falta amor falta tudo.

O REI BÊBADO

Há quem diga que má companhia faz o viciado.
A sobriedade do "bêbado" é o que mais me assombra.
Vejo-o sóbrio, velhaco e o povo enganado.
Na "lucidez" desse ébrio, o perigo nos ronda.

Quem pensa que o homem do gole não é um velhaco,
Quem não se preocupa com o que o ébrio apronta,
Há de ver no fim da festa, as garrafas aos cacos
E o garçom exigindo que paguemos a conta.

Beberrão que, de esperto, embola o que fala,
Nunca perde o equilíbrio e se preciso, se cala,
Jamais deixa pegadas nos botequins onde passa.

Nunca fica perdido ou caído nos cantos.
Não cambaleia e sabe escolher os seus bancos.
Usa terno e gravatas e é o rei da manguaça.

Elisa Alderani

Ribeirão Preto/ SP

ANGÚSTIA

Não sei de onde vem tanta tristeza
Que sem motivo aperta o coração.
Será lembrança de lágrimas escondidas
Desta inútil talvez fútil razão.

Será o tempo que passou perdido
Esperando um amor que não voltou.
Quem sabe, a procura envelhecida,
Não deu vazão para encontrar alguém.

De onde virá então tanta ansiedade,
Se o coração a tempo está em repouso...
Querendo doar somente ao semelhante
Amor fraterno, refletindo paz.

Inquieto agora insurge e quer gritar?
Encontrar a resposta certa
Para a alma tão dilacerada.
Será culpada a nuvem que desaba
Suas gotas pesadas de repente...

Até voltar um raio de sol que beija
A solidão que gorjeia
Como pássaro fechado na gaiola.

BEIJA-FLOR

Bom dia, meu amigo beija-flor,
Você não acha que está atrasado?
São quase onze horas,
As flores das minhas jardineiras,
Há muito tempo estão à sua espera.
O sol já está alto no céu
A atmosfera preencheu-se de calor.
O barulho do trânsito não vai atrapalhar o seu revoar?
De frente à minha janela vibram suas pequenas asas.
Você chegou! Tão pequeno e tão gracioso
Veio me visitar,
Qual noticia vai me dar?
Eu, nada tenho para contar:
O ontem como o hoje, é igual.
Talvez você more longe,
Do seu reino encantado
Traga notícia alegre,
Com minha fantasia queira adivinhar;
A certeza da sua liberdade, não é segredo...
Você passa de flor em flor, de cor em cor.
Colhendo amor!
Parado no ar, já sei, vai dizer:
Não está sozinha.
Eu estou aqui.

CAMINHO DO ARCO-ÍRIS

Deixo o afã do meu dia,
Procuro serenidade olhando o céu.
A tempestade passou.
Surpreende-me o arco-íris coroando a Terra.
Uma gota de chuva,
Brilha sobre a pétala de uma flor,
Reflete minha imagem,
No meu vulto cansado, linhas profundas.
Tramas de uma história
Cujo enredo continua confuso.
Ficam sonhos vazios.
Lentamente o olhar segue o caminho do arco-íris
Que se arrasta até o horizonte
Pincelando lembranças.
Neste percurso recolho flores,
Enfeito com seus aromas os pensamentos.
O sol fulgurante transforma minhas lágrimas
Nas cores do arco-íris traçado no tempo sereno.
Neste encontro entre terra e céu,
Abraço o profundo silêncio.

GRADES

Piscam no ar parado os vaga-lumes,
São minhas palavras sem voz,
Sem rumo, sem sentido.
Nem uma estrela aparece
No preto veludo do céu.
Nem a lua aponta no horizonte.
No silêncio da casa,
Quebrado pelo chiado do velho ventilador
As horas avançam preguiçosas.
O cansaço mistura-se com sutil melancolia.
Pálpebras pesadas caem sobre o livro aberto.
Grades enferrujadas pelas intempéries da vida.
Falta só um capítulo.
Fim!

MÃOS

Mãos sobrepostas,
Mãos fechadas,
Mãos abertas,
Mãos entrelaçadas,
Dedos abertos, fechados,
Curvados...
Mãos que falam,

Mãos que produzem.

Mãos lindas,
Mãos carinhosas,
Mãos audaciosas,
Mãos calosas,
Todas são obras de arte.

Esculpidas pelo Artista da vida
Todas elas são diferentes,
Obras primas...
Clones? Nem pensar!
Todas têm digitais exclusivas...
Os cientistas... Podem pensar pesquisar...
Mas, jamais obras vivas irão criar!

NOITE

Não pergunte para lua o porquê ela brilha,
Não pergunte as estrelas os porquês hoje se escondem...
Não pergunte ao tempo o porquê ele não para.

Somente o Universo terá a resposta.
Quando saberás escutar o Teu silêncio!

NOSSO CAMINHO

Começo da ponte, primeiros passinhos,
talvez inseguro titubeando ...
equilibrando no percurso.
Ignoto o lugar, prosseguimos..
Talvez, para ver a paisagem
paramos o olhar!
O percurso pode ser curto
ou talvez longo...
ninguém pode medir.
Até a outra margem da chegada
que os olhos não alcançam.

É a ponte de nossas vidas...
Encontros e despedidas
Obstáculos no caminho nos param...
Mergulhos em nuvens escuras
impedem prosseguir...
Paramos mas logo,
retomamos o fôlego,
precisamos chegar
sem olhar para trás!

Para alguém, o caminho parece curto,
pra outros, longo, infinito...
Tudo depende da maneira de pensar...
Analisar o progresso ou regresso
dos sonhos jogados por baixo
ao lado da ponte...
Inutilidades carregadas
sem importância alguma
nos impedem uma chegada serena.

O ignoto, as vezes nos assusta.
Mas sabemos que um dia qualquer
estaremos cansados de caminhar...
quando veremos outra margem
ficaremos felizes na chegada!

PRAIA DESERTA

Quando o deserto da solidão me invade
Os pensamentos vagam como nuvens
Empoeiradas pelas lembranças...

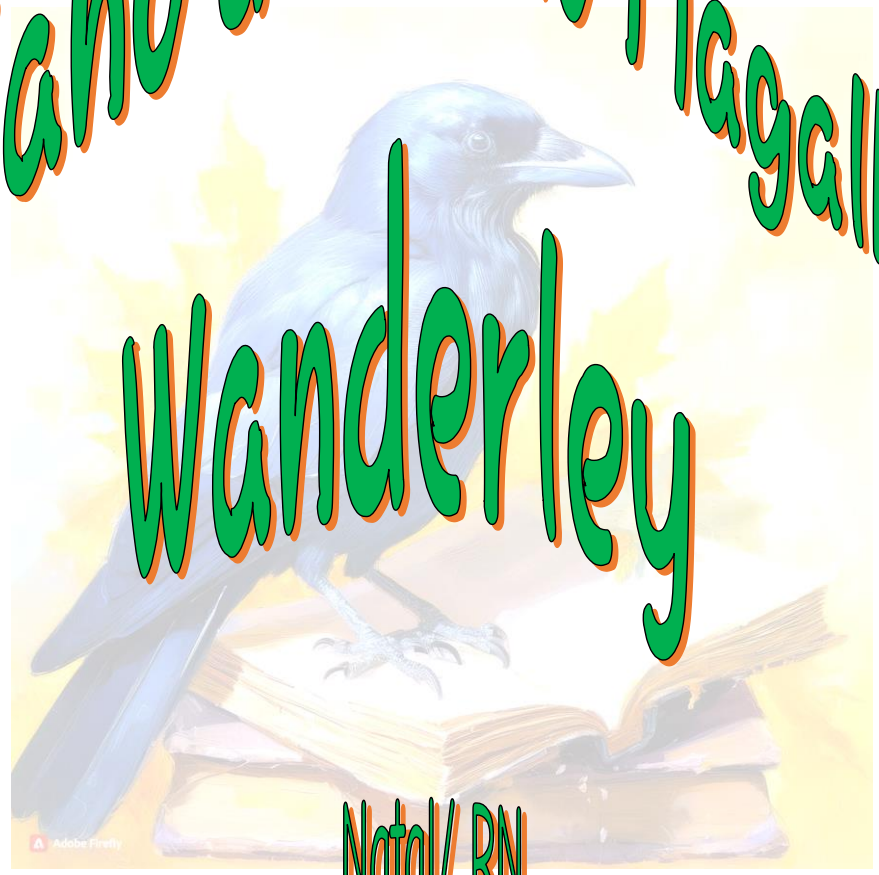
Perdidos, na areia branca da praia,
Milhões de porquês
Enchem todo o vazio.

No vai e vem das ondas
Voltam às emoções perdidas...
Sem respostas
Pelo amanhã da vida!

RAÍZES

No coração da casa
Temos muitas coisas estranhamente guardadas.
Este fato é tão comum, não assusta, é só curioso.
Encontrar nas gavetas refugos de um tempo passado.
Fotografias amareladas, roupas desbotadas.
Agendas com páginas brancas...
Será que perdemos este dia,
Ou esquecemos de vivê-lo?
Lembranças são parasitas
Sugam o presente, como orquídeas perfumadas,
Ornam os galhos ressequidos.
Grudadas, na alheia árvore hospedeira,
Que afunda suas raízes...
Na escuridão da terra endurecida
Procura o sumo
Para concluir o ciclo inacabado.
Da vida.

Fabiano de Cristo Magalhães



Wanderley

Natal/ RN

A DESPEDIDA

É triste, como dói a despedida,
maltrata nos ferindo incontinente,
nos faz sofrer assim, tão inclemente,
as mágoas todas ânsias da partida.

Sentindo grande angústia, incontida,
que faz o coração bater mais forte,
sem ter um certo alguém que nos conforte,
que estirpe a nossa dor ali vivida.

E triste, sim, o adeus, as ilusões,
que fazem sufocar os corações,
deixando por um tempo os dois distantes.

Porém, em meio a toda insegurança,
com eles, permanece uma esperança,
de um dia se entregarem, como amantes...

AO MEU PAI NOS SEUS 90 ANOS

Que bom te ver, meu Pai, trilhando o tempo,
aquele, que o teu verso, já dizia;
feliz, vivenciando este momento,
pedindo ao tempo um pouco, a cada dia.

Que bom te ver em plena sintonia,
embora já possuas passo lento;
pois bem sei que com tua filosofia,
procurarás impor-te ao advento.

E assim te vejo, Pai, ante o presente,
versando, nos mostrando de repente,
que o tempo não consome tudo enfim.

Se a tua mocidade foi embora,
com gestos, com saber, fazes tua hora,
teus versos nos dirão que não tens fim.

APÓS, A HORA DERRADEIRA!

Quando eu estiver inerte, já sem vida,
sem o canto e sem versejar, jamais,
para compensar todos esses ais,
respeitem meu adeus, minha partida.

E assim, meu bem estar se consolida,
com todos que comigo fez história,
da música a poesia, quanta glória,
e do amor da família, tão querida.

E para consumar o meu desejo,
exponho aqui a minha petição,
com todo meu fervor, minha vontade.

Ter enfim o final que tanto almejo:
Que depois de uma breve cremação,
me sinta mais feliz, na eternidade!

CABELO BRANCO É SAUDADE, DA MOCIDADE VIVIDA

Eu sinto o peso da idade,
em meus pelos prateados,
pelo tempo desbotados,
cabelo branco é saudade.

Ele é na realidade,
a lembrança de uma vida
da juventude incontida,
no clamor de uma paixão,
das ânsias de um coração,
da mocidade vivida.

COMO DÓI, VER UM VELHINHO, PELA RUA, ABANDONADO

Ao relento, sem um ninho,
falseando, o caminhar,
tão tristonho, a mendigar,
como dói, ver um velhinho.

Solitário, sem carinho,
tão carente, amargurado,
sem ter um rumo traçado,
sem algo, que lhe conforte,
exposto às farpas da sorte,
pela rua, abandonado.

FECHANDO AS JANELAS D'ALMA, PUDE ESCONDER MINHA DOR

Para disfarçar meu trauma,
ou não deixá-lo aparente,
só há, um meio, evidente,
fechando as janelas d'alma.

Só assim, o meu ser se acalma,
conforta-me o interior,
não permitindo se expor,
minha angustia, meu tormento,
com o doloroso argumento,
pude esconder minha dor.

LUA

Tu chegas. prateando a minha vida,
me ornando, com tua luz, com teu clarão,
mas sempre sorrateira, escondida,
enchendo de prazer meu coração.

Clareias, vez por outra, os arvoredos,
onde, eu, mirando a ti, me encontro agora,
conheces, quase todos meus segredos,
és linda, és mulher, lua senhora.

Vaidosa, companheira das noitadas,
mentora das canções, pelas calçadas,
e que, as interpretei, com frenesi.

Mas, quando as cantava, a uma janela,
sequer me dirigia pra ela,
volvia o meu olhar só para ti.

MAL DE AMOR

À noite, no silêncio do meu quarto,
procuro, em vão, achar recordações
e, logo, as alegrias eu descarto
pois, sinto, dentro em mim, desilusões.

Tão fortes são as minhas emoções,
que esqueço tudo que o coração diz
e, indiferente, às minhas aflições,
eu tenho a sensação que sou feliz.

Mas, eis que se apresenta a realidade,
mostrando que o meu caso é uma saudade,
que faz com que eu amargue tanta dor.

E que, por esse estranho sofrimento,
angústias, essa dor, esse tormento,
há cura! Se voltar meu grande amor.

O CANTO DOS BEM-TE-VIS

Se achegam, todo dia, ao meu jardim,
revoando e entoando, cantos seus,
enchendo de harmonia, os áudios meus,
em grande sinfonia, para mim.

Foi Deus, quem os criou e os fez, assim,
solenes, majestosos, na amplidão,
seu trino, é um solfejo, uma canção,
que alegra o coração, o meu ser, enfim.

Em seus voos, de liberdade e pujança,
transladam, no seu mundo pequenino,
aos sons, de sonorosos pot-pourris.

Com eles, eu me sinto, uma criança,
pois, recorda o meu tempo de menino,
o canto perenal dos bem-te-vis!

O MESTRE, O ESCRITOR DA MADRUGADA!

Quem foi que da cultura fez sua arte,
quem disse só verdades da história,
quem foi para o folclore um baluarte,
usando todo o elã de uma oratória.

Quem foi que preservou nossa memória,
quem tantos livros fez, com seus enleios;
a sua sapiência foi notória,
pois soube nos dizer sem entremeios.

Foi ele o gênio, o amigo, o brado forte,
um filho deste Rio Grande do Norte,
que ao mundo do folclore disse tudo.

Garboso, difundiu a terra amada,
o mestre, o escritor da madrugada,
Doutor Luiz da Câmara Cascudo!

O RASCUNHO

Divina, angelical, meiga, singela,
encanto de mulher que me fascina,
tão terna, jovial, linda donzela,
que, até bem pouco tempo, era menina.

Querê-la se tornou a minha sina,
sonhando poder ser correspondido,
pois, quanto mais sentia, o amor ferido,
mais viva a tua imagem na retina.

Não sei se por recato, ou talvez medo,
tentou enclausurar o seu segredo,
guardo-o num esboço, em um livrete,

Mas, eis que um certo dia, o livro empunho
e com surpresa, vejo o tal rascunho,
falava em nosso amor, o seu bilhete.

Filemon Francisco Martins

São Paulo/ SP

ANTES QUE A NOITE CHEGUE...

Quando o sol se debruça no horizonte
deixando a tarde bela e mais fagueira,
antes que a lua, pelo céu, desponte,
a saudade se achega e faz trincheira.

Ao longe, em tom avermelhado, o monte
transmite uma quietude verdadeira,
trazendo ao coração o som da fonte
que canta, docemente, em corredeira.

Assim, vou recordando os tempos idos,
sonhos fagueiros, lindos e vividos,
que a memória jamais vai esquecer...

E, antes que chegue ao fim dessa jornada,
terei, por certo, em minha caminhada
muitos versos de amor para escrever.

CONVERSA NO TREM

– "Esta vida não faz nenhum sentido,"
dizia o passageiro do meu trem,
– "o mundo inteiro, veja, está perdido,
– esperança não há para ninguém."

Assim falava o homem ressentido
das promessas que, feitas por alguém,
sequer foram cumpridas e incontido
ele se lamentava do desdém.

– "Mas a vida é assim mesmo," outro dizia,
– "a tristeza anda ao lado da alegria
e a calma vem após a tempestade."

Por que, então, meu coração sedento
tem que provar a dor e o sofrimento
para alcançar a tal felicidade?

CURVA DO CAMINHO

Eis-me chegando à curva do caminho,
onde vejo os escombros do passado:
a casa em que nasci, cresci, malgrado
o quarto de dormir em desalinho.

Não me faltou, porém, muito carinho
vivendo no Sertão injustiçado,
onde o "mandante" sempre desalmado
faz o povo sofrer, no Pelourinho...

No entanto, a vida é bela e deslumbrante,
mesmo que a estrada se apresente escura
sempre brilha uma luz ao viajante...

...E quando eu me tornar uma saudade,
minha alma esquecerá a desventura
para cantar, em verso, a Eternidade!

DEUS

Contemplo a Natureza fascinante,
e vejo um Deus de Amor e de Brandura.
Um livro aberto, imenso, edificante,
com lições de Bondade e de Ternura.

Mesmo que a mágoa assalte o caminhante
e o prostre sobre o chão em desventura,
a Fé, que vem de dentro, é uma constante,
– um bálsamo na dor da criatura.

Creio num Ser Supremo, um Ser bendito,
num mundo de mistérios em que habito
e me faz refletir os sonhos meus...

Porque depois a vida continua
na evolução da Fé que se cultua
sob a regência do maestro, Deus.

ELOGIO AO AMOR

Neste caminho eu sigo contemplando
a Natureza exuberante e bela,
passarinhos nos ramos saltitando
entoando canções em aquarela.

Aonde quer que eu vá, eu vou cantando
a pureza do amor, pintado em tela,
que Deus o produziu, por certo amando,
para mostrar ao mundo, em passarela...

O amor? Triste de quem não tem amor,
nem sentiu nesta vida alguma dor,
nem teve uma saudade a recordar?

Pois o amor é um sublime sentimento
que ferve, vibra e invade o pensamento,
e nos leva ao delírio para amar!

IPUPIARA

Feliz é quem trilhou estes caminhos
que levam à vibrante Ipupiara,
ouvindo o som de belos passarinhos
numa paisagem deslumbrante e rara.

Ibipetum, Pintada e outros vizinhos
Sodrelândia, Vanique e Caiçara,
Chiquita, Bela Sombra com seus ninhos,
Brejões, Coxim que muito me ensinara.

Jamais vou esquecer... O Olho d'Aguinha,
Veríssimo, Barreiro e até Matinha,
Deus me Livre, Umbaúba e Boa Vista.

Felicidade, então, é ter nascido
e neste berço um dia ter vivido
com gente hospitaleira e idealista!

O MAR

A noite chega e a solidão do mar
vem me trazer, de leve, um vento fino,
a saudade povoa o meu pensar,
enquanto as vagas seguem seu destino.

E o mar, em movimento, quer mostrar
o poder que fascina ao peregrino,
provocador, feliz, quer carregar
dissabores e mágoas... imagino.

E traz em oferenda a tempestade,
fica agitado e cheio de vontade,
erguendo-se em espumas seu furor.

Depois, torna-se calmo e exuberante,
belo e tranquilo, mostra-se pujante,
esquecendo, talvez, da própria dor!

O TEMPO

O tempo não perdoa e passa velozmente
levando de roldão venturas e bonanças,
O sonho, o entusiasmo, a mágoa, o amor ardente
estão presentes, hoje, apenas nas lembranças.

Uma saudade fala ao coração da gente
e promete calar nossas desconfianças
por um momento só, que a vida, certamente,
vai nos cobrar bem caro o fim das esperanças.

E quando a hora chegar, um vulto solitário
há de se aproximar trazendo um vestuário
e sorrindo, dirá; não temas, sejas forte.

E um silêncio trará a sensação terrível:
– a vida chega ao fim sem fazer o impossível,
restando tão somente o fantasma da morte!

REVISITANDO A INFÂNCIA

Refaço, de memória, a longa estrada,
caminhos que trilhei desde menino.
De manhã cedo, ainda na alvorada,
eu preparava a terra, meu destino.

Tempos depois, aposentei a enxada,
para estudar, no chão diamantino.
A vida era feliz lá na Chapada,
quando brilhava a luz do sol, a pino...

Tudo passou, bem sei, tão de repente,
meu coração, parece, anda descrente
e o sentimento, quantas vezes, trunca...

Hoje, guardo no peito, com cuidado,
lembranças que marcaram meu passado
e uma saudade que não passa nunca...

UM DOMINGO DE SOL

Domingo. Estou só, não há ninguém,
só caneta, papel e inspiração,
a saudade já chega a Itanhaém*
e agita, sem querer, meu coração.

Quero escrever um verso. Sou refém
deste sonho de amor, desta ilusão
de acreditar que o ser humano tem
poder para mudar esta opressão.

Quisera transformar este planeta
usando o livro e até minha caneta,
e partilhar a sensação do amor.

Talvez, agindo assim nosso futuro
possa ser mais feliz e mais seguro
neste Universo belo, encantador!

Francisco Miguel de Moura

Teresina/ PI

A COISA BRABA

Quando acordo e me vejo pelo espelho
do meu quarto, a janela inda fechada,
nada do que já fui, nada do velho
me vem à frente. Onde perdi a estrada?

Sinto-me preso a um mundo que desaba,
sem graça, sem amor, sem segurança.
Não sei de onde é que vem a coisa braba,
se é por defeito meu, se é por vingança.

Tudo foge de mim. Onde está o homem?
O tórax sufocado pelo abdômen
e é tudo que me sobra do "eu" aflito.

Tento entender meus males, fecho o cenho,
mas não sei por que diabos me contenho,
sem forças de gritar... Retenho o grito.

AMOR É VIDA

Soneto de amor à moda de Camões

Quem disse que o amor não manda, tente
Ficar assim, na vida, absoluto!
Amor manda no triste e no contente,
O amor e a vida não suportam luto.

Amor é flor, depois se torna em fruto,
Um fruto que ao cair deixa semente,
Semente onde o amor é mais enxuto,
Dela nascendo o amor mais inocente.

E sei que amor maltrata, mas não mata,
Dentro de si milagres fazem curas
E em suas transformações tudo retrata.

Sei que um sorriso esconde as coisas duras,
Mas sua língua em verdades se dilata
Pra sepultar num beijo as amarguras.

AS MIL ESSÊNCIAS DO AMOR

Quantas essências há pra se aspirar
Depois da noite. Sinta sutilmente,
Pela glória e a graça de ser gente,
As belezas que o vento traz do mar.

Ponha o nariz adiante da janela,
Sinta a menina a rua atravessando,
Sinta mais, sinta a vida começando
Cheia de flores pelos passos dela.

São as aves cantando em cada vão,
São as flores cheirosas, são as palmas,
Fortalecendo as fibras onde estão

A saltarem pra vida como estrelas.
Veja as essências todas, tagarelas,
Como a enfeitarem nossas próprias almas.

DENTRO DE MIM

Duas forças me fazem torvelinho:
A máscula firmeza do homem franco,
E uma espécie de força quase em branco,
Quando a mulher se põe no meu caminho.

Sei que sinto mais força e alegria,
Junto à mulher que está longe da pista
E se acerta um olhar para conquista,
Não avança, nem esconde ou desafia.

Porém, dentro de mim, a ansiedade
Me agarra e se prolonga... Eternidade
Trazendo mil soluços tão profundos

Que nem chorar consigo... E, inconsciente,
Então pergunto a Deus se estou doente,
Ou se alço voos para estranhos mundos.

DESENCONTRO (1)

Tomado de saudade e sofrimento,
um dia eu quis rever a terra amada.
sondei a posição varia do vento
e pus meus olhos e meus pés na estrada.

Noite ainda (acordei de madrugada),
tinha a lua por luz, por seguimento...
Nem sentia o cansaço da jornada,
pensando no ontem, no hoje, como alento.

Me alegrava pisar velhos caminhos!
Os pássaros contavam nos deus ninhos
e a natureza toda, então, sorria.

Ouvi tocar o sino em minha aldeia,
lembrei das orações na hora da ceia
e da casa que outrora me acolhia.

DESENCONTRO (2)

Fui devagar, pois, afinal, queria
gozar a sensação de uma beleza
que me ficara intacta, à alma presa,
bem distante da atual selvageria.

Meus olhos, percorrendo a redondeza,
iam matando as sombras sem valia,
cheio de força, o copo estremecia,
e de calor e luz... Longe a tristeza.

Era um quadro tão belo e tão feliz,
do qual jamais pudera ser juiz...
Porém, quando cheguei: – "Que coisa alheia!"

– exclamei. A montanha era mais baixa,
a igreja velha, o sino rouco, e a faixa
de rua era tão feia... Era tão feia!...

HISTÓRIA DE MENINO

Um menino inquieto, não arteiro,
de baladeira em punho, certo dia,
a mata mais distante percorria,
em silêncio, mas muito prazenteiro.

Não acertava nada, nenhum alvo,
atirava que atirava e sem valia.
Só uma vez um tiro é que foi salvo:
– Um passarinho verde estremecia...

Caiu debaixo da árvore que mirava.
O menino era eu... Quanta agonia!
Fui apanhar a ave que arquejava.

Por tudo, com seus olhos rasos d'água,
de joelhos no chão... Perdão pedia.
por causar ao inocente tanta mágoa!

INCIDENTE NUMA LOJA

Nunca vi uma compra de mais sorte:
Era manhã, entramos num armazém,
Onde aos panos tesouras cortam forte,
No momento era aquele vai-e-vem.

A companheira, ao lado, alteia o tom:
"Olhe a moça, é café para os fregueses!"
E avisa que eu me sirva: "É muito bom!"
Mas enfrentei ausências: – dois reveses:

Nem do café sorvi nem vi a moça,
Quando a busquei já ia longe, oculta,
Num balanço de corpo que me adoça.

Mas, tão logo, ela volta, o olhar brejeiro,
Disse um doce sorriso, e mais adulta:
"Oh, me desculpe! Enfim, senti teu cheiro!"

OITENTA E OITO
(18 de junho de 2021)

Ao completar os meus oitenta e oito
anos de vida, e vida bem vivida,
porque assim, Deus quis desde a partida
do útero de minha mãe. Não sou afoito,

pois do signo de Gêmeos. Era junho...
Mas segui meus caminhos mais estreitos
e desde então escrevo os meus defeitos,
os meus sonhos... Alguém é testemunho.

Assim, tracei na vida o que convinha,
em vencendo os espinhos, pela lida,
e aplainei os caminhos com amor.

E agora, bem valia uma caninha!
Mas não bebo, feliz, gozo a descida,
vendo o futuro, já sem grande dor.

UMA SIMPLES ESTRELA

Minha estrela não rima com beleza,
pois não se vende ao tempo e a vaidade.
Ela se veste em raios, claridade
de cordas sãs da própria a natureza.

Minha estrela persegue o que é nascente,
sem glórias vãs, e sempre, e nunca pousa.
Viaja sem rugido e é nobre, e ousa
renovar-se em luz resplandecente.

Minha estrela é meu sol pela inocência
do menino que brinca em qualquer parte,
mas sabe dos perigos... Continência

de quem nasceu com força onipresente,
qual uma fonte-luz que é tão presente
e em sendo prosa se transforma em arte.

Francisco Neves de Macedo

Natal/RN, 1948 - 2012

lém de estar quebrado e já velhote,
um fazendeiro em franca decadência,
deu um golpe da maior inteligência,
alardeando que a filha tinha um dote.
De pronto um novo rico cai no trote
acerta o casamento e marca a data.
Casa e após uma festa rica e chata,
recebe o dote o qual tanto ele espera...
E você sabe esse tal "Dote" o que era?
Um sardento cachorro vira-lata.

E O AMOR SE FEZ SONETO

Sono esquecido, a acolho, nos meus braços,
ouço o teu respirar, lindo, ofegante,
nos seus carinhos, mil beijos e amassos,
instante lindo, não mais que um instante!

Tomo-te, assim, vasculho teus espaços,
orgasmos loucos, sonhos fascinantes!
Por tudo que fizemos, os cansaços,
se fazem adrenalina nos amantes.

Respiração... A voz que enleva a gente,
agora se faz terna, mas, ardente.
Voz que em louco prazer se faz dueto.

Onde estiver, é certo estar presente,
cada suspiro, que trará na mente,
este momento, que se fez soneto!

EU E SÃO FRANCISCO

Eu tenho muita fé em São Francisco!
O verdadeiro apóstolo de Assis.
Ele fez tudo aquilo que eu não fiz...
Eu quero ser cordeiro em seu aprisco.

Seu seguidor, dizer, eu não me arrisco,
somente, amá-lo, já me faz feliz.
Sigo, na trova, sua diretriz:
Com trovas lhe erguerei um obelisco.

Neste momento, estou aqui, contrito,
faço chegar com fé, este meu grito,
para pedir a tua proteção.

Eu sou Francisco, simples trovador.
És São Francisco, símbolo do amor,
bem mais que protetor, meu grande irmão!

Já vi bebum vomitando,
tira-gosto "véi" azedo,
já vi vomitar, sem medo,
a mulher prenha enjoando.
Já vi cachorro "lançando"
um gabiru que comeu.
Vi diabético amigo meu,
vomitando rapadura...
Mas nunca vi sepultura
vomitando quem morreu!

MINHA PESCARIA

Eu decidi fazer a pescaria
aproveitando um bom dia de sol.
peguei a vara, a isca e um anzol,
e saí no "pingo do meio dia".

Pus a vara no fundo com maestria
e a linha foi fazendo caracol,
quando arrastei, era uma lata de Skol,
se não gelada mas bastante fria.

Segunda vez, pesquei um peixe frito,
o meu anzol, confesso, era esquisito,
continuei naquele maior pique.

Lancei de novo minha vara ao mar,
sei que o leitor não vai acreditar,
mas, arrastei um disco de Waldick.

Numa farmácia outro dia,
eu fui comprar um remédio
para evitar o assédio,
da grande disenteria.
Lacto-Purga, o "Zacaria",
mandou eu tomar ligeiro,
me cobrou um bom dinheiro,
aquele cabra sacana.
Eu passei uma semana
da cama para o banheiro...

O meu currículo de garanhão,
eu confesso, até triste, foi modesto,
se eu parar para fazer um aresto,
confesso: Não foi só decepção.
Mulheres lindas, mas também, "canhão,
umas, só "fiquei", outras eu amava.
Uma feia de pseudônimo, Java,
era tão feia a danada da "criôla",
que toda vez que cortava uma cebola,
era a pobre cebola quem chorava.

O POBRE

Vida de pobre é um mutirão de dor,
uma loucura e grande confusão,
quando tem carne nunca tem feijão,
se tem feijão, de carne nem a cor.

Compra uma "muda" de roupa todo ano
e no sapato, tome meia-sola!
No celular faz pose de gabola,
mas pra ligar, está sem vez no plano...

No "lotação" precisa paciência,
arroto choco e tome flatulência,
e, mesmo assim, com jeito vai levando...

Sendo enxerido, segura a aparência,
pose de rico, mas rei da inadimplência
e vai em frente, as dores disfarçando.

"QUINHENTO É QUINHENTO"

O "cara" no maior assanhamento,
todo animado no embalo do creu,
chegando logo cedo no bordel,
diz à mais linda : Vem que eu dou "quinhento".

Mas gosto de bater, diz o nojento;
e a pobre endividada pra dedéu,
já pensando em pagar o aluguel,
disse: Eu vou porque quinhento é quinhento

Saiu toda chorosa, cara inchada,
e a outra diz: Tu tas é endinheirada!
Inda chorando diz a tal mundana,

Mulher, eu só nasci para sofrer,
o macho só parou de me bater ,
depois que eu devolvi aquela grana.

Só temos uma esperança
para que essa "coisa" mude,
leia mais, reflita, estude,
se você busca mudança.
Deus te outorgou confiança
e um Livre-Arbítrio a tomar,
você precisa aceitar
este poder tão profundo;
se queres mudar o mundo
você precisa mudar!

TRIBUTO A ADEMAR

A vida de Ademar é um sarau,
sem nenhuma poesia repetida,
razão desta homenagem merecida
desde o primeiro ao último degrau.

Suas duas muletas são a nau
pelos mares revoltos desta vida,
para vencer qualquer uma corrida
sempre ao lado do bem, vencendo o mau.

Mesmo útero materno concebeu,
já nascemos, poetas, ele e eu.
Vigésimo e vigésimo primeiro.

Nas três vezes venceu a própria morte,
obrigado, meu Deus, por ter a sorte,
de tê-lo como irmão e companheiro!

UM EXEMPLO DE LUTA...

Marinheiro dos mares desta vida,
fuzileiro das guerras da existência,
a vitória maior... sobrevivência,
flor de um jardim, em terra ressequida!...

um exemplo da luta destemida,
uma lição de amor e sapiência,
o vencedor maior da turbulência,
tens a medalha de ouro merecida!...

e tudo isto, Ademar, eu te relembro,
neste dia dez, mês de setembro...
meus parabéns em forma de oração!

o presente que te dou é a poesia...
você é meu presente, todo dia!
és meu melhor amigo... meu irmão!...

Um grande bajulador
com o patrão no urologista
dando uma de altruísta
e para mostrar valor,
disse feliz, ao doutor,
com sua voz embargada:
Por favor meu camarada
P'ra o meu patrão não sofrer,
se esse toque for doer
faça em mim que não dói nada!

Francisco José Pessoa de Andrade Reis

Fortaleza/CE, 1949 - 2020

ADELINA MESQUITA

Ser avó é ser mãe indo e voltando
É chorar duas vezes de alegria
Ser chamada Maria de Maria
Não querer trocar fralda e já trocando
Caducar sem dizer: – tô caducando
Abafar qualquer choro com carícia
Afirmar "dormir pouco, uma delícia"
É mentira de vó, é muito apego
Eu queria ver uma, sem chamego,
Se tivesse uma neta qual ALÍCIA!

A mais cara e perfeita maquilagem
que lambuza e restaura certo rosto
por prazer ou se não a contra gosto
torna falso o semblante da imagem.
É o outono tristonho sem plumagem
É o alto do céu sem um condor
É um jarro quebrado sem a flor
É a infância sem um conto de fada
Eu não vejo beleza em quase nada
que não tenha beleza interior.

AMOR PROIBIDO

Meu sentimento vaga na poesia,
Meu cantar tomou forma do meu pranto
Pois chorar se por ti, fez-se acalanto
Saber tudo do nada que eu sabia
E sentir que sentindo não sentia
O prazer, se é prazer tudo que sinto
E o amar, se é amor, amo e não minto
Um sei lá!... Posto quando a ti me achego
Na impossibilidade de um chamego
Sonho louco, num louco labirinto...

"Sentindo que sentir eu não sentia
O prazer qual prazer não me aprazia".

AOS POETAS DE CAICÓ

Eu queria escrever meu sentimento
Mas não sai, a não ser este prospecto
Ou sou eu um carente de intelecto
Em mostrar o meu agradecimento
Pode ser até falta de talento
Pra exprimir o que sinto por vocês
Aturando o Pessoa uma outra vez
Nessa nossa querida Caicó
A rainha de todo Seridó
Quem me dera voltar no outro mês!!!

CADA PASSO É MAIS UM SONHO AO LONGO DO CAMINHAR

Esteja alegre ou tristonho
O poeta enxerga a vida
Tal a terra prometida...
Cada passo é mais um sonho.
Chega ao destino risonho,
Pelo prazer de rimar
E antes mesmo de apear
Em pensamentos, imerso,
Olha pra trás, vê seu verso
Ao longo do caminhar.

Usei todos os atalhos
Que encontrei pelo caminho,
Fiz de quando em quando um ninho,
Fiz de estrelas agasalhos.
Os meus cabelos grisalhos
Tingidos pelo luar,
Retratam bem meu andar...
Embora um tanto tardonho,
Cada passo é mais um sonho
Ao longo do caminhar.

DE PESSOA PARA PESSOA

(respondendo ao poema Autopsicografia de Fernando Pessoa)

Poesia é um sonho e, se sonhado,
Sobre nuvens volutas, pictóricas,
Rédeas soltas sem bridas, metafóricas,
Faz do poeta um ser místico e alado.
Quem o lê, leia certo ou leia errado,
Sempre os versos encontram seu intento...
Lamentar cada um com seu lamento,
E sorrir cada um com seu sorriso,
Coração de poeta é sem juízo
E a razão de fingir é seu talento!

INCLUSÃO SOCIAL

Desde os primos vagidos deste mundo
Quando o sopro divino se fez luz,
O saber é a estrada que conduz.
Ao píncaro e ao abismo mais profundo
Caminho, onde caminho e me confundo
Pela vil dualidade do caminho,
Ora cova tristonha, ora ninho
És palco vivo de uma nova vida
O saber faz da rua uma avenida
Porém, pode calçá-la com espinho.

NO MEU LAR SOU EU QUEM MANDA QUANDO A PATROA VIAJA!

Sou chefe até do meu chefe
Sou o grito que calou
Se você pensa quem sou
Me beije e eu lhe dou tabefe.
No carteado sou blefe
Dentre as cobras sou a naja,
Quer me ver doido? Reaja...
Mais brabo que urso panda,
No meu lar sou eu quem manda
Quando a patroa viaja!

O CHOCALHO DA SAUDADE BADALA EM MEU CORAÇÃO

Quando o sol se levantava
a tanger a noite escura
depois da reza e da jura
pro curral eu me mandava
Uma caneca eu levava
nata passada no pão
Coisa melhor tinha não
Meu sertão virou cidade
o chocalho da saudade
badala em meu coração.

PALHAÇO

A vida se nos faz meros palhaços...
Sorriso solto num choro prendido,
Querer que é dado nunca agradecido
Saltar ao vento sem pisar os passos.
Tragar o fumo dos prazeres baços
Embebedar-se tanto pra esquecer,
Sentir-se ser alguém, mesmo sem ser,
No picadeiro, o aplauso, a falsa glória,
Imagem tão real quanto ilusória
Pranto da morte rindo pra viver!

PARODIANDO OTACÍLIO BATISTA

o Evangelho nos guia nos conforta
Nos momentos da vida tão cruéis
Que nos tornam pequenos, infiéis,
Sendo a crença o que menos nos importa.
Quando Cristo bateu à minha porta
Convidei-O a entrar: — Faça o favor,
Abençoe-me pois sou um pecador...
Fez-se ouvir sua voz doce, maviosa:
"A mensagem bonita e carinhosa
Faz o homem temer sem sentir dor!"

QUEM TANTO CANTOU SAUDADE DEIXOU SAUDADE NA GENTE

Tristeza em toda cidade
Choram nobres e plebeus
Pois se foi sem dar adeus
Quem tanto cantou saudade
Em busca da eternidade
Resolveu partir na frente
Foi seu último repente
Sua única derrota
Grande mestre Chico Mota
Deixou saudade na gente.
===
Tua honradez, meu pai, foi a herança
que tu deixaste e, foi meu tesouro,
arca mais rica do que prata e ouro
que tu me deste quando ainda criança.
Mesmo que fuja de mim a esperança
que a humanidade viva em plena paz,
o teu exemplo me tornou capaz
de enfrentar os contrários sempre em pé
portando a espada e o escudo da fé
acreditando que Deus pode mais.

VOU FECHAR A PORTEIRA DA SAUDADE POIS CANSEI DE VIVER PENSANDO NELA

Esperei bem mais tempo que judeu
Pelo grande Messias que já veio
O que fez eu ficar de saco cheio
Pois amor eu lhe dava e não me deu
Aquela "dor de corno" em mim bateu
(Burro xucro é difícil aceitar sela)
Resolvi terminar essa novela
Partirei a buscar nova amizade
Vou fechar a porteira da saudade
pois cansei de viver pensando nela.

Gerson Lésar Souza

São Leopoldo/ RS

CAMINHOS

Eu vivo andando em diversos caminhos
estradas longas, num país gigante.
Eu busco o novo a cada novo instante,
enfrento a dor e destinos mesquinhos.

Se a vida impõe o rumo dos sozinhos,
busco um amigo em cada alma errante,
como uma flor, que encontra o viajante
ao caminhar entre as pedras e espinhos.

Colhendo amigos, planto o meu futuro,
descubro neles o porto seguro
para ancorar as dores da saudade.

Quem tem as malas prontas pra partida
será feliz ao navegar na vida
quando encontrar o cais de uma amizade.

CIDADE AMADA

Nasci longe daqui, porém aconteceu
que a vida assim quisesse me ver perto de ti.
E então, Cidade Amada, cheguei... te conheci...
e este teu povo alegre logo me recebeu.

Provando a erva mate que o solo ofereceu,
amando o jeito alegre deste povo daqui,
na beira do Iguaçu, pescando um lambari,
depressa eu me senti igual a um filho teu.

Desejo, minha terra, toda a felicidade,
e que tu sigas sempre sendo a linda cidade
na qual eu vim morar, por vontade de Deus.

E que todos escutem o que o meu verso diz:
não há outro lugar para ser mais feliz
do que a cidade amada, chamada São Mateus!!!

DEUSA DA NOITE

Quando a noite se fez pela estrada
surgiste do nada, vieste da rua.
Uma deusa perfeita e formosa,
coberta de rosas, vestida de lua.

Como que compensando o sol posto,
a luz do teu rosto brilhou no caminho,
preenchendo o vazio do leito,
enchendo o meu peito de paz e carinho.

Tua boca sorriu, me tocou,
num beijo mandou para longe a saudade,
e, de amor, nossos corpos se uniram
e então descobriram a felicidade.

Vendo agora esta noite findando
fico te observando, com medo no olhar,
de que sejas um sonho somente,
e que, de repente, eu precise acordar...

DONA DO MEU CORAÇÃO

1. Onde o Brasil é mais Sul,
Onde o vento sopra frio
Onde o céu é mais azul
Onde o Sol encontra o Rio
Onde as noites duram mais
Há uma Cidade formosa
Que é Leal e Valorosa
Porto eterno dos Casais.

Porto Alerta, Porto Certo,
Porto de Início e de Fim
Para o mundo um Porto Aberto
Porto Alegre para mim.

2. Onde a praia virou Rua
E a Usina virou cultura
Onde a história continua
Na tradição que perdura
Há um Porto onde a paixão
Me faz ficar ancorado
Capital do meu Estado
Dona do meu coração.

MELODIA

Os filhos são quais notas musicais
de uma canção que na vida tocamos.
Mas como os sons, depois que os libertamos
não há maneira de prendê-los mais.

E quando vão ao mundo, é que notamos
que nossa "afinação" deixa sinais,
os filhos são espelhos de seus pais,
nos bons e maus exemplos que ora damos.

Por isso o nosso orgulho mais profundo
é ver um filho, nos "palcos" do mundo
viver sua "canção" com harmonia.

Sempre que um filho, em sua caminhada,

escolhe a trilha honesta e afinada
a nossa vida ganha melodia.

FILHO PRÓDIGO

Um dia resolvi ganhar a estrada...
Ardia em mim uma revolta interna,
busquei nas ruas a vida moderna,
andei sem rumo, sem rota traçada...

E em cada noite, no bar, na taberna,
uma amizade falsa era encontrada.
Fui enganado... e ao ficar sem nada
restou-me o rumo da casa paterna.

E ao encontrar, justo ao abrir a porta,
o beijo doce, o abraço que conforta,
fui entendendo, após andar demais:

Mesmo que os filhos vivam a vagar
eles somente vão chamar de "LAR"
a casa onde reside o amor dos pais!

LEGADO

Das coisas que ficaram na distância
Eu lembro bem, que lá na minha infância
Meu pai abria livros para mim...
Com lobos, com porquinhos e com fadas
Eram histórias simples e engraçadas
E todo mundo era feliz no fim!

Os livros eram sempre amarelados
Por serem tanto velhos quanto usados,
Trocados por centavos... Coisa assim...
Porém, em cada livro que eu pegava,
A minha mente livre viajava!
Meu pai abria livros para mim...

Passou o tempo... E a força do destino
Deixou pra trás os livros de menino
Me transformando em um homem maduro.
Porém, agora, entendo o seu legado,
Meu pai, abrindo livros no passado,
Abriu pra mim as PORTAS DO FUTURO.

LEMBRANÇAS

Nas horas em que bate uma incerteza,
em que meus pés não pisam com firmeza,
eu busco, pai, a força dos teus passos.
Como se eu fosse ainda uma criança
que tenta caminhar... treme... balança...
mas sabe que ao cair, cai em teus braços.

Nas horas em que eu erro (e eu erro tanto)
para acalmar as dores do meu pranto
eu tento recordar cada lição...
E então, como num toque de magia,
eu volto a ver o olhar que corrigia
e a ouvir a voz que dava o teu perdão.

Nas horas em que eu busco mais coragem,
ao reencontrar, na mente, a tua imagem,
com ela, os meus temores eu reparto.
E eu sinto que tu segues ao meu lado
me protegendo, como no passado,
afugentando os monstros do meu quarto...

Pai, eu cresci... E o teu menino agora
não pode te chamar sempre que chora
e nem pedir teu colo quando cai.
Porém eu sou, no mundo das lembranças,
a mais feliz de todas as crianças
por ter um grande amigo, herói e pai!

POEMA PARA MINHA MÃE

Queria dar-te o que é teu por direito:
a poesia bem metrificada
feita com rima rica e rebuscada
e que outra igual, jamais se tenha feito.

Queria dar-te o verso mais perfeito,
criar aquela estrofe iluminada
que fosse bela, simples e inspirada
nesta emoção que mora no meu peito.

Mas sabes, mãe, nenhuma poesia
vai conseguir dizer o que eu queria,
porque este sentimento que é tão meu

somente o coração pode guardar.
E o coração eu não posso te dar...
Não posso dar-te o que sempre foi teu!

Gilson Fgustino

Maia

Petrópolis/ RJ

É por isso que eu digo, raça nobre,
um povo forte e bom trabalhador,
eu garanto que é o povo brasileiro.
Pouco importa se é pobre ou se é doutor,
se falar que é um cabra nordestino,
ele tem uma ruma de menino
e no meio tem sempre um Trovador.

Fez o homem, lhe deu sabedoria,
fez das Tábuas da Lei Sua doutrina.
Ele manda, não pede, determina,
mas nos deixa à vontade. Quem diria?
Fez o lindo Universo em poucos dias,
mas os homens só querem ser os tais
e deixar de pecar? Isso, jamais!
Já mandou o Seu Filho para a cruz,
nos abriu uma estrada só de luz
e o que é que Ele falta fazer mais?

FINAL DE SERENATA

Guarda, meu coração, o teu segredo.
Para que revelá-lo se termina
a canção que sufoca, que alucina,
que me lançou, pra sempre, no degredo?

Ao novo seresteiro, oculte o enredo.
Não mostre essa verdade cristalina:
é a lei da paixão quem determina
o qual será feliz, contado aos dedos.

Eu cansei de cantar pra minha amada.
Eu cansei de penar na caminhada...
A canção foi cruel, incrível, ingrata.

A riqueza do mundo é um problema,
a vida, uma canção, o amor o tema,
o tempo em que vivemos, serenata.

MEU CONSELHO

Eu não gostei, amigo, do seu vício.
É fumaça demais na atmosfera.
Deixe o tempo correr, é primavera,
não lance o seu futuro em precipício.

Não use, em sua vida, um artifício
para matar o tempo enquanto espera
o fechar da cortina e da quimera
que envolve o nosso mundo, desde o início.

Viva a paz, viva o amor, a natureza!
Seja o seu corpo rocha, fortaleza,
dê, então, ao seu vício longas férias.

Com saúde não faça brincadeira.
Para que entupir, dessa maneira,
o caminho do sangue nas artérias?

O BATISMO DO POETA

O mar era revolto, a tempestade
parecia querer o fim de tudo...
Nuvens cinzentas lá de um céu sisudo,
despejava o seu pranto. Que maldade!

Dizia um lenço branco, da cidade:
-Será grande o sofrer, eu não me iludo!
Enquanto navegava, o barco, mudo,
diante da cruel fragilidade.

E gritava a razão, muito inquieta:
-Segure o leme, aguente coração,
é preciso alcançar a nova meta,

embora não pareça a solução!
Era o batismo do jovem poeta,
Timoneiro da triste embarcação.

O POETA

Você conhece o poeta,
aquele que canta em versos
as belezas do Universo
e que de forma discreta,
fala da vida secreta
dos seus ais, dos seus amores?
De seu mundo de esplendores?
Ele está em toda parte,
canta com garra e com arte,
sua fé e seus louvores.

Está na terra e no ar,
está na morte e na vida,
no olhar da mulher querida,
em seu viver, seu sonhar
e no desejo de amar.
Canta o mar com seu furor,
os desencontros do amor,
florestas, aves em festas,
madrugadas e serestas
e as mágoas do trovador.

A lua e sua beleza.

Canta a paz, tão desejada,
o amor que ficou na estrada,
as forças da natureza
e do sol, a realeza.
Canta a vida, tão sofrida,
sua pobreza bandida,
sua ternura no olhar.
Porém quem irá cantar
sua eterna despedida?

PRIMAVERA

Então ela chegou mostrando as cores,
transformando a tristeza em alegria,
trazendo borboletas, poesia,
suavizando o encontro dos amores.

Aqui e ali, já estão brotando as flores,
e os passarinhos, ao raiar o dia,
no pomar fazem sua sinfonia.
Vibrem poetas, cantem trovadores!

Modifica-se, inteira, a natureza.
A musa mostrará sua beleza
e o jovem perderá seu coração.

O sol irá brilhar mais claro agora!
Capim novo, refaz-se a nossa flora,
há mais vida no ar e em nosso chão.

PROMESSA

Eu te prometo, amor, quando eu dormir,
sonhos terei bem cheios de ternura.
esquecerei, inteira, essa amargura
que minha mente insiste em possuir.

Infelizmente, como conferir?
não tem outra maneira, criatura!
A vida é escuridão e a gente atura
até o dia em que a luz a surgir.

Mas acredita, amor, eu sonharei.
Também, ali dormindo, certamente,
a dor, o pranto, a mágoa, esquecerei

para lembrar-me, então, de ti somente.
Os meus versos dirão quanto eu te amei,
e eu sonharei contigo, eternamente.

Quando nasce um poeta no sertão,
nas janelas do céu tem um sinal:
as trombetas da orquestra angelical,
na mais pura, sublime, entonação.
já na terra, viola e violão,
reunindo a alegria do lugar,
com cantores seus versos a cantar.
E foi assim que um dia, eu não me lembro
qual o ano, só sei que foi setembro,
dia dez, que nasceu nosso Ademar.

Sou apenas carioca,
mas se eu fosse do Nordeste,
seria um cabra da peste
desses que ninguém provoca,
pois quando o cabra se invoca,
faz você se arrepender.
Quem dera poder dizer
agradecendo ao Divino:
quanto mais sou nordestino
mais sinto orgulho de ser!

Tal qual a pedra bruta a lapidar,
um dia eu fui levado para a escola.
Senti-me preso ali numa gaiola
e, coitadinho, tinha que estudar
e o bê-á-bá, tentava soletrar.
Estava ali com minh'alma inquieta
ouvindo a professora em sua meta
de ensinar-me o que ainda eu não sabia:
que com letras faria a poesia
no dia em que eu viesse a ser poeta.

UMA HISTÓRIA DE AMOR

Dois corações singelos, com ternura,
são visitados pela luz do amor.
Da pureza do olhar encantador,
nasce um sonho de paz e de ventura.

Dois anjos de inocente formosura,
tentando neste mundo enganador
construir um jardim, plantar a flor
de uma vida feliz e de candura.

O tempo passa, o vento da maldade
tenta encobrir com pó aquela história,
impedir, do namoro, a liberdade.

Pode, a renúncia, ser obrigatória,
vitoriosa ser a crueldade...
Será eterna a história na memória.

Gislaine Canales

Herval/RS, 1938

Porto Alegre/RS, 2018

AMO

Amo com toda a força do meu ser.
Amo a beleza, a arte, uma canção.
Amo o eterno desejo de vencer.
Amo os versos que vêm do coração.

Amo as flores, é grande meu querer.
Amo essa amarga e triste solidão.
Amo os sonhos que estou sempre a tecer.
Amo o infinito em sua imensidão.

Amo também a morte, dura e fria.
Amo na morte, toda a ausência e dor.
Amo meu mundo em meio à fantasia.

Amo a tristeza, e mais, amo a alegria.
Amo a vida e esse mundo encantador.
Amo o amor, amo a paz, amo a poesia.

DESPEDIDA

O mais duro de todos os momentos,
que magoa fortemente o coração,
é quando o pranto escorre com emoção
cheio de dor, cheio de desalentos!

A despedida é mais que uma agressão,
que chega destruindo os sentimentos,
numa tempestade de fortes ventos,
como se fosse o adeus, uma explosão!

Roubando, assim, toda a felicidade,
sinto no peito, essa cruel verdade:
As despedidas são violações!

Dizer adeus é algo que angustia,
como um mar negro, pleno de agonia,
onde se afogam tantas emoções!

EMOÇÕES

Chega a noite sozinha e tão escura,
e ao se encontrar com minha solidão,
renasce, de repente, uma ternura,
que envolve por completo o coração!

E num sentir bem doce e sem censura,
traz o calor de uma forte paixão,
na tepidez de uma amizade pura,
qual mecanismo de sublimação!

E a solidão e a noite se abraçando,
vão, passados amores, recordando
nesses instantes de divagações!

Mesclando, assim, tristeza e alegria,
nasce do pranto e riso, uma poesia,
que as musas intitulam: emoções!

GLOSANDO A. A. DE ASSIS "PONTO COM"

MOTE:
Na era do "ponto.com",
voa o sonho mais ligeiro:
– um clique... e, qual vento bom,
chega a trova ao mundo inteiro!

GLOSA:
Na era do "ponto.com",
a nova tecnologia
leva rápido e em bom tom
ao mundo inteiro, alegria!

E nessa era especial
voa o sonho mais ligeiro:
tornando internacional
o nosso verso fagueiro!

Com rapidez ultra-som,
tem sua especialidade:
– um clique... e, qual vento bom,
espalha felicidade!

Faz a trova, o trovador
e num só clique faceiro
sabe que, com seu amor,
chega a trova ao mundo inteiro!

MEU COMPUTADOR TEM CORAÇÃO!

Sim, sou a favor da tecnologia,
pois ela traz, em si, muita emoção,
não é só somente uma máquina fria...
O meu computador tem coração!!!

Ele me traz mensagens de alegria
que dão, a mim, grande satisfação,
termina a solidão e a nostalgia,
verdadeiro Dom Juan, de sedução!

Muitas horas felizes eu passei,
num doce navegar imaterial

que trouxe inspiração a estes meus versos!

Verdadeiros amigos encontrei,
e esse bonito amor virtual-real,
que uniu, então, os nossos universos!

MEU MAR, MEU PARAÍSO...

Águas azuis, areia, praia, mar
e um lindo sol, surgindo no infinito,
que docemente as águas vem dourar,
deixam meu paraíso, mais bonito!

Feliz, eu lanço ao mar, em meu sonhar,
um barco de esperanças, quase um mito,
e, então, consigo vê-lo navegar,
num pranto de emoção, e alegre, o fito!

Vibra meu coração descompassado,
a boiar nesse mar só de alegria,
onde todo o ruim, foi afastado!

Esse mar, ora azul, ora dourado
serviu de inspiração a esta poesia
e em seus versos ficou eternizado!

NOITE TRISTE

Como disse o Poeta, eu poderia,
nesta noite imensa, de tristeza,
fazer um verso triste, sem magia,
sem métrica, sem rima, sem beleza!

Faz-se tão grande, a noite, que angustia
com esta solidão, e esta incerteza,
e eu procuro refúgio na poesia,
querendo embriagar-me de pureza!

Sinto bater mais forte, o coração,
aquecendo meu sangue, antes gelado,
numa tão breve e suave inspiração.

Vejo voltar, a mim, o sonho amado,
inundando minha alma de afeição,
transmutando esta noite em emoção!

Nossa terra e a terra lusa,
se fundem no amor sincero,
numa amizade que cruza
esse enorme oceano austero.
Estando assim irmanadas
na doce língua que as liga,
sementes serão lançadas
nessa língua tão amiga!

Que esta amizade as conduza,
pois suas inspirações
são cordas nas mãos da musa,
ao bater dos corações.
Abençoando os amanhãs
que Deus a musa bendiga,
unindo as pátrias irmãs,
cantando a mesma cantiga.

OLHAR DE POETA

Sei que o olhar do Poeta é fascinante,
tem o brilho do Sol, tem seu calor;
possui uma alegria cativante,
em verdade, é um imenso mar de amor!

Esse olhar tem um "quê", de embriagante,
tem perfume, beleza e tem frescor,
parece com o olhar quente de amante,
que, em momentos, se faz conquistador!

Nasce o poema no seu coração,
aflora livre no seu pensamento,
em ondas e mais ondas de emoção!

Pelas estradas todas do Universo
o Poeta verseja o sentimento
poetizando tudo com seu verso!

PEDIDO

Peço aos irmãos, aos filhos e aos amigos,
que, quando a morte venha me levar,
não coloquem meu corpo nos abrigos
cimentados, gelados e sem ar!

E nem me ponham em belos jazigos!
Nesses lugares, eu não quero estar!
Tristeza e solidão são os perigos.
Minha alma quer seguir a navegar!

Por isso eu peço a quem me queira bem,
leve meu corpo longe ... até o mar!
Onde haja céu! Onde vente também!

Nesse lugar azul só de beleza,
lancem ao mar o que de mim restar,
quero ser parte dessa natureza!

Graça Graúna

(Maria das Graças Ferreira)

São José do Rio Campestre/RN

ABISMOS

Toda lua é engano
todo anjo é cruel
no abismo de eternidade
e ânsia
do corpoema

CRIANÇAS DE ANGOLA

ao poeta angolano Arlindo Barbeitos

... e as crianças cantavam
na altura dos sonhos
o de mais sagrado:
– por esta rua, ó dominé
passeou o meu bem, ó domine .

Quando as granadas adormecem o vento,
um coro de anjos dentro da noite
tece o (em)canto no tempo sem tempo:
– Por essa rua, ó dominé
passeou meu bem, ó dominé
orai por mim, o dominé
e por mais alguém, ó domine.

Assim, pelas ruas,
crianças d'Angola
brincam de roda
numa perna só.

A menina vê a chuva
na janela e diz:
é Deus chorando.

CRAVOS DE ABRIL

Do outro lado do Atlântico
a liberdade é uma flor
a liberdade é vermelha.

Do outro lado do Atlântico
os prantos se foram
e o canto agora é de paz
à Grândola, Vila Morena
onde é possível encontrar
um amigo em cada esquina
e em cada jardim um sonho
de alegria e esperança
pois há um cravo a brotar

DEMASIADO

para Hideraldo Montenegro

humano
é poder apalpar o universo,
ainda que de longe
e sem fronteiras.

Consciente desta possibilidade,
o poeta expõe a solidão
tatuada em seu silêncio.

ESCRITURA FERIDA

à Florbela Espanca

Atiram mil pedras
na charneca em flor.

Ossos do ofício:
no mais fundo do poço
retirar o poema
encharcado de mágoas

GEOGRAFIA DO POEMA

O dia deu em chuvoso
na geografia do poema.
Um corpo virou cinzas
um sonho foi desfeito
e mil povos proclamaram
— Não à violência!
A terra está sentida
de tanto sofrimento.

Na geografia do poema
as bandas tocam
"b", ou "a"
passam na TV
os seres nus
o pátio aglomerado
o chão vermelho
onde a regra do jogo
da velha é sentença
marcada na réstia
do sol quadrado.

Pelas ruas
a tristeza dos tempos
a impossibilidade do abraço.
Crianças choram
nos corredores da morte
meninos e meninas
nos becos da fome
consomem a miséria

matéria prima
de sua sobrevivência

Nos quarteirões
dobrando a esquina
homens e mulheres
idôneos, cansados
a lastimar o destino
de esmolar o direito
dos tempos madrugados.

Se o medo se espalha
virá o silencio
e as cores sombrias
o espectro das horas
Se o medo se espalha
amargo será sempre
o verbo

No entanto
haverá manhã
e a paz cobrirá
com seus raios de luz
a rosa dos ventos.

Amanhã haverá manhã
de sol a sol festejar
o pão de cada dia

MIRAGENS

À meia luz
escudados nos sonhos
despistaram o medo de amar
e só diante do espelho admitiram
que a nudez é um perigo
capaz de intimidar o Amor
...depois do amor a espera
sem pressa, sem dor
depois do amor
o desejo natural
de repousar entre lençóis
e continuar a loucura
que não se vê em jornais.
Escudados nos sonhos
beberam a angústia do ser
na boca molhada de suor e sexo
seguindo o infinito
neste sopro de adeus...

8 DE MARÇO

Saúdo as minhas irmãs
de suor papel e tinta
fiandeiras
tecelãs
no embalo da rede
rubra ou lilás
no mar da palavra
escrita voraz

Saúdo as minhas irmãs
fiandeiras
tecelãs
cantando uma só voz
o que nós sonhamos
o que nós plantamos
no tempo em que a nossa voz
era só silêncio

POÉTICA DA AUTONOMIA

I
Minha voz tem outra semântica,
outra música. Neste ritmo,
falo da resistência
da indignação
da justa ira dos traídos
e dos enganados

II
Apesar de tudo,
jamais temer de apostar
na esperança
na palavra do outro
na seriedade
na amorosidade
na luta em que se aprende
o valor e a importância da raiva.
Jamais temer de apostar demasiado
na liberdade

III
Apesar de tudo,
cabe o direito de sonhar
de estar no mundo
a favor da esperança
que nos anima

Hegel Pontes

Juiz de Fora/MG, 1932 - 2012

A ALMA DA PEDRA

Longa pesquisa. E o mestre hindu descobre
que existe uma fadiga nos metais;
que o descanso renova, do ouro ao cobre,
o reino singular dos minerais.

Eu também sinto que a matéria encobre
estranhas vibrações emocionais.
É que a pedra tem alma, simples, nobre,
sonhando evoluções espirituais.

E a alma da pedra imóvel é a energia
que evolui, na ilusória letargia,
entre seres gigantes e pigmeus.

E sonha, nos milênios que a consomem,
ser um cacto que sonha ser um homem,
ser um homem que sonha ser um Deus.

AMOR ADOLESCENTE

Esta noite, meu bem, foi tão comprida
e tão sem graça foi a madrugada,
que eu senti que você é minha vida
e a vida sem você não vale nada.

Mas é tarde demais. A despedida
é como a pedra que já foi lançada:
mesmo partindo da pessoa amada,
nunca mais poderá ser recolhida.

Tudo acabado: os sonhos que sonhei,
seu amor, seu carinho e seu desvelo...
E esta noite, meu bem, foi tão comprida,

que dei graças a Deus quando acordei
e percebi, após o pesadelo,
que entre nós dois nunca houve despedida.

CATADOR DE PAPÉIS

Bandeirante de um tempo diferente,
Sem legenda, sem lei, sem evangelho,
Pelas selvas da vida vai, descrente,
O velho catador de papel velho.

Nele morreram todas as esperanças
E, tendo o jeito de papai-noel,
Desperta o riso alegre das crianças,
Levando às costas sonhos de papel.

Zombam de sua exótica figura,
Mas ele, indiferente à zombaria,
Faz do papel surrado que procura
O tesouro do pão de cada dia.

Nada o magoa, nada o desalenta
Nem vê que sua sombra na calçada
Vai-se tornando cada vez mais lenta...

DEVANEIO

È noite de natal, estou sozinho
E escuto ela chegando passo a passo;
Entra no quarto e agora, de mansinho,
Afaga minha fonte e meu cansaço.

Ela fala das flores do caminho,
E ainda sem notar meu embaraço,
Fala de velhos sonhos, de carinho,
De um beijo antigo, de um antigo abraço.

E por falar comigo desse jeito,
Vai removendo amargas cicatrizes
E arrancando lembranças do meu peito.

Eu ouço e peço: "Cala-te saudade,
Não se deve dizer aos infelizes
Que algum dia existiu felicidade".

DUAS CHAMAS

Qual monge recolhido em sua cela,
Rezando a derradeira Ave-Maria,
Estava só e apenas uma vela
Velava a minha noite de agonia.

Eu contemplava a ardente sentinela
Que em vigília também se consumia,
E percebia uma oração singela,
No declínio da chama fugidia...

... Agora é madrugada e, por um fio,
Duas chamas de vida em decadência
Vacilam e se apagam no vazio.

E apenas uma, ao fim da claridade,
Caindo no vazio da existência,
Ressurge no esplendor da eternidade.

ESTRELA DA MANHÃ

Estrela da manhã que resplandece
no céu espiritual de minha vida,
vislumbro em seu olhar a mesma prece
que envolve ao longe a solitária ermida.

Brilha no azul. Porém quando escurece,
não passa de uma lágrima perdida
na imensidão da noite que aparece,
de estrelas fulgurantes, revestida.

E, levando meus sonhos noite afora,
eu posso vê-la ainda ao sol nascente,
quando as estrelas todas vão embora.

Pois só você, estrela entristecida,
não tem repouso e brilha suavemente
no céu espiritual de minha vida.

IRONIA DE NATAL

Disseram que meu pai tinha viajado,
mas não saiu de mala nem sacola...
E tudo desde então ficou mudado.
Venderam meu carrinho e minha bola...

E aos poucos, eu fui vendo, desolado
morrer o passarinho na gaiola.
O fogão cada vez mais apagado
e meus irmãos deixarem de ir à escola...

Depois era preciso "se mudar";
um homem trouxe escrito num papel
que minha mãe, ao ler, pôs-se a chorar...

Era Natal e minha mãe, descrente,
saindo às ruas, qual Papai Noel,
foi dando os filhos todos de presente...

LADAINHAS DA SAUDADE

Vem, companheira,
encostar o silêncio de tua fronte
no meu ombro de espera
e derramar no meu peito
a maciez de teus cabelos.

Que madrugadas vazias
alongavam teus pensamentos
no caminho do silêncio?

Entendo que não digas.

A solidão,
que pintava a tristeza nos teus olhos,
também segredava em meus ouvidos
ladainhas e ladainhas de saudade.

Vem, companheira,
para o leito dos meus braços
desmentir angústias
de noites indetermináveis.

Minhas mãos
transbordam carícias
que tua inventou...

Vem, companheira,
fecha os olhos
e deixa que anoiteça.

SÃO FIDÉLIS

De São Fidélis guardo a ressonância
De pássaros cantando nas capoeiras;
No olhar conservo as flores das primeiras
Primaveras perdidas na distância...

Toucou-me um dia a incontrolável ânsia
De procurar caminho e abrir porteiras,
Deixando para trás velhas mangueiras
Que encheram de doçura a minha infância.

Comércio, indústria, o campo verde, o açude...
Cidade Poema, te esquecer não pude,
Porque, mesmo partindo da cidade,

Como carro-de-boi que geme e chora,
Eu vou levando pela vida afora
A colheita indelével da saudade!

SONETO VERDE

"O Paraibuna, rio singular
Que vai passando mas não vai embora
É testemunha mais que milenar
Da mata do Krambeck em Juiz de Fora

E diz que a mata é dona do lugar,
Porque usucapiu a fauna e a flora
E tudo que devemos preservar
Desde ontem, hoje e séculos afora

A mata é o grito verde permanente
Da natureza em prol do meio-ambiente,
O bem maior que a humanidade tem.

A mata é vida e em nome da harmonia
A poetisa Clevane já dizia:
Quem mata a mata morrerá também."

Hermoclydes Siqueira Franco

Niterói/ RJ, 1929

Rio de Janeiro/ RJ, 2012

A CAIXA DE OURO

(Para Waldyr Neves, in memoriam)

A "Caixa Preta" que levou um grande amigo
deixou, no solo, um rastro azul, feito de luz
da mais brilhante intensidade, que produz
a alma simplória quando deixa o velho abrigo.

E, da vontade de voltar a estar contigo,
nossa esperança,em pensamento, nos conduz
ao campo santo, para estar diante da cruz
que agora e sempre há de luzir em teu jazigo!

Eternamente, os versos lindos que fizeste
serão lembranças que o futuro espalhará
e, em CAIXA DE OURO, nas memórias ficarão...

Resta o consolo que o porvir, de oeste a leste,
a chama acesa do seu estro manterá
a iluminar, de cada amigo, o coração!...

ADEUS, CABOCLINHO

Poema em Memória de Sílvio Caldas

Vai , querido Caboclinho,
Da voz forrada de arminho,
Fazer serestas, no céu...
Vai cantar nossa Aquarela,
Que lá no céu, da janela
Um anjo abrirá o véu...

As "gaivotas e "andorinhas",
Que ouviam sempre, às tardinhas,
Seu canto de paz e amor,
Farão vôos de saudade,
Nessa tristeza que invade
Velhas tardes de esplendor.

"Marias" e "Florisbelas",
em homenagens singelas,
jamais irão esquecer,
as noites febris de festas,
de iluminadas serestas,
com seu cantar de prazer!...

Uma saudade imortal,
Ficará, qual pedestal,
A sustentar seu violão...
No cantar de um seresteiro,
Neste Brasil, brasileiro,
Vibrará seu coração!

Do seu "palco iluminado",
Agora triste, apagado,
As luzes, vamos retê-las...
Nesta triste despedida,
Chorando a sua partida,
Cantaremos "Chão de Estrelas"!...

A maré alta devolve
plásticos e pneus,
mas não devolve a "vergonha"!

ARCO-ÍRIS

o regar, em meu lar, plantas e flores
Numa linda manhã primaveril,
A esquecer-me os percalços que, entre dores,
Dão à vida, de fato, um cunho hostil,

Eis que um raio de sol, suave e gentil,
Colore o jato d'água em sete cores,
De mutantes matizes, qual sutil
Arco-íris – encanto dos pintores!...

Que alegria! Que orgulho tão profundo!
Sentir tal maravilha, num segundo,
No milagre ocorrido em meu jardim!

Os mistérios sem fim da natureza,
Insondáveis sabemos, com certeza,
Só acontecem... Se Deus quiser assim!...

LOUVAÇÃO A CHICO MENDES

É preciso clamar, com mais vigor,
Contra o grupo cruel e invasor,
Que pretende findar com a Amazônia...
Certa gente que vem d'outro hemisfério,
Cria um clima de posse e de mistério
E a Amazônia se faz uma colônia...

Triste enredo de dor, coisa de duendes,
O massacre anunciado... e Chico Mendes
Cai por terra, apesar da vigilância...
Mas, quem sabe, de fato, a realidade
Que se esconde febril na ambigüidade
Dessa trama infernal de ódio e ganância?...

Esse herói sonhador ainda revive,
Virou lenda de amor e ora convive
Com pajés e caciques, numa festa!
Protegido, hoje, à sombra das cascatas,
Seu espírito forte corre as matas

Sob o olhar de Tupã, deus da floresta!...

É preciso clamar, contra-impelir,
Nessa guerra em defesa do porvir,
Afastando insensatos e insensíveis...
E quando, enfim, calarem moto-serras,
Se apagarem queimadas sobre as terras,
Fauna e flora serão imperecíveis!...

MULHER

Seja, sempre , a razão dos pensamentos
Que os meus sonhos perpassam de emoções...
Seja o brilho de todos os momentos
E a mais rara entre vivas sensações...

O desejo de intensas vibrações
Que percorrem meu corpo como os ventos!
A esperança de suaves ilusões
E a certeza tranqUila dos intentos!

Seja o aroma mais puro e delicado
Que o das flores silvestres da campina
E a oração que embeleza a minha vida"!...

Seja o vulto sutil e iluminado,
Encanto da beleza feminina,
Seja o meu talismã, mulher querida!...

O INFINITO EM TEUS BRAÇOS

Em teus braços, no sonho mais bonito,
Desfrutei o calor da chama acesa...
Conheci , do prazer, o eterno grito
E as belezas sem fim da natureza.

Sons do céu escutando, com certeza,
Do silêncio quebrei o velho mito.
Esqueci o valor da farta mesa
E, de calmo, me fiz homem aflito!...

Em teus braços, perdido de emoção,
Fiz da vida o mais fundo de um vulcão,
Fiz , do vasto, o recesso mais restrito!

Em teus braços, poeta e sonhador,
Conheci, numa noite de esplendor,
O mistério insondável do infinito!...

O SEGREDO DA VIDA

Quando rapaz, amigo dos amigos,
Não cometi, jamais, um ato falho...
Tratei com cortesia aos inimigos,
- Desses gratuitos, que nos dão trabalho!...

A alguns, com frio, cedi agasalho
Amenizando-lhes pobres abrigos...
E, aos abastados, levei pelo orvalho
Em serenatas, nos moldes antigos!

Passado o tempo, ao recordar de tudo,
Sinto, em minha alma, afagos de veludo
Por todo o bem que faço e me compraz...

Tantas lembranças, boas de verdade,
Ainda me mostram que, na realidade,
O SEGREDO DA VIDA está na Paz!

PRINCESINHA EM FESTA

ao aniversário de Macaé

A Princesinha "hoje desperta em festa
Enfeitiçando o belo litoral.
À noite, será tempo de seresta
À lua - a voz do povo por coral!...

Surge o sol, dando o encanto matinal
À homenagem que a natureza presta.
Passarinhos, buscando um canto igual,
Fazem revoada, vindos da floresta...

Recendem mil aromas naturais
Das flores, de perfumes tropicais,
Nas praças e jardins belas vistas...

Hoje é dia da Lira e da Nova Aurora
desfilarem garbosas, como outrora.
em louvor aos progressos e conquistas!

SER PAI

Ser pai é ser amigo diligente,
é saber escutar mágoas e dores...
Ser pai é procurar ser indulgente,
sem deixar de entender jovens clamores...

Ser pai é compreender novos valores,
ser um guia seguro e confidente.
Ser pai é dar conselhos, mandar flores,
é ser franco e leal, justo e exigente!

Ser pai é dar arrimo, força e amparo,
de carinhos jamais fazer-se avaro,
sobretudo se um filho, acaso, cai.

Ser pai é estar atento e sempre em guarda,
se vencido, manter a voz galharda
e chorar, se preciso... Isto é SER PAI!...

Ialmar Pio Schneider

Porto Alegre/ RS

CARNAVAL

Eis que de novo chega o Carnaval
para trazer, talvez, muita alegria,
às multidões que sofrem de algum mal
e podem ingressar na fantasia...

Vivem momentos só de alegoria,
num transe enfático, sensacional,
e buscando, num passe de magia,
aliviar o desejo sensual...

Cantam e dançam, plenos de calor,
demonstrando a maior felicidade,
neste evento de cálida paixão...

Por toda a parte a Festa do Esplendor
penetra os corações, e na igualdade,
congregando os cultores da Ilusão !

DA CONDIÇÃO HUMANA

Jamais eu te direi que estou feliz
e me reservo agora este direito
de sofrer por aquilo que não fiz,
pois este é o meu destino e assim o aceito.

Não quero que me julgues satisfeito
e nem tampouco um mísero infeliz,
o meu caminho embora seja estreito
tem amplitudes que sonhei e quis.

Se desejarmos merecer a vida
profundamente além da concebida
iremos naufragar em dissabores...

Por isso aonde eu for e aonde fores
não é preciso conseguir extremos:
sejamos o que somos e seremos...

MÁGOAS E QUEIXAS

Fazer versos é fácil – dir-me-eis –
se lerdes minhas páginas singelas
e simplesmente reparardes nelas
mágoas que nem de longe conheceis....

Se assim pensardes, nunca entendereis
da própria alma as fatídicas procelas
surgindo à noite, não em tardes belas,
e sois felizes porque não sofreis...

Se, no entanto, sentirdes a tristeza
transparecendo aqui nas entrelinhas
destes versos, que os leva a correnteza

a transbordar em zonas ribeirinhas,
é possível que tendes, com certeza,
queixas amargas iguais às minhas !

NO ALÉM

Quando eu partir para o Além,
com certeza irei sozinho
e não mais terei carinho
como aqui tive de alguém...

Nós temos o nosso ninho,
que nem todos os que têm
o privilégio de um bem
para alegrar seu caminho.

Assim vivemos os dois,
nem pensando que depois
devemos nos separar.

É melhor esta confiança,
do que não ter esperança
de viver n'outro lugar!

O SONETO

Para escrever quatorze linhas, tenho
que dedicar o tempo disponível,
e embora seja humilde meu engenho,
vale a pena, afinal, tornar possível

esta tarefa nobre de alto nível...
É preciso sonhar e ter empenho
de alimentar um grande amor incrível,
somente realizável por um gênio...

Sinto, no entanto, que não devo alçar
voo tão alto, e me penitenciar
de assim querer e então me comprometo

a desobedecer esta vontade;
e caindo, por fim, na realidade,
aqui me despedir... Eis o Soneto !...

QUANDO MURCHAR A PRIMAVERA

Quando murcharem as flores dos caminhos
e o peito calar-me indiferente
como a serena mudez dos passarinhos
em noite senil e permanente...

Órfão de afetos, insaciado de carinhos
caminharei tristonho de dolente,
buscando outras sensações em novos ninhos
como a cura ao meu amor fervente.

E nada há de curar a viva chaga
que deixaste a sangrar em meu desejo
ao provar a doçura do teu beijo

naquela tardinha rubra e vaga
e onde estiveres chorarás baixinho
a mágoa de deixar-me tão sozinho.

SONETO A CORA CORALINA (IN MEMORIAM)

Poesia simples, plena de filosofia,
de gente humilde da cidade e do interior,
que só nos trouxe tanta vida e tanto amor,
colhidos no lutar no afã do dia-a-dia...

Viveu a transmitir sua sabedoria,
na qual não faltaram as pitadas de dor,
mas momentos também de jovem alegria,
em que desenvolveu seu talento de humor...

Foi Cora Coralina, a poetisa exemplar,
cuja existência de noventa e cinco anos,
quase um século de conhecimento audaz...

Seus versos vão viver por longo tempo, a dar
uma bênção sublime aos viventes humanos,
porque ela foi feliz, sempre pregando a paz...

SONETO A FERNANDO PESSOA (IN MEMORIAM)

Pra Fernando Pessoa este soneto,
em que pretendo ter a liberdade,
de ofertar-lhe com toda lealdade,
no que me empenho e então me comprometo,

os versos que nasceram da ansiedade,
como quem pinta um quadro em branco e preto,
finalizando o último quarteto
com o pincel da dor e da saudade...

''Cartas de amor ridículas'', talvez...
mas eu as escrevi sem o saber,
outrora quando tinha solidão...

Hoje as relembro e tenho a sensatez,
de havê-las enviado por prazer,
nos momentos de sonho e sensação...

SONETO À MULHER MORENA

Linda manhã radiosa me convida
a prosseguir nos passos rumo ao mundo,
porque sonhar amando é tão profundo,
que mais e mais, também prolonga a vida !

Mas se eu pudesse ser um vagamundo,
sem conhecer a estrada percorrida,
com certeza, conceberia a lida
de procurá-la até em um submundo...

Eu sei que vou lhe amar a todo o instante,
com seu sorriso límpido e brilhante,
qual se fosse de Alencar – ''A Iracema''!...

E para consagrar meu preito à bela
morena, que não sai da minha tela,
eis o soneto que ainda é o poema !

SONETO DE LEMBRANÇA ANTIGA

Bom dia ! pé de bugre e aroeira!
Cumprimento essas árvores nativas,
qual se fossem a ausente companheira,
de minha infância das imagens vivas...

Aquela que deixou-me, de maneira
tão bruscamente, em horas aflitivas,
hoje, surge-me à mente toda inteira,
para trazer-me flores sempre-vivas...

Busquei não recordá-la e foi em vão
meu intento sincero e imorredouro,
querendo sepultar essa ilusão...

Depois fiquei sabendo que partiu,
sem saber que pra mim era um tesouro
e nem que me deixava este vazio...

Jaime Vieira

Maringá/ PR

AMANHECER I

O sol amarrado
no porão da noite
escapa.
Afugenta a lua
espanta as estrelas.
Decidido vai para rua
e anuncia
um novo dia.

AMANHECER II

A madrugada vem a galope
no alazão da noite.
No céu, entre as nuvens,
o rasto que fica,
são estrelas.

AMANHECER III

o sol sonolento
lentamente
desperta
e com agulhas certas
tece o amanhecer.

AMANHECER IV

o amanhecer é
um pássaro ligeiro
leva nas asas
a escuridão
da noite.

ASSALTO

Eu só não te devolvo
estes anos de ti roubados,
porque os meus sonhos guardados,
estes sim,
num assalto, por ti
foram levados.

Roubaste-me o tempo.
Roubaste-me o sono.
Já nem sou mais dono
do meu coração.

CAIS I

Gaivotas já não
acordam a paisagem.
A tarde ancora
no porto.
Fecham-se os olhos do dia,
anoitece.

Chega a noite
em negrito,
debulha estrelas
no infinito
enquanto no porto,
ancorada em mim,
a paisagem agora
dorme.

CAIS II

Meus sonhos
adormecidos
levantaram
âncoras.

Veio a noite
veio o dia
e se atracaram
nos meus cais.

Fiquei no porto
apregoando versos
de um poema torto
ancorado em mim.

CHATICE

por este mundo ser chato
por todo mundo estar chato
quero mesmo ser um chato
e me agarrar
na cabeleira
do tempo.

CONSPIRAÇÃO

enquanto
brincam com o tempo,
os teus cabelos
em mutirão,
a todo momento,
trabalham sérios
mudando de cor
quando não,
vão embora.

HISTÓRICO

Há séculos
(desde toda eternidade)
o sol e a lua
são os mesmos.
Gerações desaparecem
e eles indiferentes
no palco do céu
continuam o espetáculo.

INDIFERENÇA

pêssegos ásperos
lâminas frias
estilhaços
quem diria?,
a tua frieza
aquece meu coração.

INTIMIDADE

o acordo
nosso
é tão
íntimo
que a cor do
nosso íntimo
revelar,
não posso.

MOVIMENTO

Voo da ave ferida
paisagem aberta – amplidão.
Há uma espécie de conspiração
movendo as coisas:
a vida!

NEON

quando a noite vem
uma teimosa ilusão
inventa uma lua,
é no meio da rua
que os sonhos ainda estão.

NOVO AMOR

Todo novo amor
é um conto de fada.
Pode ser tudo
pode ser nada.
Água corrente
de morro abaixo,
diante deste riacho;
refrescar os pés,
olhar as nuvens
e sonhar.

NUDEZ

atrás do biombo
das minhas ilusões
dispo-me
das decepções
que querendo ou não
a vida sempre me veste.

OS LENÇOS

pendurados no varal
meus lenços ainda úmidos
de um recente adeus
esperando o sol
ainda respingam
lentas lágrimas.

RACHADURAS

o desprezo
é uma arma dura
fere fundo,
atravessa
as armaduras
de qualquer
coração.

RELUZIR

bem atrás,
lá no azul negro
do infinito
algumas estrelas pequenas
brincam de esconde-esconde,
as mais afoitas
dizem: boa-noite!

RISOS

O mar se agitou
e ondas rolaram seixos
dando gargalhadas.
Também, pô!
O voo rasante das gaivotas
faziam cócegas na sua superfície.

janske Niemann Schlenker

Curitiba/PR

A PETRÓPOLIS

És minha! Com tuas manhãs muito frias,
com montes e céu, confundindo-se além.
És minha nas mais infantis alegrias
se és minha na lágrima triste que vem...

És minha! com toda a balbúrdia dos dias
e com toda a calma das noites também.
Às vezes te encontro nas minhas poesias
e às vezes em sonhos que os outros não têm...

És minha, quando eu te contemplo e, sozinha,
escrevo o que sinto. Que felicidade
olhar-te e dizer o que mais ninguém diz!

Mas nesta alegria de ter-te tão minha,
ocorre-me às vezes (estranho em verdade)
que eu tenho vergonha... de ser tão feliz!

CANTA!

Para Oswaldo Montenegro

Canta para mim! Canta a tristeza,
canta a solidão e canta o mar!
Quero acompanhar-te no teu canto...
... mas eu não sei cantar...

Toca o violão, toca bem alto
para que não me ouçam soluçar.
Amo o violão contra o teu peito...
... mas eu não sei tocar...

Canta para mim, enquanto escrevo
versos que, talvez, ninguém vá ler.
Ouço-te cantar e escrevo versos:
é só o que sei fazer...

Canta para mim! Grita Poesia!
Canta pela boca, as mãos, o olhar!
Vou cantar também, cantar contigo...
... mas eu só sei chorar...

CONVITE PARA O CAFÉ

Observo a mesa posta. Com cuidado
coloco cada coisa em seu lugar:
a xícara mais bela deste lado
e logo poderemos nos sentar.

O pão quentinho (o aroma paira no ar...)
o guardanapo limpo, bem dobrado.
Colho um botão de rosa; meu olhar
se alegra ao ver chegar o convidado.

Esta manhã de inverno, um pouco fria,
parece que aumentou minha alegria
e me aqueceu enquanto eu esperei.

O filho chega - alegre e desatento -
(não vê que eu esperava este momento)
e apenas diz: "Café? Eu já tomei..."

DEIXA-ME RIR

RIR, como se fosse eterna a primavera...
... como se eu pudesse adormecer
entre flores

RIR, como se eu não te amasse...
... como se não houvesse adeus
e eu fosse livre
qual na planície uma rajada de vento...

RIR, embriagada pelo amor
até me tornar uma nuvem branca
solta no espaço contra o azul do céu

... como se o rugido da tempestade
me perseguisse
sem me alcançar

RIR, como se o clamor pela paz fosse ouvido...
... como se a vida fosse um poema

RIR, louca, desvairadamente,
e viver num riso interminável
... como se Poesia não fosse dor...

DEIXA QUE EU BRINQUE

Deixa que eu brinque por aí, à toa;
as aves brincam, brinca a ventania...
Brincam as flores com a luz do dia
e a borboleta que por elas voa.

Deixa que eu brinque, ainda que me doa
ver escapar-se a límpida alegria
do mesmo olhar, cuja inocência via
em qualquer coisa alguma coisa boa.

Deixa que eu brinque como se, inocente,
eu não soubesse que viver é queixa,
é choro apenas... E eu só peço: deixa...

Deixa que eu brinque levianamente
como se tudo – a nossa vida inteira –
jamais passasse de uma brincadeira...

DOR

Não me verão, no dia que amanhece,
a voz que treme, o passo que vacila
e nem, na face, a lágrima que desce:
sorrindo chegarei, quase tranquila...

Conseguirei, no rosto que padece,
a máscara moldar, qual fosse argila.
A boca esconde a dor: até parece
não a sentir... ou finge não senti-la...

Não me ouvirão palavras de revolta,
o grito angustiado não se solta,
a estranha solidão não se revela.

Da dor, nasce a poesia quase feita:
– a rima bela, a métrica perfeita! –
Amas a dor, poeta! Vives dela...

LIVRE

Julguei que eu fosse livre:
livre como uma nuvem é livre
como uma borboleta é livre
como é livre o vento...

Julguei-me bela:
bela como uma flor é bela
como o crepúsculo é belo
e como é belo o luar...

Pensei ter encontrado o amor:
aquele amor que é sempre amor
que é ternura e afago
aquele que não existe...

(De repente quero ficar só:
preciso chorar um pouquinho...)

MINHA CASA

Conheço-te tão bem! A sala, o quarto,
a vista da janela escancarada!
Na mesa da cozinha, o almoço farto,
o som de cada porta ao ser fechada...

Conheço-te demais! No entanto, parto...
De tudo o que era meu, não fica nada:
na sala, nada... e nada no meu quarto,
só o vento na varanda ensolarada...

E deixo a antiga casa na ladeira:
risadas quantas! quanta brincadeira!
Mas parto... e minha casa deixo aqui.

Horrível ver-te assim: fria e despida...
Nem fecho a porta: saio pela vida,
avaliando o quanto empobreci!

SER SÍLABA

Não me ouvirás queixume nem lamento
(só o frio da manhã me reanima...)
e mesmo estando triste de momento,
não me ouvirás chorar, pois choro em rima.

Não me verás a dor, pois mostro apenas
a mão que apara os golpes mais adversos.
Um lânguido sorriso esconde as penas:
não me verás chorar, pois choro em versos.

Ser frágil como pétala intocada
e ainda assim ser símbolo da paz;
ser luz... ser sombra... e se não for mais nada,
ser sílaba, que em versos se desfaz...

UM PEQUENO TÚMULO

Lá na campina, queria ser flor
para que tua mão me colhesse,

ou ser o capim,
para que pudesses descansar em mim,

ou ser o caminho
por onde voltasses a ser meu,

our ser um pequeno túmulo
– sem nome e sem data –
á beira da tuda estrada
... e só tu saberias onde estou...

Jérson LIMG de Brito

Porto Velho/ RO

ALFORRIA!

Os meus devaneios perfumas, adoças
Fervente desejo se alastra, domina
Persigo no sonho essa boca ferina
Procuro o sabor das carícias tão nossas

Não deixes sedentas de amor belas taças
Permitas que o mel do prazer entre em cena
Não prives de luz e esplendor minha pena
Injusto é manter nestes versos mordaças

Aflige-me tanto esperar outra chance
De ver vicejando o gostoso romance
Repleto de cores, fulgor, alegria

Revolta-se o canto sem ter alimento
Em vão é conter tal impulso... Nem tento!
As letras suplicam sem pejo: "alforria!"

AUDACIOSA

O torpor de engenhosa carícia
Dos meus olhos as nuvens desfaz
Esse toque frenético, edaz
Que fascínio, gostosa perícia!

Como quero o calor dessa audácia
O carinho enlaçando a cerviz
Bem assim os sussurros sutis
Pra minh'alma elixir de eficácia

Pura seda, arrebata-me o siso
Meu pensar viajante, impreciso
É refém da leveza da tez

Na viveza constante me aprazo
Tu fizeste mais fausto o parnaso
Sou brinquedo da tua avidez

DESPREZADO

Teu desprezo maltrata, é pungente.
Dói demais ver minguar nossa flama,
Confessando a saudade que sente,
Coração lacerado te chama.

Feneceu meu olhar rutilante,
Por negrume é cingido o poema,
Essa angústia é demais sufocante.
Esperar, esquecer... Oh, dilema!

Tua boca tão doce, macia,
Os momentos de amor, fantasia,
São lembranças em mim tatuadas.

Sofro tanto sem norte, à deriva,
Torturante, o pensar traz a diva,
Companheira de intensas jornadas.

INDOMÁVEL PAIXÃO

O coração, teu belo rastro, anjo, conserva
Essa lembrança tão gostosa, me inebria.
Fazer amor rompendo rédeas, sem reserva
É meu desejo recorrente, há nostalgia'.

Olhares sôfregos, nas mãos inquietude
Blandiciosa a me tomar completamente,
Entre sussurros e arrepios, plenitude,
Paixão indômita exalada... Como é quente!

Na pele, eflúvio de delírio, olores nobres,
Satisfação no riso largo é estampada,
Envergo o manto do prazer com que me cobres,
Verto langor nos braços teus, oh, minha amada!

Preso em teu laço, vejo a vida ter mais cor,
Dia após dia, sorvo em sonho esse sabor.

INSTINTO

Escondes nesse corpo, fino manto
As cores da mais pura donzelice
Permitas que navegue em tal encanto
Fascina-me a candura, essa meiguice

Do teu fatal sabor estou faminto
Desejo fenecer no doce enlace
Não posso resistir ao meu instinto
O brilho do querer tomou a face

Armaste uma delícia... Oh, nobre teia!
É natural, princesa, que me atraia
O meu pensar em ti, ledo, passeia

Tu és o mar revolto, eu sou a praia
Um beijo teu em mim, decerto enleia
De laço assim não há, amor, quem saia

MEIGA FLOR

Esse encanto sem par me extasia
E conduz aos portais do pecado
Plenamente envolvido, abismado
Sou refém duma rara euforia

Provocante, tu és a culpada
Das torrentes de amor, desvario
Tua ausência produz um vazio
Meiga flor, em meu ser tatuada

Aspirando o frescor desse aroma
Enclausuro-me em doce redoma
Onde encontro um prazer colossal

Quando imerso nas cores da bruma
Que meus passos domina e perfuma
Provo, enfim, d'alegria integral

NÁUFRAGO

Singrei diversas rotas solitário, errante,
Ao longe, eu percebi um elixir olente.
Imerso na magia desse fausto instante,
No mar dos teus encantos naufraguei, contente.

Tu foste desenhada com sem par requinte,
Sereia dos meus sonhos, da beleza és fonte.
Eu peço que concedas, se não for acinte,
Um beijo carinhoso aqui na minha fronte.

Não quero mais remar... Minh'alma vejo plena,
Carente de motivos... Tenho a ti, menina,
Domaste os furacões, vieste a mim serena,

Dos teus lábios formosos a doçura emana.
Tomara Deus que sejam minha eterna sina,
De todo o meu pensar, amor, és soberana.

SEM RECATO

Chegaste desprovida de recato
Trazendo teus sussurros em oferta
Minh'alma revelada, descoberta
Celebra, degustando fino prato

Da cela dos sorrisos deste vate
Garbosa e sedutora abriste a porta
Outrora esmaecidos, tela morta
Fizeste dos sonhares o resgate

Em mim, nas remotíssimas paragens
Despontam as recônditas imagens
Pedindo teu carinho, esse pincel

Na face tens deveras duas luzes
Guiando lindas mãos com que produzes
Um mundo refulgente, meu laurel

TUAS MARCAS

Nas lágrimas que verto inconsolado
Repousam minha dor, meu sofrimento.
No sal dessa torrente há desalento:
Escombros do meu sonho estilhaçado.

Aflitas, vozes d'alma, em seu lamento
Num canto lacrimoso, emocionado,
Do adeus farto em pungência têm lembrado
Registro lancinante... Ah, que tormento!

Conserva o coração saudade imensa,
Não vejo essa paixão esmaecida,
Em mim é natural tua presença,

Embora com loucura parecida
Vivaz, noto luzir sem par querença,
Marcaste a ferro e fogo minha vida.

VERSOS DOLENTES

Voragem tenebrosa que me abraça
Suplico a ti meu breve livramento
Dos tragos espinhosos dessa taça
Já farto quero o fim do sofrimento

Navalha do amargor que me traspassa
E vive a propagar abatimento
A lâmina que inflige tal desgraça
Retires deste peito... Eis meu lamento

Em frias madrugadas, vago aos prantos
Momentos a lembrar, tantos e tantos
Estampa-se em minh'alma uma ferida

Cingido pel'angústia sem remédio
Sou vítima indefesa desse assédio
Amor, como a saudade é dolorida...

Jessé Fernandes do Nascimento

Angra dos Reis/ RJ

A DECISÃO

Criança triste, eu quisera alegrar-te,
secando as lágrimas dos teus olhinhos,
mas o que fazer para transformar-te
e trazer risos para os teus caminhos?

E foi assim que um dia te encontrei,
chorando das mazelas da pobreza;
quantas crianças mais sofriam, sei,
das mesmas dores, eu tenho certeza.

Como ver os rostinhos sorridentes?
Esquecendo-me dos meus próprios ais,
vi solução das mais surpreendentes;

e decidi, sem muito estardalhaço,
sem querer ver tristeza nunca mais,
que eu seria desde então um PALHAÇO!

A LIÇÃO DA VIDA

Quantas vezes chorei
por qualquer dor,
quando outros,
mais sofredores e conformados,
sorriam.
Aprendi a lição.
E agora,
cada vez que choro
vou subtraindo
mais uma lágrima.
Cada vez que sorrio
vou acrescentando
mais um motivo.
A vida
é um eterno sorriso
lubrificado
por algumas lágrimas.

A LUZ NO TÚNEL

Via uma luz
no fim do túnel.
Ainda via.
Agora procuro
a luz,
não mais a vejo.
Nem mesmo o túnel...

A VIAGEM

O ser humano
aguarda a sua vez
para a partida
da viagem final.
No entanto,
alguns ansiosos
e apressados,
furam a fila
e embarcam
para jamais voltar.

CORAÇÃO

Ah, coração preguiçoso,
acompanhe a mente
na viagem sentimental.
Ah, mente precipitada,
dê uma trégua
ao coração
ferido e cansado...

FIM

Não tente ressuscitar
os mortos que somos
para o amor.
Tudo acabou,
restam as mágoas.
Não tente reacender
um fogo que se apagou.
Restam as cinzas.
Nada mais...

IDEAIS E VITÓRIAS

Um novo ano, novos desafios,
novos projetos, sonhos renovados
e a esperança a remexer meus brios
de ver meus ideais concretizados.

Não me acovardo ante às intempéries
que a vida impõe a cada um de nós;
se as lutas me atropelam, vêm em séries,
sigo em frente, valorizando os prós.

Sou um soldado e estou em plena guerra,
na árdua briga por uma vitória,
no dia a dia que a batalha encerra;

e assim prossigo conquistando sonhos,
sem almejar os louros de uma glória,
apenas viver momentos risonhos...

PÁSSAROS

Pássaros teimosos,
reconstruíram tantas vezes
o ninho levado pelo vento,
destruído pela chuva.
Valeu a insistência,
o amor venceu.
Novos pássaros
voam para a vida.

QUISERA

Eu quisera afastar toda tristeza
e ter belo sorriso permanente;
igualmente acabar com a incerteza,
mantendo a fé e a esperança somente.

Quisera também saber perdoar,
toda a maldade do mundo esquecer;
e ao meu próximo jamais magoar,
guerreiro pela paz quisera ser.

Como quisera tudo transformar,
fazendo dominante o verbo amar,
tornando a existência apetecida.

Que tudo eu faça e tudo suporte,
sei que não posso acabar com a morte,
mas posso, sim, valorizar a vida!

SAUDADE

Chuva.
Frio cortante.
Como cortante
é a mágoa
deixada
em meu coração.
Mas, assim mesmo,
sinto saudades
de você...

SENTIMENTOS

Recuperar
sentimentos nobres.
Enterrar
sentimentos pobres.
A validade
da vida.

UM GRITO NO AR

Aiiiii!
Os gritos de agonia ecoam pelo espaço.
Os golpes se sucedem impiedosamente,
sem misericórdia.
Ninguém parece ouvir seus pedidos de socorro.
E a crueldade do ser humano aumenta a cada dia.
Nada o detém. Nada...
As vítimas vão tombando sucessivamente,
sem ter quem as escute,
sem ter quem impeça crimes tão hediondos.
O ar fica impregnado do cheiro do massacre,
que ameaça os criminosos e os demais viventes.
Inaudível ao homem, os gritos e choros
sensibilizam a natureza, que se defende como pode,
sem conseguir impedir a matança desenfreada.
Não sei...
Não está tão longe o dia
em que a floresta soltará seu último grito,
seu último gemido,
seu último pedido de socorro.
Terá sido tombada a última árvore.
Terá sido dizimada a vida na Terra...

VENTO MENSAGEIRO

Escrevi,
espionado pelo vento
que, excelente mensageiro,
espalhou meu pensamento
para o mundo inteiro.
Na verdade,
eu queria escrever
para você
somente...

João Batista Xavier Oliveira

Presidente Alves/SP, 1947

Bauru/SP, 2025

À LÁGRIMA

Quando a esperança acorda um sonho leve
e o som da natureza se aprimora;
penumbras do passado vão embora
e o toque do relógio não se atreve...

Quando o aperto de mão à paz aflora
e a dúvida do amor torna-se breve;
o gelo da pintura vira neve
e o justo com justiça não demora...

Ressurgem as latentes pradarias;
os olhos não se enganam com a fala
e a liberdade enfim mais aparece.

Tertúlias fraternais noites e dias
lapidam o poeta que se exala
e à lágrima fervente desfalece!

A MORTE DO POETA

Fenece o poeta na paz da poesia.
Os ares dos cantos, calados, sentidos,
acenam tristezas nos vagos ouvidos;
o sol perde o brilho no pranto do dia.

Um misto de dores e versos não lidos
acena sem cena à linha vazia-
num gesto de pautas à vã melodia-
um canto no canto dos temas queridos.

Às rimas no templo sagrado, converso
silêncio das flores de triste universo.
Poeta parece que ouve o lamento...

no alto da estrofe gravada na mente
cantiga do tempo que faz permanente
a bênção divina no lar, firmamento.

DEIXE-ME VIVER

(Poema contra o aborto)

Mamãe, eu quero viver;
pedi para retornar
e procurar evolver
no seio de um simples lar.

Não se culpe constrangida
por um ato intempestivo;
o mais importante é a vida;
eu, no seu útero vivo!

Sinta com delicadeza
no seu ventre o movimento
e agradeça à natureza
esculpir o seu rebento.

É uma dádiva divina
ter minha vida em você.
Não descarte na latrina
um ser que sente... que vê...

Imagine o meu futuro
a seu lado, vencedor,
com seu caminhar seguro
cumprindo a sina do amor!

Pense em seu corpo cansado
precisando de um abraço;
eu caminhando a seu lado
a proteger o seu passo.

Mamãe, alimente a aurora
em mim tão frágil, indefeso,
para quando for embora
não carregar nenhum peso!

...E A VIDA CONTINUA

Aos poucos meus amigos vão embora...
Saudade hospitaleira abre janelas
e os ares das paisagens amarelas
aumentam o vazio que devora.

As mãos saudosas ficam sem aquelas
que tanto me afagaram mundo afora
nas horas tristes bem fora de hora
e nos momentos das tertúlias belas.

E assim eu sinto que também vou indo
na esteira da fatal apoteose.
Sublime é caminhar sempre sorrindo

sabendo que ao beber da mesma dose
os planos das paisagens verdejantes
ressurgirão sorrindo como antes

ESCRAVO DO ADEUS

Um lenço branco ao longe é uma constante
na solidão que eu mesmo construí,
escravo do meu ego ao seu talante;
verdugo da humildade que perdi.

No pensamento agora tão errante
vislumbro espelho frágil que parti.
Malgrado a juventude me acalante
macróbio em lassidão detenho aqui.

Foi tudo uma serpente intempestiva.
Fugimos em veredas dolorosas...
mas hoje estás feliz, muito bem viva.

Divides teu caminho com as rosas...
e eu somo à solidão a minha vida
multiplicando as mãos da despedida!

JOIO

Por que nós complicamos singelezas
pelo simples sabor de afirmação;
por que não escutar o coração
que pulsa as vibrações das incertezas...

se temos ao alcance o corrimão;
degraus que facilitam mãos coesas;
o dom de emocionarmos às belezas...
Por que só ver a luz na escuridão?

Estamos de passagem simplesmente.
Abrindo com desvelo nossa mente
o mundo é bem maior em nosso espaço.

Por que nós complicamos as passagens
seguindo a realidade das miragens?
A vida é bela e o tempo é bem escasso!

MONÓLOGO DO BASTIDOR

Sou a ferida exposta acobertada
por mentes que dominam consciências;
cinismo onde plateia entusiasmada
entorpecida perde referências.

Caráter e vaidade sem decência
abarcam teoria distanciada
na prática sem ética... ciência...
sem brio que ao vazio leva ao nada.

O aqui e agora são mais importante;
lá fora o vento sopra bem distante.
Eu sou o cerne que requer destreza,

porém pressinto tempos exigentes,
sentimentos puros, transparentes ,
num palco pelas artes da certeza!

O CAMINHO DA ROSA

Se cada um fizer a sua parte
não sobra parte para repartir;
não sobra aparte que preocupe a arte...
mundo destarte só resta sorrir.

Se cada um plantar uma roseira
a vila inteira será um jardim;
não sobra beira à espinhosa asneira...
dessa maneira é sorriso sem fim.

Se cada um olhar-se na verdade
fraternidade romperá vereda;
o pensamento terá mais espaço

e minha parte será rosa e há de
ser a verdade daquele que ceda
do seu caminho todo seu abraço!

PRIMEIRO DE MAIO

Olhando o calendário fico pasmo:
Que maravilha de nação feliz!
...E ao ver as folgas com entusiasmo
lembro das malas: nossa! Nem desfiz!

E num enlevo a remedar orgasmo
vou planejando: e agora, meu país?
Em qual lugar eu vou curtir marasmo
longe da lida que nada condiz?

Conto nos dedos os dias faltantes.
Se é feriado na terça ou na quinta
falto na sexta ou segunda e bem antes

Que outro espertinho na frente desminta
fico doente de espirro por nada.
Vejo-me a postos: mais uma jornada!!

José Feldman

Floresta/ PR

A LUZ DA POESIA

No compasso do meu anseio,
a poesia dança com fervor,
em cada rima, um doce enleio
de aquecer o meu interior.
Com seu tom, eu me entrego,
encontro paz, me faz sonhar,
é um amor que eu não renego,
um laço forte, um despertar,
na poesia, circunavego,
e a vida volta a brilhar.

BALANÇO DA SOLIDÃO

Na sombra fria da noite eu desapareço,
a solidão é o manto que me resta,
caminho por caminhos que não conheço,
e a voz do eco é tudo o que se manifesta.

Os sonhos se desfazem em murmúrios,
as estrelas parecem tão distantes,
e em cada passo parecem ser augúrios,
reflexos de um ser que sofre os instantes.

Mas na penumbra há um brilho escondido,
um canto suave que embala a dor,
sussurros do silêncio eu ouço desguarnecido,

E na tristeza, um traço de amor,
pois mesmo só, o coração é sentido
na solitária dança do desamor.

CADEIRA VAZIA

(dedicado a meu pai, Moisés, 1915 – 1980)

A cadeira vazia, um eco profundo,
onde meu pai sentava a tocar canções,
agora é um símbolo do amor no mundo,
guarda o silêncio de suas emoções.

O bandolim adormece, a casa é um lamento,
cada nota perdida, um sonho que desejei,
e o tempo, cruel, leva o momento,
de risos e acordes que eu tanto amei.

Seu olhar no passado, a sabedoria,
agora em memória, um peso a mais,
e cada dia que passa, a melancolia
se instala no canto, como sombra que traz.

Oh, cadeira vazia, que dor em meu ser,
teu vazio é a marca de um amor em meu viver.

CASA PEQUENA, CASA DE AMOR

Numa casa pequena o amor se aninha,
nos cantos, a risada é melodia,
com janelas abertas a luz se alinha,
e a vida se faz doce sinfonia.

Cada parede guarda histórias vividas,
os cheiros da comida, a mesa farta,
em abraços sinceros, almas unidas,
onde a felicidade nunca se aparta.

Nos pequenos detalhes a vida é grande,
um lar feito de afeto e calor,
na simplicidade o amor se expande,
e em cada gesto, se revela o valor.

Casa pequena, mas rica em carinho,
teu amor é o abrigo, meu doce ninho.

CIDADE DA SOLIDÃO

Cidade de ruas que não têm destino,
corações perdidos, passos a vagar,
no meio da gente, o viver é divino,
mas a solidão vem sempre a pesar.

As luzes brilham, mas não aquecem,
os olhares se cruzam sem se encontrar...
Na multidão os sonhos se esquecem,
e o riso é um eco que não vai ficar.

Em cada esquina um desejo escondido,
histórias não contadas, vidas a andar,
a solidão é um fardo, é um gemido,
e o amor, um anseio que quer se mostrar.

Cidade de almas onde o silêncio é lei,
busca na esperança um novo amanhecer.

CONSTRUINDO NOSSO DESTINO

Construímos nosso destino, passo a passo,
com escolhas que moldam a nossa história,
cada erro e acerto, um novo laço,
e a vida se tece em busca da glória.

Nos caminhos incertos, a fé é a guia,
os sonhos nos levam a lugares distantes,
e mesmo nas quedas a coragem irradia,
pois cada batalha nos faz mais constantes.

O futuro é um quadro em branco a pintar,
com tintas de amor, dor e esperança,
e nas mãos do presente, somos a arte a criar,
moldando a essência da nossa andança.

Assim, seguimos com força e amor,
construindo o destino sem medo da dor.

DESPEDIDAS E CHEGADAS

Despedidas marcam o fim de uma jornada,
entre lágrimas e sorrisos que se vão,
as portas se fecham, o tempo é uma parada,
e a vida se tece em nova canção.

Cada chegada traz promessas e sonhos,
novos começos, esperanças a brilhar,
mas a saudade são ecos tristonhos,
um lembrete do que não pode voltar.

Nos braços do tempo, as memórias são danças,
em cada adeus um novo horizonte,
e as vidas se cruzam, em lutas e esperanças,
na jornada da vida, em busca da fonte.

Despedidas e chegadas, o ciclo é
a dança do ser, na jornada da fé.

GANGORRA DO TEMPO

O tempo é um rio que nunca cessa,
desliza suave, em seu curso incerto,
leva os sonhos, o amor, o deserto,
e em cada gota, uma vida expressa.

As horas se vão, a saudade, a pressa,
deixando marcas em nós, imaculadas.
As rugas são contos, chibatadas
de um passado que em nós se confessa.

Mas há a beleza na sombra que arde,
no eco da risada que se dissipou,
e na memória que ainda se faz.

A vida é um ciclo que nunca vem tarde,
em cada lembrança, um brilho que clareou,
fazendo do agora uma eterna paz.

LUZ NO TÚNEL DA VIDA

(para o poeta de cabelos brancos, Professor Garcia [Caicó/RN])

Na sombra densa, a dor se aninha,
mas a esperança brilha, como o sol,
o coração sente que o amor é a linha,
que nos guia sempre em direção ao farol.

Quando o caminho é cheio de falsidades,
e a noite parece eterna em seu véu,
lembre-se das flores e suas qualidades,
que brotam com força sob o céu.

A tempestade pode rugir com fúria,
e o medo sussurrar em seu ouvido,
mas a coragem é luz que traz ventura,
e nos faz seguir, ainda que ferido.

O POETA E O AMANHÃ

O poeta constrói um novo amanhã
com versos de luz, esperança e cor,
pinta o mundo com aquarela, com afã,
dos sonhos que brotam do fundo da dor.

Cada estrofe é um sonho a se revelar,
um futuro radiante, um sol a brilhar
na tela da vida, ele sabe traçar
um caminho de flores que vão se espalhar.

Com a paleta da alegria e da dor
o poeta cria, renova e transforma
cada palavra em um sopro de amor,
um canto de vida que ganha nova forma.

Assim, ele avança em busca de paz,
construindo um amanhã com um hoje fugaz.

ORAÇÃO DA GRATIDÃO

Ó Senhor, agradeço pelos olhos que podem ver
a beleza da vida em cada flor que encanta,
campos verdes onde a luz está a resplandecer
e o canto dos pássaros que agiganta.

Agradeço pelos ouvidos que escutam
a sinfonia suave que a brisa traz,
o concerto dos seres que na natureza exalam,
a melodia eterna que ao coração faz.

Agradeço pelo dom da vida pulsante,
que faz meu coração vibrar com amor,
por cada batida, um instante radiante,
um milagre sutil, um eterno clamor.

Grato sou pela terra que nos envolve,
pelas árvores altas e rios serenos,

por tudo que a vida com carinho resolve,
e os frutos que brotam em nossos terrenos.

Agradeço ao dom da escrita que flui,
em versos e rimas, um sentir profundo,
cada palavra que brota, me inclui,
e transforma o silêncio em um eco fecundo.

Sou grato pelos amigos, joias raras,
que respeitam as falhas, as dores, as risadas,
em cada diferença um amor que se ampara,
na jornada da vida são luzes sagradas.

Por minha fiel companheira, oh, quão bendita,
a cadela que está ao meu lado a caminhar,
nos dias mais escuros, sua presença é infinita,
com amor incondicional, sempre a me amar.

E quando a vida, em seu ciclo se findar,
sorrirei, pois vivi cada instante divino,
por tudo que vi, ouvi, amei e pude amar,
morrerei feliz no abraço do destino.

RETRATO AMARELADO

(dedicado à minha mãe, Mina, 1924 – 2017)

O retrato na parede, amarelado,
testemunha do tempo que não perdoa,
o coração que palpitara, agora parado,
guarda a saudade de uma alma tão boa.

Emoldurado em memórias, um sorriso,
a luz do passado ainda brilha em mim,
mas o tempo é um artista impreciso,
e o presente se torna um eco sem fim.

As páginas viradas, os livros em fila,
cada um, uma história que não se apaga,
e a imagem, embora a vida destila,
é um lembrete de uma maravilhosa saga.

Oh, retrato querido, guardião da dor,
teu semblante é um eco de puro amor.

SAUDADE

Na sombra do passado, a saudade
vagueia como um sonho que não vem,
percorre em cada canto a verdade
de amores que se foram, um desdém.

Nos olhos, a memória faz-se mar,
um vasto horizonte que não se mede
e em cada onda um suspiro a pesar
na areia da lembrança que não cede.

Mas há beleza na dor que se sente,
um doce amargo que nos traz calor
na saudade, o amor é presente,

transforma a dor em eterna flor.
E mesmo na tristeza é envolvente,
pois sempre se recorda um grande amor.

SEGUINDO O RIO DA VIDA

(ao irmão de sonhos, Jessé Fernandes do Nascimento [Angra dos Reis/RJ])

A vida é um rio que flui sem parar,
em suas águas há tantos mistérios,
cada correnteza traz um novo olhar,
carregando na alma momentos sidéreos.

Nos encontros e despedidas, há magia,
um sopro do além que nos faz questionar:
Por que o amor arde em tanta agonia,
e a dor é parte do nosso caminhar?

Desvendando os véus que a vida nos traz,
encontramos a paz no que é incerto,
e a beleza está no que se faz.

O mistério da vida é um amor aberto,
que nos ensina, numa alma em paz,
que viver é um dom sempre desperto.

VELAS DO CONHECIMENTO

Ó livro, tuas velas são teias de luz cintilantes,
que ao vento das ideias te ergues forte,
qual barco a desbravar as águas embriagantes,
que levam cada espírito à sua sorte.

No mar revolto da dúvida e do medo,
és tu que guias firme o errante olhar,
para que o homem, em seu mais alto enredo,
possa em ti sempre um novo céu buscar.

Que venham tempestades a te cercar,
em ti, o leitor não teme o fim da estrada;
pois quem em ti navega, haverá de achar
o eterno porto em tua jornada.

José Lucas de Barros

Serra Negra do Norte/RN, 1934

Natal/RN, 2015

A ciência humana cria
os mais belos instrumentos,
foguetes que vão à Lua
e toda sorte de inventos,
mas não cria, aqui no chão,
fábrica de inspiração
nem prisão de pensamentos.

A Lua, barco risonho,
no seu posto ingênuo e belo,
era o mimoso castelo
da poesia e do sonho,
mas o astronauta medonho
lá chegou bastante cedo,
e, como no seu degredo
esperava um TROVADOR,
ao ver um explorador
a Lua tremeu de medo.

As dores já são demais
pelos caminhos da vida...
O amor, em pequenas doses,
na humanidade aguerrida;
mas o ódio, em muitas pessoas,
extrapolou a medida!

Com certeza, lá no céu
a vida é somente amor;
necessidades, não há;
dinheiro não tem valor,
e a felicidade eterna
supõe ausência de dor.

Com toda a força do peito,
quero soltar minha voz
pelos quadrantes do mundo,
em verso firme e veloz
que percorra, num só dia,
o rio da poesia,
da nascente até a foz.

Deus me deu cinco filhos e, feliz,
eu cumpri para os céus essa missão;
sinto neles a minha própria vida
como os dedos que toco, em cada mão,
quando rezo por todos, de hora em hora...
São pedaços de mim que vejo fora
porém nunca tirei do coração.

Eis um quadro que me encanta:
o mar num balanço infindo,
o céu inspirando o mundo,
as campinas se vestindo
de roupagem verdejante
e a viva flor do semblante
de uma criança sorrindo!

"EU VIM AO MUNDO CHORANDO, MAS MEU DESTINO É CANTAR."

Mamãe me disse que quando
A parteira entrou no quarto,
Sem prejudicar seu parto
Eu vim ao mundo chorando;
A vida foi-me ensinando
Sorrir mais do que chorar,
Pela sorte ou pelo azar,
Que não vale viver triste;
Por isso, a tristeza existe,
Mas meu destino é cantar.

LAMPARINA SEM PAVIO É BESTEIRA BOTAR GÁS."

Em qualquer noite de frio,
Fica escura minha tenda...
Não conheço quem acenda
Lamparina sem pavio.
E como o velho sombrio
Que deixou de ser rapaz;
Tem vontade e nada faz;
E carta que não dá jogo...
Sem algodão para o fogo,
E besteira botar gás.

Na partitura dos versos,
tento doces harmonias,
porque é mais feliz, no mundo,
quem, tecendo fantasias,
faz da existência um poema
e o canta, todos os dias!

O improviso, que é sempre uma surpresa,
é o momento supremo da emoção
de quem logra ter grande inspiração
para encher a poesia de beleza;
uma estrela distante, com certeza,
manda um sonho de ouro pra o poeta,
que se sente tocado de uma seta
no recinto da lógica e da mente;
brilha logo a faísca do repente
e um poema, em segundos, se completa.

O amor da mulher querida
me fez virar trovador,
tornou-me o pai mais feliz
deste mundo encantador,
porque o sentido da vida
só se traduz com amor.

O pobre caleja a mão,
suando na roça alheia,
por um salário mesquinho
que não lhe garante a ceia,
e há tantos que nada fazem,
mas vivem de bolsa cheia!

O POETA TAMBÉM CHORA, MAS CHORA COMO QUEM CANTA

Todo poeta se inspira
Na vibração de seu canto,
Embora, às vezes, o pranto
Em seu caminho interfira;
Afeito ao toque da lira,
O som das canções o encanta,
Mas, se um dia a musa santa
De seus sonhos vai embora,
O poeta também chora,
Mas chora como quem canta.

OS MEUS SONHOS DE POETA JÁ FORAM REALIZADOS

Nunca fui um bom esteta,
Mas fiz da forma uma lei
E na trova não frustrei
Os meus sonhos de poeta;
O que falta. Deus completa
Pra redimir os pecados
Dos versos desengonçados
Que discrepam dos demais,
Por isso meus ideais
Já foram realizados.

Quer fazer este mundo mais tristonho
tire o charme romântico das flores,
quer banir a beleza apague as cores
quer matar um poeta, mate o sonho;
entretanto se quer Jesus risonho
faça um gesto de amor, abrace a vida,
veja o mundo na tela colorida
da visão inspirada de um profeta;
mas, não toque no sonho do poeta
que o poeta sem sonho se liquida.

"QUERO QUE A MORTE RETARDE, MAS, CHEGANDO, SEJA BREVEL"

Não sei bem se sou covarde,
Ou tenho alguma coragem,
Mas minha fatal viagem
Quero que a morte retarde;
Ela vindo sem alarde,
Juro não lhe fazer greve...
Que a terra me seja leve
E que a hora derradeira
Não me venha de carreira,
Mas, chegando, seja breve!

Satisfeito, carrego a minha cruz
com a estrela da fé dentro da mente.
Vou lutar pra vencer os atropelos
sem temer o que esteja pela frente.
Sei que a senha da morte não tem prazo,
mas, enquanto não chega o meu ocaso,
sigo olhando pra luz do sol nascente.

Se este mundo se fechar
como as portas de uma cela,
há de restar, pelo menos,
o claro de uma janela
para a entrada da poesia,
sem a qual nos faltaria,
na vida, a coisa mais bela.

Sem descanso, esse mago da poesia
faz "Mensagens Poéticas" pra nós...
Só Deus pode calar a sua voz
de poeta do amor e da alegria,
mas, se ouvisse esta prece, lhe daria
uns cem anos de vida e de prazer,
pra cantar a beleza de viver,
como tem dado exemplo até agora,
e diria pra morte: – vá embora,
que Ademar não tem tempo de morrer!

Vejo a poesia estampada
na manhã que se levanta,
na ternura dolorosa
dos olhos da Virgem Santa
e na grandiosa beleza
da cachoeira que canta!

Laércio Borsatto

Poços de Caldas/ MG

A ESPERANÇA

COMO um cisne a nadar por sobre o lago,
Vejo-te quando friso as águas cristalinas.
Por entre as flores, num espaço vago,
Dando inveja às palmeiras das campinas.

Vejo duas pombas, que num doce afago,
No galho balançam quais as bailarinas...
Toca em meu coração o anseio que trago
Que tu desconheces e nem imaginas.

Mas confessar-te eu jamais poderia,
Se nunca me olhas, como ousaria,
Falar de amor a quem só me ignora?

Contento-me a contemplar tua face...
Um dia morre logo outro dia renasce...
A esperança há de voltar com a aurora.

A MOÇA E A ROSA

Numa manhã de sol, na rosa entreaberta,
As pétalas luziam com as gotas de orvalho.
Ao longe um carrilhão repetia a hora certa.
Muita gente agitada corria pro trabalho.

Ali embevecido, o rapaz se põe alerta!
Uma janela abriu e na fresta de um galho,
Viu a moça surgir toda risonha, liberta;
Estendeu ao sol, uma colcha de retalho...

Fez na manhã seguinte, o mesmo itinerário...
A rosa toda se abrira. No campanário,
Repetia-se as batidas da manhã anterior...

Ele novamente ali! Voltou pra ver a rosa!...
Ou quem sabe, a moça faceira e formosa,
De farto sorriso e os olhos cheios de amor!...

A ORQUÍDEA

NA ENTRADA da casa, a orquídea abriu
Seu vasto sorriso, lilás e amarelo.
O verde das folhas também aderiu,
Esbanjando um quadro, nobre e mui belo!

Da sacada eu contemplo de perfil
Essa obra que Deus, de modo singelo,
Mormente nos recantos de meu Brasil,
Faz da graça e da beleza, um forte elo!

Quem passar por ali, sentirá a candura
Dessa flor, que com delicadeza pura,
Indelével toca o coração humano...

Nesse meditar a minha alma cogita.
Meu ser acende, se rende e acredita:
Isso só é possível, com toque soberano!

...ÀS MARGENS DO LAGO ONTÁRIO

Andando às margens do lago Ontário
Por alguns instantes, após o sol posto.
Dia vinte e seis deste lindo mês de agosto.
Como o sol, havíamos cumprido o itinerário...

Nessa tarde sentia-me feliz e disposto,
Caminhava e tinha em mente, involuntário
Desejo de voltar.Via naquele cenário,.
O espelho das águas, esculpir o meu rosto...

Desviei o olhar nas orlas do horizonte
Ataviadas em cores róseas. Vi o monte
Exibindo um verde que não vira, até então.

Nesse devaneio ao meio a lindas flores,
Vi estrelas mostrando seus resplendores;
E a saudade invadiu de vez meu coração.

COMO UM PÁSSARO

Desperta! Como pássaro vá àquele monte
E sinta a fragrância disposta nos ares;
Vislumbra encostas e a imensidão dos mares:
Vê raiar a aurora, na fímbria do horizonte!

Dessas maravilhas me fale, me conte.
Traga no olhar, quando um dia voltares,
A total independência de teus cismares:
Andando descalça, bebendo da fonte.

Conte- me, gesticule grite e entusiasme,
Com tal euforia, que a ouvi-la me pasme,
Ao ver reflorir total deslumbramento...

Porque assim me farás contente e feliz!
Fazê-la feliz é tudo o que sempre quis:
Ai estará o limiar de meu contentamento!

MARCAS DOS TEMPOS

Reporto aos meus guardados da memória:
Tempos ditosos, vida plena de alegria.

A tinta que escrevemos nossa história,
Tinha algo envolto em amor e poesia...

As marcas dos tempos ficaram sem glória.
Já não temos o sabor da companhia...
É bem diferente a nossa trajetória,
Muito ao contrário do que foi um dia!

Já não ouves minha voz, querida minha!
Ouves, talvez, quando chega à tardinha,
Soar, na voz dos ventos, os meus madrigais.

Inserindo em teu coração, docemente,
Notas suaves que são simplesmente,
Lembranças dos tempos que não voltam mais!

MEU SUBLIME MOTIVO

Eu, que na vida, sempre fui tão inconstante,
Agora me detenho num tema exclusivo:
A cordas dessa lira, fortes vibrantes,
Fazem parte do mundo belo em que vivo...

É como uma mensagem de paz. Num instante,
Vem à minha alma como um doce lenitivo.
Nesse agito, o meu ser torna-se redundante:
Desejo escrever... É meu sublime motivo!

Nessa jornada, no campo imenso da poesia,
Encontro essa beleza que antes não sentia...
São simples temas – nobres joias esquecidas!...

Em cada verso, doo um pouco de mim mesmo.
Nesse jardim inerte, no abandono, a esmo,
Cultivo meu canteiro de belas margaridas!...

MINHA VOVÓ MATERNA

A MINHA memória vagueia na estrada,
De nossa casa até a de vovó Suzana!
Comumente, lá íamos, nos fins de semana;
Só pensávamos na hora da chegada!

Eufóricos, já na ultima subida,
Ouvíamos o marulhar da cachoeira;
Logo avistávamos, felizes da vida,
No caramanchão da varanda, a videira!

Uma vez chegamos com roupa molhada,
Pés sujos, pela lama da estrada;
Pois fomos surpreendidos pela chuva.

Vovó subia vagarosamente do pomar,
Com todo cuidado, o avental a segurar,
Onde trazia lindíssimos cachos de uva!

POEMA DA NOITE SEM FIM

AS HORAS não passam, noite infinda.
A folha cai do ramo ainda umedecida.
Do vento na vidraça a vibração não finda...
A rosa vai se abrindo! Milagre da vida!

Penso no espaço, cada hora vivida...
Lembro-te com ternura: Te amo ainda!
Quando partiste, tu choravas comovida,
Naquele momento, como te achava linda!

Minha alma esperou amanhecer o dia!
No jardim mais uma rosa branca abria...
Pensei presenteá-la, nalguma despedida!

Comecei a entoar baixinho, um belo hino...
Veio-me a lembrança os tempos de menino,
Quando se desconhece, fases duras da vida!

TRIBUTO A NILTON TULLER
(homenagem ao Pastor maringaense)

Há muito ouvi falar de seu talento
Por todos caminhos por onde pisavas.
Ainda agora na cultura em que lavras,
Traze-nos total louvor... Encantamento!

Certo, na vivência e a cada momento,
Nas veredas do altíssimo trilhavas;
Com maestria no manejo das palavras,
Sempre a expor o mais puro sentimento.

Assim em sua missão de fiel e bom pastor,
Em versos, disse ESTOU PRONTO SENHOR,
Daí o reconhecimento de todo povo...

Numa prova de amor santo, verdadeiro,
Deus, como pediste, tal qual o oleiro,
Transformou sua vida, num VASO NOVO!

Lairton Trovão de Andrade

Pinhalão/ PR

ASPIRAÇÃO

"Ah, beija-me com os beijos
da tua boca." (Ct. 1.2)

Estes lindos olhos teus,
Azuis como o azul do mar,
Poderiam ser só meus...
- Como é bom poder te amar!

Nesta face de menina
Estou sempre a contemplar-te;
Como à sedosa bonina
Bem quisera acariciar-te!

Estes seios convulsivos,
Cheios de amor sem-par,
Estão sempre efusivos...
- Quem me dera te abraçar!

Estes lábios - rubra cor,
Continuamente a exalar
Anseios de um grande amor...
- Que delícia te beijar!

DOCE ESPERANÇA

"Eu sou do meu amado, e o meu amado é meu." (Ct. 6.3)

Longo tempo de espera passou,
Novo dia raiou na estação;
Trago n'alma o nosso passado,
Pra revê-la com toda emoção.

Na memória, bem viva, a guardei,
Eu só tive você na saudade;
Suspirei encontrá-la de novo
- Casarei com a felicidade.

Vou dizer-lhe que o amor é maior,
Ele é puro tal como o marfim;
Ele sabe que digo a verdade
- É o amor que jamais terá fim.

ESTRELA DO MEU CÉU

"Tu és bela, tu és formosa." (Ct. 4.1)

No céu da minha vida,
Há uma rara estrela;
Na imensa nebulosa
Deslumbra-me em vê-la.

Do mundo nada almejo,
Se a tenho sempre bela;
É luz do meu caminho
A minha alva estrela.

No abismo não te escondas,
- Adoro a minha estrela!
Perdido eu estaria,
Se não pudesse tê-la.

Sozinho, minha estrela,
O que podia eu ser?
- Seria escuridão
De eterno padecer.

Com vida de dez séculos,
Meu sonho nela eu pus;
A cada dia mais
Verei a sua luz.

NA JANELA

"Tuas faces são graciosas entre os brincos." (Ct. 1.10)

Formosa e atraente naquela janela,
Perfumes de amor exalavas, sem fim;
De novo, da esquina, em belíssima tela,
Quisera rever o que vive por mim.

Daquela sombria e apática esquina,
Eu vi a velha casa espargindo jasmim;
O rosto de encantos de meiga menina
De amor acendeu-se - brilhava pra mim.

De longe te vi, lá naquela janela,
Meu ser, por inteiro, vibrou de alegria;
De ver tanto amor na tua face tão bela,
Senti que feliz eu contigo seria.

Assim, ao te ver, calorosa quão linda,
Não pude conter da emoção o pulsar;
Correndo apressado, queria eu, ainda,
No fogo do teu coração me abrasar.

Na sala adentrei-me, onde estavas sorrindo,
Teus olhos brilhavam com grande emoção;
-Macios cabelos!.. Que rosto tão lindo!...
Beijando abracei-te com muita paixão.

RAINHA DO ABISMO

"Eis que o meu amado vem aí, saltando sobre os montes, pulando sobre as colinas." (Ct. 2.8)

Solitária orquídea do rochedo altivo,
Que o penhasco alegras com teu magnetismo;
Tens a pedra tosca, por trono cativo,
Onde vives presa, rainha do abismo.

Muito maravilhas o penhasco feio,
Do surgir da aurora até ao entardecer;
Mas teu coração está de angústia cheio
Por não ter aquele que desejas ter.

Que vale o sorrir da brisa em teu semblante,
Que se faz presente pra te acariciar?
Sem meigos carinhos deste amor distante,
Tudo isso só pode te fazer penar.

O que mais fazer para te libertar?
Escalar montanha, além do abismo o horror?
Arriscarei tudo – quero te buscar!
Dar-te-ei uma vida repleta de amor.

Arriscarei tudo – vencerei o dragão!
Galgarei a escarpa – direção do norte;
Lutarei co'o vento – vencerei o tufão...
Vou salvar o amor – libertar-te-ei da morte!

SAUDADE

"Dize-me, ó tu, que meu coração ama, onde apascentas o teu rebanho?" (Ct. 1.7)

A minh'alma está cheia de dor,
Dor perene de acerba saudade,
De saudade do mais puro amor...
Estou triste qual triste albatroz,
Não preciso escutar nada mais,
Pois ouvir eu nem posso a sua voz.

Este vento assobia lá fora...
Lentamente meu dia passou...
Vem a noite calada, agora,
Sufocar minha vida tristonha
Com o meu pensamento angustiado
– Pesadelo acordado que sonha.

Nem as cordas sonoras da lira
Inspirar melodias puderam;
Só lamento pungente se ouvira
De uma vida que vive o temor,
E, distante da face querida,
A saudade tem sulcos de dor.

Que saudade do seu rosto lindo,
Desses olhos que olharam pra mim;
Eu a vejo formosa, sorrindo,
– Primavera corando-se em flor...
Que saudade da face excitada,
Fascinando-me em taça de amor.

Quero vê-la de novo bem linda,
Com seus braços repletos de vida;
No meu lar seja sempre bem-vinda,
Casa cheia de dócil encanto;
Contagiado será seu viver,
Expulsando, co'amor, o meu pranto.

TUAS MÃOS

"Tua mão esquerda está sob minha cabeça, e tua direita abraça-me." (Ct.8.3)

Ó suaves mãos, mãos afeiçoadas,
De puros gestos, carinhosas;
Ó níveas mãos, mãos abençoadas,
Que coisa as fez assim formosas?

Macia palma, aveludada,
O dorso – cheio de expressão...
O que será tem de encantada
A placidez da tua mão?

E brandamente com ternura,
Amigas mãos, quentes, me vêm;
Não é paixão, não é loucura,
Mas as tuas mãos – o que elas têm?

Volvem pra mim alegremente,
Como se, então, me dessem um beijo;
E no tanger mais complacente,
Com grande afeto eu sempre as vejo.

Mesmo de frágil compleição,
Fazem-me forte qual gigante;
Quanta magia em cada mão!
Por elas só, vou sempre avante.

Na branca palma da tua mão,
Soletro as sílabas da vida;
Eu vejo um "M" com paixão
– Centro do amor é a letra lida.

Lino Vitti

Piracicaba/SP, 1920 - 2016

A BANDEIRA DO SONHO E DA ESPERANÇA

Vede a nave que vai. É a vida que navega,
às vezes calmaria, às vezes sol bonito.
Pelos mares boreais agora nos carrega,
por oceano feliz, estival e bendito.

Esta nau é latina, esta outra é vela grega,
qual vem de Gibraltar, qual vem do velho Egito.
Hoje o Mediterrâneo em torno a si as congrega,
amanhã já não sei em que quadrante as fito...

E quem sabe, Senhor o rumo dessas naves,
ora ao Norte, ora ao Sul, tempestades, bonanças,
furor de vendavais, quiçá rotas suaves!

O que vejo, porém, em toda a nau que avança,
vencendo furacões, à voz de roucas aves,
é a bandeira do Sonho e o mastro da Esperança.

ANTES QUE AS ESTRELAS BRILHEM

Antes que brilhem as estrelas no alto,
num estranho chegar do lusco-fusco;
antes que a noite com seu negro assalto
me tire a santa luz que tanto busco;

antes que as trevas – esse horrendo asfalto
do céu – onde de dor a alma chamusco,
os meus ideais a poetar ressalto,
vejo perto um crepúsculo velhusco.

O sol já não quer ver-me com carinho,
sem águas vou, aos passos, no caminho,
vão as flores e as aves debandadas.

Restam somente as rimas por conforto,
eu já alcancei o derradeiro porto,
brilhem pois as estrelas namoradas.

FLORINDO CORAÇÕES

Veja o belo jardim como anda florescido
tanta roseira em flor sonhando com perfumes!
Um verdadeiro céu de estelíferos lumes
estilhaçado em chão de vidro derretido.

Em flores transformou-se a montanha de estrumes
dado vida ao odor tristonho e ressequido.
Convidados da noite a um banquete subido
são insetos que vêm e luzem vagalumes.

Veja as rosas que estão clamando por olhares,
por sorrisos de quem bem perto delas passa,
por beijos de manhãs e céus crepusculares.

Deixemos repousar a vista generosa
nesse encanto floral da roseira que é graça
fundindo em coração cada botão de rosa.

LUZES DO OCASO

Quando o céu se colore e como um pálio
se desdobram luzores no horizonte,
dou por findo o meu rústico trabalho,
do versejar selou-se a minha fonte.

É preciso parar ânsias do atalho,
é preciso deter o afã do monte.
É preciso secar o doce orvalho
antes que o sol, no céu, fulvo tramonte.

Toda a vida me foi um belo acaso,
quanto pude galguei o meu Parnaso
dispersando poesia estremecida.

Tudo finda na vida, tudo finda,
mesmo assim vejo sempre muito linda
a aventura enigmática da vida,

MÃE

No teu divino seio, oculto e pequenino,
Como semente em chão prolífero e adorado,
Germinaste-me a vida e com sopro divino,
Libertaste-me à luz de um mundo doce e amado.

Com tua santa voz guiaste o teu menino,
Cobriste-me do frio e teu braço sagrado
Mostrou-me a feliz senda e a seguir o destino
Como sempre vencer, feliz, cristão e honrado.

Receba, minha mãe, neste dia, a saudade;
Que abracem suas mães todos os filhos nobres,
Que elas sintam do Amor toda felicidade.

Que Deus lá do infinito envie a todas elas
A bênção celestial, sejam ricas ou pobres,
Brancas, pretas, oh! sim, de palácio ou favelas.

POESIA MODERNA

Minha cara Poesia alegre e modernista,
inestética, irreal, síntese, paradoxo.
Desrimada, a mancar qual manca altivo coxo
mas sincera, jovial, enigmática, artista.

Protestante, genial, lírica arte golpista,
bela como o Brasil, ou feia como um mocho,
ora clara manhã, ora poente roxo,
revolução feliz, a se perder de vista.

Sem métrica, sem rima, e sem qualquer estrofe
és. Poesia moderna, um grande regabofe,
artística, revolta, amada e sem vergonha.

Assim mesmo sem rima ou métrica que a cantem,
não importa porém que os outros mais se espantem,
enquanto teu cantor divinamente sonha.

POETA

E quem és tu, senhor Poeta caminhante,
Aos sonhos abraçado, a esse infinito imenso?
E o que queres, meu Deus, e o que buscas constante,
Por que vives inquieto, inquieto e sempre tenso?

É por que teu caminho é sempre longo e arfante,
E parece seguir sob os fumos do incenso?
Muitas vezes suponho e tristemente penso
Que és um pobre, e perdido, e tolo delirante!

Não, porém, pois tu és o excelso mensageiro
Que traz do Céu à Terra a divinal Poesia,
E a entregas com amor, a um mundo louco e triste.

Sem você, meu poeta e sem o teu celeiro,
Não teríamos nunca essa santa magia,
E o mundo indagaria: a Poesia existe?

TAPERA

Torce o caminho manso e entre pedras percorre
agarrando-se, ansioso, à encosta da colina.
sobe-se um pouco e olhar curioso descortina
a paisagem feral da tapera que morre.

Reina a desolação e a tristeza domina
tudo, restos mortais. A luz do sol socorre
piedosamente, como um bálsamo, e escorre
sobre a ferida em flor dessa bela ruína.

Tetos a desabar, muros em derrocada,
as cercas pelo chão, porteiras vacilantes,
pompeando os ervaçais na casa abandonada.

Cadáveres, e só, da rica habitação
onde floriu, feliz, o grande senhor d'antes,
dos tempos memoriais da negra escravidão.

TERRA NATAL

(Santanense com orgulho)

Nesse chão, onde guarda a santa natureza
as minhas ancestrais, genéticas raízes,
vi florir-me da vida os sonhos de beleza,
desfrutei do viver, os dias mais felizes.

Deram-me as fontes a água pura posta à mesa,
da sede refrescando as fundas cicatrizes.
O céu – cúpula azul – de enorme azul-turquesa,
se enfeitava de sol e de nuvens atrizes.

Pássaros musicais, saudando a manhã nobre,
a escola, as plantações, as estrelas em penca,
as estradas que vão, de um sino o triste dobre...

Uma terra não há como a minha Santana:
Tem o terno verdor de um vasinho de avenca,
e o gosto sazonal de um cacho de banana.

VELEIRO DO AMOR

Coração – débil barco aventureiro –
pelo oceano do amor, toma cautela.
Pode surgir um vendaval traiçoeiro
que te arrebate e te estraçalhe a vela.

Perscruta o rumo. Sobre o mar inteiro
se prepare talvez árdua procela.
Busca horizontes claros, meu veleiro,
onde o sol brilha e o mar não se encapela.

Não te faças ao largo em demasia
que vem a noite horrenda e a treva traz
queira roubar-te a luz que te alumia.

E então sem rumo, sem farol, sem paz
quiçá não possas mais voltar um dia
à imensa praia que deixaste atrás.

Luciano Didimo

Fortaleza/ CE

A LUZ

A luz da Estrela Azul, que é tão brilhante
Adoça a roxa fé como um licor,
Abrindo os nossos olhos para a cor
Que apaga o tempo cinza já distante:

Do tão avermelhado Sol do Amor,
Do verde da esperança ali adiante.
A luz que resplandece radiante
Nos mostra um novo mundo e seu primor.

As águas cor de prata descem rio,
Varrendo a negra cor da noite escura
E dissipando a dor com cortesia.

A luz clareia tudo o que é sombrio,
Fazendo a paz mostrar sua brancura
E rebrilhar o ouro da poesia!

A POESIA

Às vezes, se o poema está contente,
Eu toco a poesia em instrumentos,
Cantando doces versos para os ventos,
Recebo a poesia na nascente.

Às vezes, se o poema está doente,
Eu sofro a poesia nos tormentos,
Gemendo amargos versos em lamentos,
Oferto a poesia no poente.

Nas Rosas, eu encontro a poesia,
Nas cores e no aroma, em cada espinho,
Nos versos que, das pétalas, escorrem.

Diferem os poemas, todavia,
Das rosas, em seu rápido caminho,
Que brotam, desabrocham, depois morrem!

A ROSA DO DESERTO

Quem dera se eu tivesse um coração
Que fosse feito a Rosa do Deserto,
Que emana formosura a céu aberto,
Na sua exuberante floração.

Quem dera se eu tivesse a proteção
Que tem seu sangue em seiva recoberto
Por caule resistente que, decerto,
Suporta gigantesca sequidão.

Assim meu coração palpitaria
Com toda a fortaleza dessa rosa
E por qualquer deserto eu passaria.

Por onde quer que eu fosse, espalharia,
Também sua beleza graciosa,
E rosa no deserto então seria!

A SAUDADE AZUL

A tal saudade, adolescente cruz,
No peito pesa e a trajetória segue,
E faz que assim, no escurecer, eu cegue.
Eu não entendo o derramar do pus.

Mas para que eu, desse pesar, segregue,
Um brilho azul, na escuridão, reluz.
Contemplo, assim, a incandescente luz,
Fazendo, pois, que a confiança, eu regue.

O nosso amor, por conseguinte, entorna,
Feliz presença, de repente, torna,
Mandando a ausência, eternamente, embora.

Na grande Estrela, eu buscarei, faminto,
E o seu abraço, encontrarei, pressinto,
Na luz azul, que resplandece, agora!

A SUPERLUA

A lua, cor de pérola, reluz,
Transforma o grande mar em seu espelho,
Expulsa sutilmente o sol vermelho
E a noite escura acolhe a sua luz.

A lua, assim gigante, me conduz
Por caminhos sem placa e sem conselho,
No silêncio, no qual eu me assemelho,
Beleza imensa que ninguém traduz.

A superlua, cheia e esplendorosa,
Derrama em mim um brilho sedutor,
Inspirando um soneto que a desposa.

A lua, em suas glórias, indiscreta,
Que faz da poesia o seu andor,
Se torna a grande musa do poeta!

A TEMPESTADE

Densas trevas cobriram nossas vidas
Enchendo-as de um silêncio que ensurdece
As almas temerosas e perdidas
Na tempestade elevam sua prece

As virtudes então adormecidas
Se mostram ao irmão que reconhece
Que as mãos no mesmo barco estão unidas
E a força da remada se engrandece

Ponhamos no farol a confiança
Na cruz também está nossa esperança
Sozinhos não podemos nos salvar

Precisamos seguir a mesma rota
Cada um contribui com a sua cota
Um dia as águas hão de se acalmar

CASA DOS CONTOS

Nesta casa que o conto nasce e cresce
A arte vem pelo aroma das panelas
A narrativa sai pelas janelas
E a criatividade é o alicerce

As palavras se juntam no telhado
E as técnicas de escrita são paredes
Personagens dormindo em suas redes
Aguardam que o escritor use o teclado

Toda vez que um autor acende a brasa
A trama passa pela encanação
E aquece do leitor seu coração

Mas a imaginação: louca da casa
Não deixa ficar nada no lugar
Para que o texto possa se inovar

CEARENCÊS

Aqui no Ceará é "invocado"
O linguajar cantado e bem rasteiro.
Todo cabra matuto é "beradeiro"
E aquele que tem pressa é "avexado".

Quem se mete a valente é "arrochado",
Se cria muito caso é "bunequeiro",
Se o cara é brincalhão, ele é "fuleiro",
E se não "bate bem", "abirobado".

Quem gosta de mexer é "buliçoso"
E aquele que tem fome,"esgalamido".
"Só o pitel" é algo bem gostoso.

Chamamos de "ariado" o distraído,
"Bichim" é tratamento carinhoso,
Cearencês é mesmo divertido!

NORDESTE

O sol com sua força incomplacente
Abraça o chão sedento do sertão,
Clamores se derramam na oração
Do povo tão sofrido e renitente.

O sol com sua luz incandescente
Abraça as belas praias com paixão,
Gigante litoral em extensão
Com mares de água morna transparente.

A lua embala o frevo e a capoeira,
As dunas e falésias, cor dourada,
Cordel, literatura verdadeira.

Estrela que reluz na Pátria Amada,
Cultura que enriquece a terra inteira,
Nordeste, a minha terra abençoada!

O MAR

O mar, com soberana majestade,
Impõe-nos a vontade que lhe emana
Com toda intensidade e não engana
A solidez tirana da maldade.

Com sua veterana autoridade,
Despreza a sociedade leviana,
Pois a salubridade é sua gana,
Não há ação insana que lhe agrade.

Esconde em seus rochedos um rosário,
Pois, mesmo autoritário, tem seus medos,
Encontra em nossos dedos seu calvário.

Espelho refratário de degredos,
Sepulcro de penedos, santuário,
O mar é relicário de segredos!

Lucília Alzira Trindade Decarli

Bandeirantes/ PR

DESTINO TRAÇADO

O tempo, que foi traçando
os caminhos teus e meus
viu o amor ressuscitando:
– predestinação de Deus!...

Enamorados, lado a lado, um dia,
nós dois felizes, pelo amor ligados...
Passou-se o tempo e veio a nostalgia
quando a distância pôs-nos separados.

Mas no destino escrito, todavia,
pudemos ler depois, quase assustados,
que uma saudade nunca se esvazia
sem que os anseios sejam debelados.

E, assim, tal qual ovelha que, ferida,
tem no pastor a mão compadecida,
ou passarinho procurando a flor...

Qual negra noite em busca do luar,
águas fluviais, unidas pelo mar:
somos nós dois... vencidos pelo amor!

DOCE OLHAR

Teu olhar, pura magia,
transmite doçura tanta,
que em mim tira a nostalgia
e qualquer medo suplanta!

Transmite o teu olhar real doçura...
Pergunto-me se existem tais momentos
em que este olhar, despido de candura,
reflete o fel de alguns maus pensamentos.

Aqueles pensamentos de amargura,
que em todos nós evocam sofrimentos,
pois não existe, creio, uma criatura
livre no mundo, sem quaisquer tormentos...

Mas este olhar, que inspira em mim confiança,
fala de amor, de paz e de esperança,
logo afugenta o meu triste pensar.

Volto a te olhar, atenta e embevecida...
Se em tuas mãos coloco a minha vida,
no teu olhar eu quero mergulhar!...

ETERNA PARTITURA

Sonatas intercaladas
antes, durante e depois...
E em nossa pele, trocadas,
as digitais de nós dois!

Antes que eu chegue ao último suspiro
retirarei de mim toda amargura,
indo aos teus braços e em completo giro,
vivenciarei a eterna partitura...

Ali quero aninhar... Nesse retiro,
longe estarei da dor, da desventura,
do desamor, desdém, porque prefiro
o sonho à realidade sem ternura.

Concordes na regência e no compasso,
acordes vibrarão naquele espaço;
nosso desejo exprimirá bem mais...

Harmonizando o amor com melodia,
o maior feito ao fim da sinfonia:
– ter em meu corpo as tuas digitais!...

FRUTA DA SEMENTE

Não meças nela o trabalho,
pois colheita é contingente,
mas quanto, de orvalho a orvalho,
tu já plantaste... em "semente"...

De sol a sol, firmando as mãos no arado,
suor pingando, ao solo se entregava...
– Hoje, um trabalho rude e ultrapassado
do lavrador, que a terra cultivava.

Com grande afinco e sempre atarefado,
fazia os sulcos, com as mãos semeava
e, esperançoso a capinar, cansado,
o agricultor, temente a Deus, rezava...

Pedia chuva para aquela empreita,
o pensamento firme na colheita,
depois que via germinando o grão...

E desejava, então, ardentemente,
ver pão na mesa, fruto da semente,
que enverdecera todo aquele chão!

MARAVILHA NATURAL

Da lenda, a qual explica a sua origem,
um trecho sobre o amor malsucedido...
"Teve, um casal, seu plano interrompido:
– fratura em rochas... águas com vertigem!..."

Vindas da serra as águas se dirigem
ao cânion, onde o rio está estendido.
Cada turista observa, embevecido,
as gigantescas quedas, que coligem!

Nosso Brasil tem belas cachoeiras,
águas cantantes pelas ribanceiras,
e, cristalinas, vistas a olho nu...

Ressalto, aqui, aquelas impactantes,
maravilhosas, densas, sons vibrantes:
– As Cataratas (plenas) do Iguaçu!

PÉS ANDARILHOS

O trem sua meta alcança,
girando as rodas nos trilhos...
Meu caminhar que, hoje, avança,
conta com pés andarilhos!

Não sei dizer, quanto em quilometragem,
nem quantas as estradas percorridas...
Posso afirmar: depois de longa viagem
meus pés estão dispostos a outras idas.

Sendo andarilhos, levam na bagagem
minhas vitórias — poucas — conseguidas;
também derrotas, e essa desvantagem
é que impulsiona para mais corridas!

"Tanta importância dada aos pés, no entanto,
parece injusta e traz calado espanto
a um corpo, quase todo" — alguém diria.

Lembro que, ao corpo, dão sustentação
e exalto, aqui, o poder: locomoção...
Porque sem pés, andar não poderia!...

QUERO...

Constato ao alvorecer,
também ao clarão da lua:
mesmo depois de morrer
quero ser somente tua!

Quero sentir de novo as tuas mãos
a tatear meu corpo, docemente...
Quero apagar meus pensamentos vãos
para entregar-me a ti, confiantemente.

Quero pisar sem medo em quaisquer chãos,
seguir feliz na estrada à minha frente.
Quero a renúncia pronta dos meus nãos,
dar-te o meu sim, sonoro e ardentemente!

Porque quem ama sempre retrocede,
porém as consequências nunca mede,
quando a paixão reinflama o coração...

Por isso eu quero tudo o que quiseres,
ser a mais tua dentre outras mulheres:
— aquela que te amou... sem restrição!

SEU RETRATO

Com seu retrato eu falava,
queixando-me de um desgosto
e a lágrima, que brotava
foi descendo no seu rosto...

Você se foi e além desta saudade,
a solidão me impôs mais um castigo...
Sem ter você eu vi que, na verdade,
nem um retrato seu tinha comigo.

Passado o tempo, nova realidade,
minha lembrança exposta ao desabrigo,
pois a aparência da adiantada idade
não corresponde ao jovem rosto, antigo.

Conscientizada de inegável fato,
num livro eu vi seu quase atual retrato,
fui logo ampliá-lo para mais vantagem...

E analisei o seu semblante, nele,
mas percebi que não preciso dele:
– gravada em mim já estava a mesma imagem!...

Luiz Damo

Caxias do Sul/ RS

ALMA SEDENTA

Nas profundezas duma alma sedenta
dormem inquietos os sonhos feridos,
porém das alturas, quem a sustenta,
são forças ocultas ou dons nutridos.

Frente às intempéries da convulsão
surgem desejos tão controvertidos,
que exigem proezas e precaução
numa seleção dos mais preferidos.

Pensas que fazes da vida uma flor?
Não peça um favor sem se consultar,
porque pode estar, em si, seu valor.

Jardins floridos, não deixem faltar,
o aroma que faz nascer terno amor
e nos campos da dor, vidas brotar.

CAPELA

O velho sino na torre anuncia
e conclama o povo a se congregar,
em torno da prece que em harmonia
a todos permite assim celebrar.

A capela há tanto tempo não via
tanta gente ao mesmo tempo a rezar,
ser fonte de paz, embora vazia,
ficando aberta a quem quiser entrar.

Nunca haja na fé, seres rejeitados,
num mundo que poucos querem mandar
e muitos talvez, são desrespeitados.

Juntos no rumo que sonham trilhar,
todos os dons sejam manifestados
e os ocultos também possam brilhar.

CELEIROS

Dos bons momentos outrora vividos
sempre nos restam as recordações,
restos de passos, quiçá interrompidos,
por tantos motivos ou frustrações.

Fartos celeiros tão bem protegidos
guardaram os frutos das plantações,
pra ser amanhã, talvez consumidos,
em outras mesas, distantes prisões,

Muitos passam pela vida encolhidos
no próprio casulo das ilusões,
sem nunca provar os dons recolhidos.

Ninguém sinta acabar as pretensões,
nem fique chorando os sonhos perdidos
nas longas noites das lamentações.

CIÚME

Quantas flores exalam seu perfume!
E as estrelas não param de brilhar.
Muitas pessoas morrem de ciúme
por não conseguir seus rumos trilhar.

Envoltas no rancor, ninguém assume,
aquilo que a vida tem pra lhes dar,
tanta inveja de quem alcança o cume
e assim as deixa sem poder andar.

Num escuro pranto, à sombra da dor,
noites caíram trazendo o seu manto,
levando nos braços todo o fulgor.

E o brilho do céu repleto de encanto
devagar também vai perdendo a cor
restando as trevas a causar espanto.

DECLARAÇÃO

A pedido da parte interessada
uma declaração pode ser feita,
se for de amor deverá ser perfeita,
para não ferir a pessoa amada.

Se o destino for a própria "Receita",
nunca ocorra vê-la mascarada,
e assim, quem a lê, veja retratada.
na escrita somente a verdade eleita.

"Saibam todos quantos virem num ato"
além dos que possam manifestar,
todo teor legado num contrato.

Enquanto muitos tentam demonstrar,
nobres valores, frutos deste fato,
outros seguem vasto campo a plantar.

ECOS DO TEMPO

Foram os rastros de antigos verões
n'algum lugar do passado, escondidos,
que transformaram modestos galpões
em templos de luzes na alma floridos.

Se chorarmos os nobres dons perdidos
quiçá, deixados nos velhos porões,
choramos porque não foram vividos
ou guardados como vivos brasões.

O tempo passou, restaram sinais,
gravados na fronte do nosso ser,
cujos momentos voltarão jamais.

Pairam ecos dum suave entardecer
nos confins das belezas siderais
num reluzente e eterno alvorecer.

EMOÇÕES

É dos melhores momentos vividos
que preservamos as recordações,
muitos pedaços de sonhos perdidos
formam castelos de divagações.

São vastos campos, serenos, ungidos,
pela brisa mansa das pretensões,
formam pequenos sinais protegidos
lidos à sombra das ternas canções.

Muitos caminhos que foram seguidos,
talvez só contenham provocações
entre tantos espinhos escondidos.

Que nas fronteiras das conjugações,
nenhum tempo e modo fique abolido
nem banido um verbo das emoções.

GALOPEIOS

Às rédeas da xucra imaginação
no lombo do tempo vai cavalgar,
pelo horizonte sempre a repontar
nobres valores num outro galpão.

A galope descreve o entardecer
à sombra viril da noite serena,
reflete os matizes da bruma amena
que voltam a brilhar no amanhecer.

Cortando os campos do conhecimento
rasga as cortinas da sua existência,
para recobrá-la a todo momento.

Com brio frente à vida em reverência
traduz em canto o seu contentamento
nas longas jornadas com persistência.

HOMENAGEM I

(Homenagem ao poeta e trovador Raul Poli)

Diversas vezes falaste da lua
e em muitas outras, paraste pra vê-la.
Mas hoje, Deus quis a presença tua,
para que sejas uma nova estrela.

Longos momentos passados na rua
à luz que tanto lutaste pra tê-la,
tendo às mãos o fruto que o perpetua
nesta vida, no dom de descrevê-la.

Que na cadeira pra ti reservada
possas de novo, poemas compor,
ou se o quiser outra trova rimada.

Pelo Supremo Patrono do amor
junto dos Anjos venha ser julgada,
tenha o seleto voto de louvor.

SONHOS

Temo tanto, tudo quanto me ataca,
tento em todos os momentos lutar,
estreito pranto, tão pouco retrata,
as torturas que terei de enfrentar.

No túnel do tempo a terra resgata
centenas de pontos a despontar,
qual touro perdido na densa mata
forte e raivoso querendo atacar.

No topo do monte ou numa cascata,
constantes gritos se fazem notar,
para relembrar uma serenata.

Enquanto no sótão pra pernoitar
deitam cantigas, talvez a sonata,
repletas de luz, até o despertar.

Luiz Eduardo Caminha

Florianópolis/ SC, 1951

Blumenau/ SC, 2015

AMIZADE

Uma estrada que acaba,
Num ponto do horizonte.
Um cais que finda, no infinito
Que é mar,
Um feixe doirado refletido. Do sol.
No oceano sem fim,
Uma canoa, um pescador. Solitários,
Solidários navegam.

Como guia o feixe prateado.
Da lua,
O luar.

Tudo, tudo é infinitude,
Tudo, tudo leva. (Todos).
A algum ponto. Distante.
Horizonte de esperança.

Um fio, como se fosse de espada,
Conduz, passo a passo.
Qual equilibrista,
Na corda de arame.

Certeza mesmo, uma só.
Haverá lá no fim,
Alguém.
Um amigo,
Um abraço,
Um ombro,
Um teto a nos colher.

Amizade.
Um meio?

Um fim.

FONTES

Lua cheia,
Estrelas que faíscam,

Sol nascente,
Poente eterno,

Fontes inspiram,
Respiram,
Poesias.

IMPRECISÕES

Quem sou eu,
este ser inerme,
que faz da voz,
arma contusa?

Quem sou eu,
este ser inerte,
que mexe, remexe,
látego impiedoso?

Quem sou, afinal,
este ser sereno,
que num ímpeto se faz,
irascível mordaz.

Oh, cruel, inominado e controverso ser,
Verso, reverso, homo erraticus et perdidit!

Acaso uma criatura?
Erro da Criação,
insigne animal,
pedestal de areia?

Quiçá um dia,
de tanto me procurar,
alcance, almejo,
lugar pra descansar.

Desta busca infindável,
deste contínuo rebuscar.
Neste dia, quiçá, porvir,
Deus se ponha a me perdoar.

NATAL MENDIGO

Natal lembra um novo rebento,
Esperança que o mendigo sente
Triste alegria que se faz semente
Fé convertida, novo advento.

Natal estrela que lhe alumia
Por mais que lhe sofra a dor parida
Molhe o rosto a lágrima furtiva.
É menino, caminho que nos guia.

Natal é partilha do pão dormido
Que aplaca a fome do desvalido.
É felicidade quase certa.

Até que soe o sino da manhã,
Que volva mendaz a esperança vã.
Sonho vai. O mendigo desperta.

PRENÚNCIO DE VERÃO

Que os ventos de Agosto,
Tão frios cá no Sul,
Tragam breve, a gosto,
O céu de Primavera, azul.

Pássaros a cantar,
Ninhos a fazer, então,
Amores a desbravar,
Prenúncio de verão.

RAÍZES

Que seja ela,
A poesia,
Firme como a árvore.
Embora estática
Finca raízes,
Suga da terra...

E mostra, um dia
Nas folhas e frutos,
A razão que a move.

Que exprima ela,
A poesia,
Como a árvore,
Da seiva, o fruto.
Rabiscos de letras,
Amores e paixões,
No leito virgem, papel,
O seu doce cantar.

Sobretudo,
Que seja ela,
A poesia,
Como a água
Que se move
Corredeira abaixo.
Busca mar oceano,
Onde singram velas,
Horizontes sem fim...

SONHOS

Estás louco poeta?
Queres tu imaginar,
Que o imponderável
Acontece?

Sonha, sonha, oh! Poeta.
Ainda bem que dormes,
Melhor: existes.

E sonhas...
Poesias!

VELEJADOR

Um barco.
Uma vela (branca).
Uma aragem.
Oceano.

Lá se vai,
o poeta velejador!

Um lápis.
Uma folha (em branco).
Um sopro.
Pensamento.

Lá se vai,
velejando o poeta!

Mar.
Vela.
Folha.
Versos.
Tudo se lhe assemelha!

Um remo.
Um lápis.
Um, quase nada.
Outro, quase tudo.

Luiz Poeta

(Luiz Gilberto de Barros)

Rio de Janeiro/ RJ

ADORMECENDO PALAVRAS

Sem a palavra, simplesmente silêncio.
Há, no pavio, uma chama renitente
Que queima, aos poucos... a explosão, que é iminente,
E espalha ardentes emoções no ar sombrio.

Sou um ser frágil... tenho asas, bico... garras,
Sublimo o céu em cada sonho que me dou,
Se me açoitam, sou barco, solto as amarras
E assim, no vento... ou nas correntes... amo... e vou.

Minha palavra é projétil, ave e flor...
Com ela amo, fantasio... dinamito,
Meu coração é a pulsação do meu amor.

Bendito o homem que liberta a emoção
Aprisionada, mas que voa, com seu grito,
Mas adormece dentro do seu coração.

A DUAS MÃOS

Quis escrever um poema a duas mãos,
Mas tua mão... num "sem querer" indesculpável...
Roçou a minha, de maneira tão palpável,
Que o inefável nos tornou bem mais que irmãos.

Bastou apenas que o teu verso, após o meu,
Tomasse um rumo passional inusitado,
Que o meu lirismo se tornou tão... desvairado...
Que a estrutura do poema se perdeu.

As nossas bocas rabiscaram o escrito
E o poema que estava tão bonito,
Tornou-se apenas um desenho abstrato

E as duas mãos formaram um rascunho aflito
Do que seria um prenúncio de infinito,
De um doce drama resumido num só ato.

CORAÇÕES

Uma simples figurinha desenhada
No formato de um modesto coração,
Faz a minha distração emocionada
Mais calada, transformar-se em pulsação.

Se esse coração já vem acompanhado
De um recado cheio de felicidade,
Meu olhar se torna tão inebriado,
Que o meu riso reina em plena liberdade.

O que importa é que quem lê o que criamos,
Com a mínima ternura... e nos responde...
Não esconde que entende o que amamos

Pois quem sente, com amor, o que que enviamos,
Também sabe que os sonhos repousam onde
Também mora o coração que abençoamos.

LÍRICO ARTEFATO

Não sigo a frota, quando a rota é sem destino.
Que poliglota fala a linguagem do mar?
... sei velejar com a inocência de um menino:
Faço um barquinho... e deixo o vento me levar.

A ingenuidade foi meu ponto de partida
Busquei amar sem questionar a alma alheia,
Fui enganado... ou me enganei, pois minha vida,
É mais que o canto sedutor de uma sereia.

Há, na candura, essa espécie de contato
Que sempre foge da frieza de um retrato
E mostra um rosto que sorri à revelia

Da poesia que se torna um artefato,
No exato instante em que o dragão foge o rato
E a explosão do amor detona a fantasia.

COZENDO O DESENCANTO

Meus olhos tão cansados, molhados com este pranto,
Evocam teus encantos, quando eu estou sozinho...
Procuro acalantos, mas nenhum passarinho
Desperta algum carinho ou traz-me um novo canto.

O amor é um bom vizinho, mas ele me dói tanto,
Que quando me aquebranto, sou pássaro sem ninho,
Partida sem espanto, riacho sem moinho,
Costura em desalinho, cozendo o desencanto.

Tatuado no meu peito, teu jeito insinuante
É como um diamante brilhando a luz do dia...
O amor, por ironia, desfaz-se em meu semblante

E a dor mais relevante inunda o meu olhar,
O amor brinca de amar com a hipocrisia
Vendo a vida vazia... eu volto a prantear.

METADE

Se puderes me guardar no teu olhar,
Já me basta, porque, no teu coração,
De repente não irás me libertar
Pois voar não se acostuma com prisão.

Passarinho, eu nasci para voar
E cantar para alegrar a solidão.
Quando sonho, não escolho o que sonhar,
Meu amor convive bem com a emoção.

Se puderes me levar, deixa a metade
Para mim... gosto de ver, em liberdade,
Pelo menos um pedaço de quem sou...

A outra parte, que a protejas com carinho,
Porque, quando eu estiver bem mais sozinho,
Saberei me completar com o que restou.

PARÁFRASE SURREALISTA DE UM SONETO

Olhando as formas de um soneto antigo,
Feito bem antes do descobrimento,
Um sonetista em desenvolvimento
Buscou, atento ao texto, um novo abrigo...

... vernacular... e em vão, quis disfarçar,
Com singular astúcia, o conteúdo,
Mudou os verbos, nomes, quase tudo,
Na intenção febril de o copiar.

Mas no final do último terceto,
O cidadão selou o seu soneto
Numa paráfrase tão surreal,

Que não contendo suas emoções,
Gritou: – Leitores! Roubei de Camões,
Este soneto feito em Portugal!

QUANDO O AMOR DIZ O QUE PENSA

Só um poeta se desmente quando mente:
Ele mistura, em si mesmo, o ser humano
E enquanto um deles faz da arte um novo plano,
O outro apenas se abstrai, sublimemente.

Ninguém descobre, de verdade, o que ele sente,
Poeta é gente e toda gente se difere,
Por isso, tudo que a razão sempre sugere,
O coração transforma em arte... simplesmente.

A emoção é propulsora do sinta
Um coração, quando ele faz, do raciocínio
Uma mistura que repousa no fascínio

Que o dom produz, quando o poeta sonha... e pinta
na tela plana da razão, a arte intensa,
Que sonho faz, quando o amor diz... o que pensa

UM POETA NÃO É SÓ SUBSTANTIVO

Sempre alguém diz que sou poeta até no nome...
...mas um poeta não é só substantivo...
o que se inventa, normalmente um dia some
e é assim: reinventando, eu sobrevivo.

Sou só mais um igual a tantos que diluem
nas suas dores, os seus sonhos e anseios,
seres que aprendem a criar versos que fluem,
polinizando a flor dos próprios devaneios.

Não modelei esse poeta que há em mim...
nasci assim, com esse dom especial
de abençoar, na solidão do meu jardim,
cada botão de cada flor original.

Não me sentei numa cadeira e copiei
o que pregava um ilustre professor,
mas diluí em cada olhar o que criei,
quando encontrei no meu olhar, meu próprio amor.

Meus mestres são sempre o melhor que alguém me dê,
sem me cobrar... o amor requer fraternidade...
e Deus repassa, a qualquer cristão que Nele que crê,
esse poder que existe dentro da humildade.

Deus misturou, em cada cor que eu desenhei,
o arco-íris da melhor abstração;
autodidata, cada linha que tracei,
foi um pedaço do meu próprio coração.

Sou, sim, poeta sem registro em cartório,
meu repertório não carece de um carimbo;
a inspiração é muito mais que algo simplório;
se alguém me bate, é com meus versos que me vingo.

Poetas choram poesias, quando o riso
que eles têm fazem da página, o caminho,
da sua lágrima melhor, tão sem aviso,
deixando um rastro moldado pelo carinho.

Não sou poeta só no nome, o meu olhar
capta a vida que respira ao meu redor
e é só o amor reaprender o que é sonhar,
que faço o mundo parecer muito melhor

Maria Nascimento Santos Carvalho

Rio de Janeiro/ RJ

CARÊNCIA

Pensei fosse te amar sem pedir nada,
sem te causar qualquer constrangimento,
mas a cruz deste amor é tão pesada,
que desestruturou meu pensamento...

Tentei até domar meu sentimento,
para não me sentir sempre culpada ;
porém o que excedeu em sofrimento,
não me deixou te amar sem pedir nada...

Talvez me falte orgulho e até juízo,
mas, de tudo o que tens e que eu preciso
para viver feliz, é bem pouquinho :

bastará que me fales de saudade,
que me dês uma prova de amizade,
e um milésimo só do teu carinho!...

CONTRADIÇÃO

Hoje, mais uma vez, desesperada
por ser injustamente preterida,
vejo que já nasci predestinada
a amar sem nunca ser correspondida...

Mas o que mais me dói, na despedida,
é saber que fui sempre desprezada
porque foste o anjo bom da minha vida
e eu da tua jamais pude ser nada.

Se me pudesse ver da eternidade,
chorando de tristeza e de saudade
pelo amor que no tempo se perdeu,

Carlos Drummond de Andrade me diria :
"E agora", como vais viver Maria,
sem o José que achavas que era teu?!

DESABAFO

No meu semblante há traços de cansaço,
e, em minha voz, vestígios de tristeza,
porque jungida às rédeas do fracasso,
não conservei a luz da glória, acesa.

E sempre pela vida em descompasso,
lutando contra o vírus da incerteza,
faço, da tênue força, força de aço,
e do ataque, minha arma de defesa.

Este cansaço que em meu rosto aflora,
não é moléstia que surgiu agora,
vem desde os magros tempos de criança.

E a tristeza que a minha voz embarga,
foi me tornando, aos poucos, mais amarga,
e cada dia mais sem esperança.

DOAÇÃO DE AMOR

Não quero o teu adeus de despedida,
como uma doação de liberdade,
pois, quando te doei a minha vida,
jurei amar-te além da eternidade.

Mas, se é para o teu bem, tua partida,
não fiques junto a mim contra a vontade,
porque apesar de ser mal compreendida,
Eu posso te doar minha saudade.

Por amor, te doei meu coração,
mas rejeitaste a minha doação
para não me doar também o teu ...

E na esperança de te conquistar
eu vou tentando, em vão, ressuscitar
o meu sonho de amor que já morreu.

E-MAIL

Deletei muitas coisas que me disse,
digitadas em seu computador;
assim que descobri que era tolice
guardar frases bonitas, sem amor.

Temendo que a memória me traísse,
deixei à vista as que me causam dor
para que, nunca mais eu me iludisse
e, em vão, corresse o risco de me expor...

Deletei muita coisa e, na verdade,
não pude deletar toda a saudade
que salvei num arquivo do meu peito...

Pois quanto mais tentava deletar,
mais vinha uma mensagem me avisar
que deletar saudades... não tem jeito...

FANTASIA

Meu sonho era fazer versos um dia...
E, quando, às vezes, triste me encontrava,
fingia que chorava de alegria,
quando era de tristeza que eu chorava!

E percebi que até numa poesia,
que entre lágrimas tristes me brotava,
como um divino toque de magia,
mesmo sofrendo, assim me reanimava!

Foi tudo em vão, porque, fazendo versos,
eu nem notei que os meus sonhos dispersos
transcendiam meu mundo pequenino...

E, na angústia de quem sempre sofreu,
então, pergunto a Deus por que me deu
um sonho bem maior que o meu Destino...

NÃO ME PERGUNTES...

Não me perguntes, nunca, onde, nem quando,
ou como este amor louco floresceu,
que até hoje ainda estou me perguntando
e a resposta nem DEUS, que é Deus, me deu.

Sei apenas que a vida vai passando...
Na espera, quanto tempo se perdeu,
enquanto segui, tola, procurando
dividir este amor que era só meu...

Lamento ver que o tempo foi perdido,
e, apesar do que tenho padecido,
não meço o amor que sinto por meu pranto ;

mas se o medisse, então, eu te diria
que o teu amor tem tanta primazia,
que nem a minha vida vale tanto...

NUNCA MAIS

Não sei de onde é que vem tanta ansiedade
e essa angústia que me comprime o peito,
torturando, porque, na realidade,
nem de pensar em ti, tenho o direito.

E, como todo o ser mais que imperfeito,
que não doma os caprichos da vontade,
eu luto, mas sequer encontro um jeito
de me livrar das garras da saudade...

Bem sei que não entrei na tua vida,
e, mesmo tendo sido preterida,
meu amor floresceu, criou raiz...

Mas fui punida com severidade,
porque deixaste em mim tanta saudade
que nunca mais eu pude ser feliz!

SÚPLICA

Jurei não lhe falar mais de ternura,
nem dar sinais de angústia nem de dor,
mas sinto as cicatrizes da censura
bem menos doloridas que as do amor...

Assim, movida pela desventura,
vivendo um sentimento embriagador,
tento afogar meu sonho na amargura,
e volto a lhe falar do meu amor.

Deixe que eu ame intensa e livremente,
sem censurar o meu comportamento,
sem ter pena das penas que padeço.

que eu sofro, por você, conscientemente,
e, por maior que seja o meu tormento,
estou sofrendo menos que mereço...

VIA CRUCIS

Foste embora e eu, sedenta de carinhos,
tentando alimentar minha ilusão,
fingia encontrar rosas nos espinhos
com que marcaste a minha solidão...

Depois, tentei seguir outros caminhos,
mas, sem achar a tua direção,
na "VIA CRUCIS" longas dos sozinhos
deixei pedaços de alma e coração...

E, nessa andança inútil, sem destino,
provei a dor cruel do desatino
e todo o dissabor dos desenganos...

Não te encontrei. Por isso, em poucos meses,
meu coração parou milhões de vezes,
minha alma envelheceu mais de cem anos...

Miguel Epstein Russowsky

Santa Maria/RS ,1923

Joaçaba/SC, 2009

ARREPENDIMENTO

Um por um, os meus sonhos, nesta vida,
Despi no andar do tempo modorrento
Qual árvore esfolhada pelo vento
Numa tarde outonal, entristecida.

Quebrei-me um pouco, assim, a cada ida
À procura não sei de qual intento.
Deixei amor, amigos e, ao relento,
Destroços de minha alma enrijecida.

E hoje, velho, ao voltar da caminhada,
Tropeço em meus pedaços pela estrada
Com saudosa visão aqui e ali.

Não mais me iludo, e essa descrença atesta
Que passarei o tempo que me resta
Recolhendo os pedaços que perdi.

A TRISTEZA, EU E MAIS NINGUÉM

Silenciosa a Tristeza me aparece
e toma assento ao lado, no sofá,
pega a xícara e vai servindo o chá,
como se nada estranho aqui houvesse.

Sou cordato e um diálogo acontece
e como em todo absurdo bla-bla-blá,
não escolhemos rumos que se vá,
nem temos um senão que nos apresse.

Tristeza...?! me dá pena!...Pobrezinha!
Eu me comovo em vê-la a rir, sozinha,
dos percalços hostis que a vida tem.

Tem sido assim e muitas vezes digo:
-Pois bem, Tristeza, janta aqui comigo!
Seremos dois à mesa e mais ninguém.

EXISTE...

Existe o amor-perfeito e o mal-me-quer
em canteiros, vizinhos, no jardim.
Existe uma promessa (de mulher)
em minha vida, tola, de arlequim.

Amores falsos... deles, quem souber.
sabe deste que dizes ter por mim...
(E eu calarei, pois tudo o que eu disser,
são prenúncios de lágrimas no fim.)

E nas colheitas, fartas, dos queixumes,
existem vidas murchas sem perfumes,
fazendo a solidão dar corrupios...

E por falar em sonhos e esperanças...
existem noites cheias de lembranças
e amanheceres cheios de vazios...

JOIA MAIOR!...

Começo por supor, nos ares, o desenho
De um verso magistral procurando agasalho.
Cabe a mim (sou poeta) encontrar um atalho
Para vê-lo nascer nos recursos que tenho.

Com as rimas gentis nas estrofes, me empenho
Em ser original, (Poucas vezes eu falho),
Já nem ouso explicar se é prazer ou trabalho
Exibir ao leitor as farturas do engenho.

O esmeril dá-lhe o brilho e lhe poda as arestas...
Assim é que se faz um soneto bonito,
Para ser declamado em saraus ou em festas.

Ninguém pode dizer o valor de uma jóia,
Se polida não foi pela mão do perito.
É na lapidação que a beleza se apóia.

MORRER DE RIR

Ter medo de morrer, porquê? - pergunto.
A morte é natural e tu tens medo?
A vida tem um fim e tarde ou cedo,
todo porvir comporta o seu defunto.

Embora tu não gostes deste assunto,
terás de usá-lo sempre como enredo.
A morte, eu sei, é o tema mais azedo,
que traz recheios de mistérios junto.

Eu penso assim, pois vejo em meu futuro,
um cadáver, bem morto, alegre e duro
num velório murchinho e sem cachaça.

Sinta-se mal aquele que disser
(mas hei de perdoar se for mulher):
-Morrer de rir?!... -Meu Deus!-...não acho graça.

ORAÇÃO DE POETA

– Que me darás, Senhor, pela jornada
de dores, privações e misereres?
– Eu te darei a noite salpicada
de estrelas e silêncio. Que mais queres?

– E para a solidão da madrugada?
– Já fiz o mundo cheio de mulheres.
procura e encontrarás a tua amada.
Faz os mais lindos versos que puderes.

– Mas como irei, Senhor, reconhecê-la?
– Há no céu, entre todas, uma estrela
que apenas tu verás. Que mais perguntas?

– E este frio e esta angústia que ora sinto?
– quando ela penetrar em teu recinto
a primavera e a paz hão de vir juntas.

PRIMAVERA

(Em 2006)

Lá fora o sol propõe uma aquarela
com seu pincel de cor exuberante
e convida-me a ser participante
em moldura de verdes, sentinela.

Aqui dentro a caneta, tagarela,
murmura sugestões a cada instante.
Os sonhos, cada qual mais provocante,
tiram proveitos dos meneios dela.

Diria: – Estou feliz!... É primavera!...
(A realidade dói!). Ó quem me dera,
ter asas e voar à luz serena!

Setembro... vinte e dois... dois mil e seis...
Não sou mais jovem ...(e nem ágil)... Eis:
Aterrizei... Envelheci... Que pena!

RECEITA DE SAÚDE E FELICIDADE

Não antecipe nunca o sofrimento!...
Diga "Bom Dia!" ao sol que lhe saúda.
Seja qual um discípulo de Buda:
– É mister se gozar cada momento.

No "que será...será" que não se muda,
se abrigam primaveras...(mais de um cento!)
os "depois" nem podem ser tormento
se os "agoras" lhe derem boa ajuda.

"Cara feia" – sinal de enfermidade –
com certeza, costuma sobrepor
mais pesos aos obstáculos da idade.

"Alegre-se e sorria, por favor!
Um sorrisinho dá felicidade,
pois contagia e ativa o bom humor"

SONETO CLASSE MÉDIA, BAIXA

Quando eu me aposentar... Irei morar em
Vênus!...
(O I.P.T.U. de lá, é menor que o da lua.
Há descontos de lei sem qualquer falcatrua
e sem taxas de lixo embutida em terrenos).

Aposentadoria é crime?...(Mais ou menos...
se for por doença não é, mas a verdade crua,
é que os espertalhões desfilam pela rua
cheios de "ME APOSENTEI") — Que salários
obscenos!

Quando eu me aposentar...(Se eu puder, o pijama,
o radinho de pilha, o travesseiro, a cama,
nenhum deles terá um minuto de folga).

Quando eu me aposentar... Urras e Vivas! Bingo!
Os dias de semana, o sábado... o domingo...
serão todos iguais. É isto que me empolga!

UM NOME NO SILÊNCIO

Uma agenda... o silêncio... o cafezinho...
Tenho tempo de sobra. Escrevo...paro...
Vou desenhar um nome... (o dela, é claro!)
Em que lugar será que fez o ninho?

Casou-se mal, eu sei, hoje adivinho
Os males que lhe trouxe o fado amaro...
Humilde...conformada... sem amparo...
Há tantas incertezas no caminho!...

O meu primeiro amor passando fome...(?)
me custa imaginá-la envelhecida.
Melhor não pensar nisso, Apago o nome.

Amei-a. Eu era moço... Os anos correm
e vão virando as páginas da vida.
Também as ilusões e os sonhos morrem.

Milton Sebastião Souza

Porto Alegre/ RS ,1945

Cachoeirinha/ RS, 2018

AMADA AMIGA

Se, por ventura, eu fosse (sim!!!) teu namorado,
eu pegaria, docemente, em tua mão
e te diria, neste dia consagrado,
palavras lindas, brotadas do coração.

E falaria de mil sonhos, de paixão,
com meu olhar no teu olhar entrelaçado.
E te diria que és a única razão
para que eu viva sempre mais apaixonado.

Mas nada disso a vida permite que eu diga,
só posso, mesmo, te chamar de "minha amiga"
e, quando muito, tentar te fazer feliz.

Com este sonho guardado no pensamento,
uma certeza amplia mais o meu tormento:
eu sei que entendes tudo o que o meu olhar diz.

CHEGA DE ERRAR

Agora é o fim: não quero mais. Chega de dor.
Não tenho mais nem pranto para derramar.
Amor assim, brigas sem fim, é falso amor:
alguém precisa ter coragem de mudar!!!

A gente briga, a gente volta e, sem notar,
mata conceitos e perde o próprio valor.
Este perdão, que estamos prontos para dar,
é um passaporte para a briga posterior.

Somos adultos em quase todos assuntos,
mas quando temos que assumir os riscos juntos,
nos transformamos em assustadas crianças.

Chega de errar. Vamos parar e, com cuidado,
rever os rumos deste amor tão complicado
enquanto ainda temos sonhos e esperanças.

DIA DO AMIGO

Uma amizade verdadeira é raridade
que poucas vezes encontramos nesta vida:
alguém que aplauda o instante de felicidade
e esteja junto, repartindo a hora sofrida.

Que troque afeto pela esperança perdida,
que seja luz, quando rarear a claridade,
que seja apoio, quando não tiver saída,
e aponte os rumos, se sentir necessidade.

Muito obrigado pela luz do teu sorriso,
por ser presença no momento mais preciso,
por este abraço que amplia a fraternidade.

Muito obrigado pela paz que tu me deixas,
pela paciência ao escutar as minhas queixas,
muito obrigado por me dar tua amizade...

ESCRAVIDÃO

Fazes de mim o que bem quer... mas não consigo
mudar o rumo desta história complicada.
Sufoco mágoas, resisto, brigo contigo...
mas volto sempre a caminhar na mesma estrada.

Na escravidão desta paixão desenfreada,
sinto morrendo uns tantos sonhos que persigo.
minha alma, às vezes, quase explode, revoltada
por ver que faço sempre o oposto do que digo.

Mas este amor, repleto de contradições,
é força imensa que inventa as próprias razões
e faz a mente parar de raciocinar.

A minha vida mais parece um labirinto:
ando sem rumo, bato portas, choro, minto...
por mais que tente, nunca deixo de te amar.

JESUS CRISTO

Sou Jesus Cristo, Princípio e Final,
Palavra Viva que acusa e conforta.
Sou silencioso... pequeno sinal
que várias vezes bate em tua porta...

Sou esta Chama que nunca está morta,
sou um Fermento com Sabor de Sal,
sou cada aroma que a brisa transporta,
sou grão de areia e também sou total...

Sou esta força que faz fraco forte,
sou a esperança que zomba da morte,
sou luz que brilha quando o amor está...

Sou esta sombra que segue ao teu lado,
sou teu futuro... presente... passado:
"Das minhas mãos ninguém te arrancará".

LUZ NA ESCURIDÃO

Caminhar lento, tateando pela calçada,
faz a bengala ser a luz na escuridão.
Ouvido atento: som é mensagem cifrada,
calcula o espaço em cada passo pelo chão.

A cada instante, bate forte o coração
pela incerteza que pode surgir do nada.
Algumas vezes, sente a força de uma mão
que muda o rumo da indecisa caminhada.

Olhar sem vida, noite eterna na retina,
ele usa os sonhos... e com eles ilumina
os horizontes onde busca os seus totais.

Nada reclama, porém mostra, do seu jeito,
que o mundo deve um pouquinho mais de respeito
para com todos deficientes visuais.

MORRI DE SAUDADES...

Morri de saudades... – Toda a culpa é tua:
tua ausência encheu de trevas meus espaços.
Definhei tristonho... namorando a lua,
coração sangrando... perdendo os pedaços.

Morri de saudades... Longe dos teus braços...
chorando baixinho... sentindo a alma nua...
tentei, muitas vezes, seguir os teus passos
com meus pensamentos: não te achei na rua.

Morri de saudades... mas minha esperança
continua viva, teima e não se cansa
de olhar o horizonte, sempre a te esperar.

E ela me garante que, ao te ver chegando,
eu que, mesmo morto, sigo assim chorando,
vou sorrir de novo, vou ressuscitar...

NOSSA ESTRELINHA

Uma estrelinha se apagou bem lentamente,
deixando um rastro de tristeza em seu lugar.
Esta estrelinha tinha um brilho diferente:
deixava um pouco de magia em cada olhar

Era tão meigo o seu jeito de cintilar,
que na sua luz ninguém ficava indiferente:
Não deveria parar cedo de brilhar
quem neste mundo foi presença reluzente.

Ela era linda, mas sua luz tão fraquinha
foi se apagando, até fazer nossa estrelinha
sumir no espaço, colorindo as amplidões.

Antes porém de viajar para o infinito,
deixou sementes do seu brilho mais bonito
nas nossas vidas e nos nossos corações.

SEM DEPOIS

Não sei porque...nem quero tentar explicar
esta loucura que tem sabor de pecado.
Só sei que eu não consigo mais me controlar:
preciso estar o tempo inteiro do teu lado.

Sei muito bem que estamos no caminho errado,
que nesta estrada não vamos poder voltar,
que este presente, sem futuro e sem passado,
traz consequências: pode nos fazer chorar.

Mas é impossível sufocar esta vontade
de saborear os frutos da felicidade
que brotam fartos dos momentos de nós dois...

Nestes mergulhos nos prazeres proibidos,
um só desejo domina os nossos sentidos:
que o tempo pare neste agora sem depois.

SEM GRAÇA

Morrer é a única certeza desta vida,
mas tantos vivem loucamente, sem pensar
que, sem aviso, vai chegar a despedida,
que esta hora triste ninguém consegue evitar.

Tempo e saúde: não devemos esbanjar
pois, se nos faltam, não encontramos saída.
O tempo é louco, corre sempre sem parar,
saúde é ouro, não se gasta sem medida.

A vida ensina, mas não adianta a experiência:
nunca sabemos enfrentar aquela ausência
de quem conosco foi presença muito amada.

A morte sempre marca forte o nosso rosto:
ela não passa de piada de mau gosto
que faz chorar por ser contada na hora errada.

Nilto Maciel

Baturité/ CE, 1945

Fortaleza/ CE, 2014

ASTRONOMIA

E a minha mágoa de hoje é tão intensa
Que eu penso que a Alegria é uma doença.
Augusto dos Anjos

Morreu meu derradeiro sonho vão
naqueles olhos cor de tempestade,
naquele adeus que naufragou meu ser.

Minha ilusão partiu pela janela
e se perdeu nos céus da escuridão,
fugido pássaro de si criado,
anjo talvez, noturna sombra informe.

Agora sou apenas cidadão,
mero sujeito do objeto mundo,
olhos abertos para me viver.

Porém, persiste ao meu redor a noite
– escuro céu, estrelas apagadas –
e um som de dor ou de loucura vibra
nos meus ouvidos, sem nenhum sentido.

CONHECIMENTO

Poucos conseguem
entender o verbo,
por mais comum que seja.

Muito menos,
o silêncio.

IMAGENS

Eu olhava para a Lua
e via São Jorge
e um dragão em luta.
Faz tanto tempo aquilo
que ate penso
ser nova a lua de agora.

Olho de novo para o céu.
Ha nuvens, muitas nuvens,
como se fosse desabar
uma tempestade.
E faz frio, muito frio,
ao meu redor.

É como se a lua fosse
uma imagem
dentro de outra imagem.
E eu a imagem
da grande imagem
de mim mesmo.

POEMA EM DÓ MAIOR

Agora, longe da praça,
dos pássaros, de meus passos,
longe de mim, do passado.
Aqui, no sofá estendido,
silencioso, só, presente,
porvir. Ao fundo,
música, chorinho,
valsa inacabada.
Tudo pequeno,
o mundo, o tempo.
Ou tudo sem fim,
e sem começo,
sem meio.

Agora o sono,
a mariposa insone,
a lua perplexa,
a noite sumindo.

MINHA CANÇÃO DO EXÍLIO

Minha terra não tem nada,
palmeiras nem sabiás.

Minha terra é feia, é triste,
como tristes são seus filhos.

Minha terra tem ruelas,
por onde não passam carros.

Minha terra tem subidas,
tem calvários, tem descidas.

Minha terra é tão distante,
que nem sei onde ela fica.

Minha terra não tem nada,
a não ser minha saudade.

NAVEGADOR

Meus olhos cegos, que não veem naves,
navegam pelos mares das tormentas
– perdidos barcos, rotos, sem timão.

Meus olhos mudos só vislumbram vagas,

doida babel de tempestades feita,
monstros marinhos, oceano largo.

Meus olhos surdos só conseguem ver
cantos de dor, de morte e solidão,
a minha própria imensidão de ser.

SAUDADES

Tudo passa, tudo passa.
Até as paredes largas,
as janelas e as portas.

Passam porteiras, portais,
altas portas de madeira
e as calçadas cimentadas.

Escadas de musgo feitas,
de escorregadio verde,
lembranças de chuvas, ventos.

Passa a lâmpada na praça,
e o busto do herói exposto
ao sol e à solidão.

Jardins, flores e beleza,
margaridas, açucenas,
rosas vermelhas – perfumes.

Tudo passa, tudo passa.
Tempo de medo e espanto,
de crescer, ser gente grande.

Passa até essa tristeza,
passa até essa saudade
– quando eu nem sequer passava.

SONETO CREPUSCULAR

Para Francisco Carvalho

Nos campos de meu pai antigamente
as chuvas inundavam meus pensares
e do pomar do céu pingavam frutos.

Ventos ninavam aves repousadas
nas árvores vigias de seu sono,
sentinelas da luz crepuscular.

As ovelhas baliam suas crias,
os vaga-lumes alumbravam tudo
e a solidão das vacas nos currais.

Duendes se assustavam co'os trovões.
Na escuridão dos quartos o perfume
do amor gemente à sombra dos lençóis.

Invernos que de mim se evaporaram
nos campos de meu pai antigamente.

TESTAMENTO

Deixo meus teres, meus haveres todos,
minhas migalhas, trastes, bugigangas
para os museus de minha terra pobre.

Deixo meus livros, meus cadernos velhos
para as crianças, quem quiser viver
as emoções que a vida me ofertou.

Deixo meus versos, minhas rimas pobres
pros namorados mais apaixonados
e pros desesperados mais sinistros.

Deixo meu próprio desespero inútil
para abalar o dia-a-dia fútil
dos sossegados mais amordaçados.

Deixo o amor mais amoroso e puro
para a mulher mais bela e mais difícil
– a ninfa branca de meu bosque escuro.

Minha amargura deixo repartida
em cada taça reluzente ou baça
dos tristes seres que jamais gargalham.

A solidão mais minha deixo dada
para os que nunca sós viveram, foram;
para a ciranda, a festa, o carnaval.

Minha descrença lego piamente
aos pobres e iludidos pela santa
igreja madre do menino-deus.

E finalmente deixo minha vida
para os mortais iguais a mim, e aos vermes
– a doce vida amarga que adorei.

Ógui Lourenço Mauri

Catanduva/ SP

AMAR-TE EM POESIA!

Face a detalhes adversos
E a entraves do dia a dia,
Preciso apelar pros versos
E assim te amar em poesia!

Meus versos são lenitivos
À falta de teu calor,
Mantêm instintos ativos
Por conta de nosso amor.

Amar-te em poesia, sim;
Abrir para ti meu peito!
Trazer tua imagem pra mim
E envolvê-la do meu jeito!

Musa és de meus poemas
Instados pela distância.
De ti, vêm todos os temas
E paixão em abundância.

Os doces versos saindo,
Dão-me vida afortunada.
Amar-te em poesia é lindo,
Antes isso do que nada!

CHEGANDO PELO SUL...

Você tramou tudo ao anoitecer
E chegou antes do clarão da lua...
Maliciosa, esperou-me farta e nua;
No rocio, sem que eu pudesse prever.

O modo como apareci, porém,
Resultou para você surpreendente,
Pois, evitando encontrá-la de frente,
Logrei pregar-lhe uma peça também.

Pouco somou seu tentador sorriso
Ao me aguardar desde os rumos do norte;
Pois vim do sul, a emoção foi mais forte,
E ao vê-la de costas perdi o juízo...

Fui às nuvens, não sabia onde estava
Quando, perto, e pela primeira vez,
Vi seu cabelo a ornar sua nudez...
Trança única que às nalgas chegava.

ESTANCA TEU PRANTO!

Não!... Não chores, estanca teu pranto;
Doutro Plano, não sejas omisso!
Tinhas que sofrer o desencanto
Pra quitar, de vez, um compromisso.

Nesta tão prematura partida
De alguém muito querido em teu lar,
Não te olvides, é etapa vencida
De um pretérito a se resgatar.

Apesar de profunda essa dor
Do trespasse de um filho querido,
Agradece aos Céus, ao Criador,
O ditoso resgate assumido.

A agonia que sentes agora
Não é síndrome que te convém.
Calma, pois o ser que foi embora
Certamente te espera no Além!

A presente Passagem é acúmulo
De um saber tal que se perpetua.
E ele mostra que além do vil túmulo,
Nossa vida, por Deus, continua...

FOI TEU ABRAÇO!

Foi teu abraço que, um dia,
Dos outros todos tirou
Qualquer graça que eu sentia
Doutros que o tempo levou.

Foi teu beijo que depois
Me afastou de quem beijei.
Ficaram só pra nós dois
Os demais beijos que eu dei.

À minh'alma, finalmente,
A alma gêmea apareceu.
E o amor se fez presente
A teu coração e ao meu!

Foi teu calor que acoplou
A meus carinhos os teus.
Foi nosso amor que alcançou
Beneplácito de Deus.

Este é o encontro atual,
Prescrito em nossos pretéritos;
Dos céus, chegam, afinal,
Dádivas por nossos méritos.

LUA CHEIA, A DO BRASIL!

Meu Brasil tropical vive esta luta,
"Brilho do sol versus clarão da lua".
Entendo que a noite ganha a disputa,
é o que a massa romântica insinua.

Como é lindo o luar de minha terra
nas noites de brisa primaveril!
Lua cheia em seu esplendor encerra
toda a magia dos céus do Brasil!

Encanta-me o panorama estelar,
de lua cheia fazendo clarão;
passo muitas horas a contemplar
tal obra divina na imensidão.

Chego ao êxtase com tanta beleza
das noites de celestial aquarela.
Sem a luz do sol, vejo a natureza
sob lua cheia, alumbrada por ela.

Lua cheia, no Brasil, traz saudade,
emoção que só nosso idioma explica.
Machuca o coração de quem se evade
e estilhaça o coração de quem fica.

MULHER...A VIDA!...

A partir dela, começa nova vida...
Mulher, gênese maior da concepção!
Faz-se ímpar protetora do embrião,
Num sublime encargo, por Deus escolhida!

Em seu ventre, traz o feto com amor.
Dá à luz!... A espécie que se perpetua!
Amamenta, por missão somente sua;
No crescer da cria, dá-lhe mais calor.

Vive, dos filhos, as vitórias e fracassos;
Muitas vezes, no lugar de mãe e pai.
São momentos em que sempre sobressai
A intuição do ser mulher ao dar os passos.

Mulher... A vida!... Missão polivalente!
Ela é mãe, tão companheira e tão amante!
Para o homem, faz-se trunfo exuberante,
É com ela que ele põe a vida à frente!

Mulher... A vida!... Coberta só de glória!
Competência a impulsionou rumo à conquista,
Eis que pela sociedade agora é vista
Pari passu ao homem, a fazer a História.

PROCURA-SE UM PAPAI NOEL

Procura-se um Papai Noel bem brasileiro,
Com total verde-amarelo em seu visual.
Nada de indumentária vinda do estrangeiro,
Terá que mostrar sua origem tropical.

Procura-se um Papai Noel de tez morena,
Trazendo às crianças o sabor da surpresa,
Magia que o comércio retirou de cena
Na ânsia de vender, de acumular riqueza.

Procura-se um Papai Noel que abrace forte,
Um abraço bem ao modo tupiniquim...
Um gesto sem a frieza do Polo Norte,
Bem ao estilo dos que meu pai dava em mim.

Procura-se um Papai Noel, sorriso aberto,
Que a criança possa tocar, ver e curtir.
E que seu presente só seja descoberto
No exato momento em que o "Velhinho" partir.

Procura-se um Papai Noel de nossa gente.
Viajante de trenó e renas, jamais!
Nós almejamos alguém que esteja presente.
Muito nosso, sim!... Dos Pampas aos Seringais.

UM VAZIO...

Um vazio põe além do horizonte
Um querer que à distância se lança,
Pois a ânsia que o barco desponte
Jacta o falso sabor da esperança.

Eu bem sei, não mudou a janela,
Mas o barco de longe não vem.
A saudade a meu peito se atrela
E a vontade do beijo também!

É verdade que após as tormentas
O mar calmo se faz tão presente,
Como é certo que as nuvens cinzentas
Põem o Sol a brilhar novamente.

Por aqui, vejo a chuva caindo;
Logo mais, chega a luz desde o leste,
A mostrar todo o azul do céu lindo,
Um desenho de Deus, inconteste!

Pensamento vai longe, de vez!
Traz, enfim, esse barco; reitero!
Penso até que meu porto, talvez,
Não comporte o navio que eu espero.

Olivaldo Júnior

Mogi-Guaçú/ SP

ALMA LIVRE

Livre, a alma sopra onde quer,
seja homem, seja mulher,
como se fosse uma bolha
e tivesse a própria escolha
uma outra forma de ser.

Sou como Deus manda,
ou como roda a ciranda,
que giramos todos na mesma
indefinível roda da vida,
que viver é que é mesmo preciso.

Preciso ser livre, penso,
mas meus pés por vezes
têm chumbo nos vãos
dos meus dedos e, doido,
doído, dolorido, vão,
me perco da própria mão,
desvãos.

Livre, a alma sopra, mas
nem sempre supre
o que lhe cabe suprir.

Suprassumo de mim,
sem perder minha essência,
descubro isso enfim:
que sempre fui essencial...
para mim.

CARRO DE BOIS

Para o artista plástico Paulo Reis

Foi no meu carro de bois
que passei a minha vida,
sem pensar no que depois
iria vir: a partida.

A partida é quando rangem
minhas pálpebras de dor,
inda que muitos não manjem
ao me verem todo em cor!...

Lá no meu carro de bois,
éramos minha alma e eu
como se fôssemos dois...

Como se fôssemos reis
de uma estrada que cresceu
das tintas de suas leis!

HOJE OS POETAS MORTOS ESTÃO TODOS EM CASA

(31 de outubro: Dia Nacional da Poesia)

Sim, amigo, é verdade o que lhe digo:
– Hoje os poetas mortos estão todos em casa.
Por isso, ponho os fones de ouvido
e deixo a canção portuguesa impregnar-me
os ouvidos com o sal
que salga o espírito
dos que vieram de lá
das últimas terras
de Portugal, ó pá!

Onde foi que Pessoa achou a fresta
no Céu dos Poetas que dava direto
para a casa tão simples deste poeta
que vos fala sobre o mais completo
sentimento que o recobre, concreta,
acimenta em seus olhos a vã beleza
das palavras de um poema, seminu,
desfile ao léu no quarto escuro, vão
por onde os ratos, répteis da língua
se amontoam e, em pele e coração,
tecem as redes que põem à míngua
os corações desavisados?...

Sim, amigo, os poetas mortos se deixam
entrever na minha cama, na cadeira
atrás de mim, no meu cangote, e beijam,
lambem as palavras como brincadeira
de colar os selos nas cartas
que jamais serão mandadas...

Cecília, Bandeira, Cabral, Drummond,
Quintana, Cora e o Manoel de Barros,
todos no balaio, de soslaio, dão o tom
de minha noite da poesia, aos berros
sem berrarem, balbuciam o que é bom
para eu dizer, para eu deixar de birra,
que o futuro quase tem o mesmo som
do vão passado, que o futuro é borra
no fundo da xícara, caixa de bombons
que a vida empresta ao pobre burro
que se julga um catedrático dos sons.

Sim, amigo, hoje os poetas mortos
ressuscitaram, e nem é Dia de Finados!
Hoje é o Dia Nacional da Poesia,
e todos os portos e celestes aeroportos
estão abertos aos meus chegados,
inconclusos companheiros que dia a dia
me acompanham, mesmo tortos,

pela reta que eu tomei,
linhas tortas que cruzei
para ver onde é que dá
toda a vida que inda há...

NÃO PERTURBE
(or Do not disturb)

Não, amor, não me perturbe.

As estrelas já se achegam
e se fazem de colchão
para os meus ossos,
tão cansados de esperar
a mais pura e fluida
água dos seus poços...

Não, amor, não me perturbe.

Essa noite é uma criança,
e eu sou feito um sacizinho,
que, distante do seu bando,
nada faz senão, sozinho,
pitar seu cachimbo
e chorar.

Não, amor, não me perturbe.

Sem notar o seu reflexo,
mirando a mim mesmo
nas águas de tanta ilusão,
"narcísico" ao extremo,
me encanto com a flauta
nada mágica da razão
e raciono-me a poesia,
o encantamento
a que teria direito.

O HOMEM DA MÁSCARA DE PANO

De ferro, entre árvores queridas,
o "homem da máscara de pano"
enxerga o próprio rosto em vidas
que o enxergam como humano.

Humano, não de ferro, espero
que a ferrugem das vivências
não corroam o que mais quero,
o semblante das consciências
que pipocam no meu cérebro,
que transbordam de minhalma
sobre o colo de quem acalma
minha máscara e meu espírito.

Pois o espírito desse homem
quer no espírito de outro ser
se iluminar e ser o horizonte
que, um dia, irá se conhecer
na fonte que deságua a fonte
em que Deus vai beber: mito.

O que há por trás da máscara
que forçosamente usa o homem
nem mesmo o homem poderá
saber até que ela caia e, ao longe,
suspenda de todos os "parças"
suas máscaras de pano também.

UMA LUA DE PRESENTE
Para a amiga Patrícia Campos Occhiucci

De presente, no quintal da minha amiga,
uma lua se insinua e lhe pergunta
onde é que anda o seu amigo, onde fica
a casa dele, e faz que não assunta,
mas assunta, só pra ver se ela lhe conta
onde é que mora quem faz de conta
que o amor não conta, mas conta muito
para ele.

Para ele, que foi passarinho em outra
encarnação, em outra forma de ser,
em outra vida, em outra página, outra
história a ser escrita com seu viver...

A lua, lá no céu, de presente, sorri,
se insinua um pouco mais e pede
que minha amiga lhe diga se ali,
onde há pouco ele esteve, é que
ficou seu rastro poético,
seu rastro de estrelas,
o que todo bom poeta
deixa ao entrevê-las,
ainda que nem saiba,
ainda que nem caiba
em sua própria órbita.

paulo Roberto oliveira Caruso

Niterói/ RJ

A ETERNIDADE NAS FOTOS

A foto "eterniza" as pessoas,
por mais que mortas estejam.
As filmagens outrossim.
Os meios de gravação de som
igualmente o proporcionam.
A pintura impressionista faz o mesmo,
embora não se trate de uma imagem sugada
instantaneamente, lepidamente,
num feixe de luz... ou flash...

Como pode um ser humano
envelhecer em sua vida real,
adoecer, morrer de qualquer forma,
sem que a imagem capturada
sofra quaisquer alterações?

O ser humano e a fotografia.
A pessoa e a filmagem.
A gente e a pintura impressionista,
impressionante.
A voz e a gravação.
São gêmeos bivitelinos perfeitos,
conquanto a ideia em si pareça absurda.

Tais experimentos nos trazem saudade...
E ademais certa maldade...
Justamente porque a saudade nos mata...
Mas nos mata lentamente.

À MINHA ESPOSA MÔNICA ANTES DE NOS REVERMOS

Esta saudade vil que me consome
é a folha derradeira a despencar
do colo da figueira, a qual nos some,
deixando passarinhos sem um lar.

Esta saudade é grande e tem um nome!
Um nome e só um nome em meu olhar...
O nome que antecede o sobrenome
que teus amados pais vieram te dar.

Esta saudade vil, ácida e imensa
corrói-me o coração, cada pulmão,
faz-me a respiração ser trama intensa!

Vai me matando aos poucos sem perdão,
mas Deus há de me dar em nobre prensa
o espaço à coletânea em edição...

A SINFONIA NA LAGOA

Sob o fino pratear da lua,
cujo cintilar reflete na lagoa,
vitórias-régias pequenas e robustas
parecem bailar ao som da sinfonia
de sapos, rãs e pererecas.
Eles enchem o peito pra cantar
a melodia típica dos anfíbios,
como se agradecessem a Deus
pelo alimento, pela existência e pelo lar.
São os tenores da ária nascida rica.

O verdor predomina vastamente,
apenas tendo a luz divina e bela.
Como sua companheira de jornada.
Mais parece a lagoa um grande palco
para as vitórias-régias bailarinas
rodopiarem ao som do canto dos batráquios.

O olhar brilhante da onça espreita
de longe o concerto enriquecido
pelos grilos e cigarras –
barítonos e sopranos –
deste espetáculo da natureza.

Macacos batem palmas em algazarra
e saltitam, gritando efusivamente,
agradecendo por cada nota musical.
Dão mesmo cambalhotas de alegria
nos camarotes da copa das árvores.

Acima disto tudo, no céu,
corujas fazem seu coro de pios,
enquanto rodopiam alegremente
como uma quadrilha de festa junina.

CADERNO IN ALBIS

A passagem para o ano vindouro
traz a cor branca do tecido como símbolo.
Atribui-se a ela normalmente a paz.
Mas podemos pensar em algo mais...

Trata-se da cor mais usada em páginas de um caderno.
E na cor branca das páginas sem escrita
podemos ver todo um mar de oportunidades,
tendo o céu como o limite.
Podemos ver a liberdade de criar
um ano que está por nascer.
Cabe a nós mesmos escrever as linhas

do que desejamos ter pela frente.

Logicamente outras linhas cruzarão
as linhas por nós escritas,
como num choque de cadernos incompletos.
Mas aí haverá a chance de aprendermos
uma cultura diferente da que temos
e ver se a consideramos auspiciosa ou não.
Afinal, o homem é um ser social e político
por sua própria natureza!

Que a saúde nos conduza a lindas ocasiões!
E que saibamos fazer o bem a nós mesmos
e também aos demais seres vivos
com muito amor e muita paz!

Talvez tenhamos que rasgar uma folha ou outra...
Mas que o façamos com sapiência
de reconstruir a nossa vida
e de proporcionar uma vida melhor a outrem,
dando-lhe novas perspectivas!

CONCLAMAÇÃO DODECASSILÁBICA

As cataratas, maravilha natural,
uma riqueza situada entre dois povos
apaixonados pela vida num real
cenário caro aos mais idosos e aos mais novos!

São "águas grandes" do tupi e do guarani;
são águas grandes do Brasil e da Argentina;
ato de fúria de um deus contra a "sua" Naipi,
que com o amante Tarobá rumara à sina.

À pobre jovem o tal deus condenou frio
junto ao amante pela inteira eternidade:
rasgou o rio, dando aos dois o vão vazio
em queda eterna por irascível maldade.

Foi Álvar Núñez, navegante, atravessar
os sete mares e alcançar as cataratas,
apalermado ante a beleza do lugar
que lhe rendeu bravatas mil e pataratas!

Entre as nações americanas e rivais,
de tantas glórias e memórias conhecidas,
além da lenda já descrita, há algo mais:
fica a Garganta do Diabo a engolir vidas!

É patrimônio natural da humanidade
esse cenário já lendário de beleza
imensurável pela mão da honestidade!
Meu Deus, sou grato por nuestra naturaleza!

Temos então que, como hermanos, dar as mãos
e proteger o patrimônio dado a nós
com tanto amor, por sermos todos nós irmãos,
devendo, pois, fazer valer a unida voz!

CORDEL À BAILARINA

Bailarina rodopia,
mais parecendo uma garça.
Chega a não tocar o chão
sem qualquer truque e sem farsa!

Bailarina no teatro
é como a garça a voar!
A leveza transparece
a cada piruetar!

Faz um coque nos cabelos
para cegar-se jamais
com os mesmos no trajeto
dos seus passos magistrais.

Na ponta de cada pé,
faz plateia suspirar;
sua fé jamais se perde
num melhor apresentar.

Bailarina majestosa
entra vestida de branco,
conquista a todos à frente
com seu movimento franco.

Ela sabe ser austera
e outrossim ser singela,
mas é certo, meu leitor,
se apresentar sempre bela!

É suave como pluma,
faz cócegas pelo chão.
Este fica agradecido
pela artista em compaixão.

Dança! Baila, bailarina!
Às damas faze sonhar!
Às meninas sê exemplo
dum bonito voejar!

Paulo Vinheiro
(Paulo Vieira Pinheiro)

Monteiro Lobato/ SP

CINTILAR
Estudo 080608-1

Noite sem lua clara de estrelas
Faz viajar em mil pensamentos.
Calo agora a te contemplar
Esperança de alma noturna

A beleza certa e tamanha
Cresce a cada vislumbre ao céu
Sou eu quem a admiro silente
Ou ela quem se expõe a meu olhar

Cintilam olhos feito estrelas
As olho com elas a me fitar
Visões de um espaço imenso

Contido num instante tão breve
Que encanta em nosso descobrir
Nos procuramos e nos achamos

ESPERANÇAS
Exercício 21042008-3

Há braços
Há maços
Há traços
De amor
De mora
De hora
Corola de honor.

Que trazes
Mais ases
Mais ares
De cor
De fora
Agora
Seja o que for

JÁ

No futuro bem próximo me vejo leve,
assim como quem passou,
assim como quem se foi.
Livre de laços.

MOMENTOS DE INSENSATEZ

Bom dia minha querida!
Como você dormiu? bem?
O dia se faz largo.
O sol se enfeitou e todos os pássaros que
cantam, cantam para você.
Antes que o café esfrie venha ver uma coisa.
Sim... deixa pra depois.
Dormes como um bichinho.

POESIA

Quanta força os dedos fazem para digitar?
Pra qual objetivo eles trabalham?
O que querem dizer quando dizem?
Qual conteúdo emocional tem os dedos?
Escrever só com o corpo é incompleto
Escrever só com letras é muito pouco
Poetizar não é o mesmo que historiar
Relatar um fato e depois esquecê-lo

Há razão entre a intenção e a ação
Uma revelação depois da reflexão
Propor uma leitura maior que a grafia
Provocar encanto no exercício de ler
Ligar sem escravizar o leitor ao sentido
Da página, linhas, palavras, letras, sinais
Não há por que complicar o tão simples
Para ler temos de ter mais que os olhos

Para se fazer poesia há de um que a leia

TANTO TEMPO QUE NEM SEI

Parei pela dor.
Constato que poderia, sim, mas não deu.
Juntando tudo que lembro fui, mas não fiz.
Voltando tudo sei que poderia ter sido mais, mas
não fui.
Nesse rascunho escrevo o que quero
e em pouca vez isto fiz.
Um sucesso é tudo.
Que horas são?

VENETA

Quando te comecei pensava no que darias.
Não sabia ao certo qual rumo tomarias.
Rubra tinta multicores, sentidos desfia e
assim sendo das veias minhas, tinto destino és.

Do novelo arranco um fio que cria
Aponto ao longo do vão contido da página
Digo a que vim e a que viria
Se não me barro a passagem de meu dia

Pensei em cantar uns versos antigos
Daqueles que a memória se esforça em vão
Dizer alegres cantares que contam
Histórias e glórias da alma em canção

XADREZ

Minha alegria não se dá por solucionar problemas.
Hoje estou de malas prontas.
Vou para o paraíso dos sonhos.
Dentro em breve estarei encontrando o ar que quero.
Daqui há pouquinho pisarei miudinho em alvas sombras.
Reverei minhas matas e sentirei o seu cheiro.
Odor tão intenso que me vem à boca.
Um amor que na serra me espera abraçarei.
Contaremos inúmeras estrelas, sem medos.
Curiangos valentes se lançarão em voos abruptos.
Cintilantes estrelas por testemunhas.
Para quê mais?
Os nossos exageros que brotaram e o peso do sei não nos abateu.
O som do coração, em êxtase sóbrio, nos convida a aquietar.

UNIVERSO DAS PALAVRAS

Exercício 21042008-1.

Para ir aprendi a falar,
para ficar aprendi a escrever.
Bem idas e benvindas, estadas imperfeitas.

Degraus de palavras ascendem em mim.

O primeiro me diz quem sou.
O segundo me diz onde estou.
O terceiro me diz com quem,
certamente com alguém ou ninguém.

Outros, porem, há.
Aquele de raro barro.
Uns de pedra firme.
Aqueloutro etéreo tropeço.

Em pouca página,
muitas palavras.
Uma poesia que corrói,
uma construção de ideias.

Construir degraus,
por mais caros que sejam,
encerra penares benfazejos.
Traços de alegrias que chegam.

Fazer em um segundo
um pensar tão fecundo...
momento que não voltará...
instante único em vida tanta.

Um brusco mudar.
O intenso me ensinou a calar e
calando tive tempo de aprender.
Sofro essa sede tanta.
Minha boca seca, seca imagens tantas.
Calar se tornou o normal.
Escrever se tornou letal.
Sentenças de vida e de morte em grupos de letras
fazem de mim o deus que sou.
Tontas vidas, vidas... vidas?
Embrulho de gentes.
Rejeitos nascentes.
Fluxos escorrem nos meio-fios de aço.
A chuva corre e o lixo escorre...
Todos os meus sentidos fendidos, torcidos, meio vivos, meio mortos.
Onde estou agora? Onde estarei nessa hora?
De certo não nasci para só vir ver, tenho ânsia de ser.
Preso neste mundo de quatro paredes, com céus sem sóis,
aspiro mais escrever do que ser lido.

VIVER DÓI

Mais que querer
Mais que bem-me-quer
Respirando fundo
Amando demais

Andando pela vida com a venda

Tateando os caminhos
Vencendo os medos
Transformando horrores
Menos horrores

Seja qual idade se tenha
O mais cruel de tudo
É viver sem saber por quê.

paulo Roberto walbach Prestes

Curitiba/ PR, 1945 - 2021

APENAS UMA PLUMA

Sou apenas uma pluma carregada pelo vento;
vou vivendo a minha vida, por aqui ou acolá,
sem morada, sem família e sem ninguém.
Sou apenas uma pluma, desgarrada de meu sabiá...

Não tenho asas, não tenho canto,
não tenho vida, só tenho encanto.
Sou suave, leve solta eu sou,
Sem presa, sem saber para onde vou.

Sou apenas uma pluma do meu sabiá,
que voava e cantava pra viver...
Mas, um dia, triste dia aconteceu:
Uma pedra, dura pedra o abateu.

E soltei-me da plumagem de seu peito,
e do sopro derradeiro, eu voei...
Sou a pluma separada do meu ser,
que morreu, sem saber do meu viver!

Minha vida se é vida, feito assim...
Pouco dela sei, pouco sei de mim.
Pois eu vivo, se o sopro me soprar,
se a brisa ou se o vento me levar.

Mas um dia, a sorte me pegou
pelo vôo de um pássaro de acolá,
carregando-me pelo bico familiar:
Era o bico da mulher do meu sabiá.

De uma vida com passado, sem futuro,
transmutada de um dia para cá...
Do nada, quase nada, virei ninho
da ninhada dos filhotes do meu sabiá!

A LINGUAGEM DO POETA

Arte, Sonho, Liberdade! – a Poesia;
que o poeta, sem passagem, acredita,
pelos sonhos, perambula na magia
das palavras de sua Língua tão Bendita.

Ele voa pelas asas da alegria,
no embalo da estrela que palpita...
nos acordes do silêncio e da folia;
acelera, anda, passa, freia, grita...

Na linguagem; sinestesia ele tenta...
Escrevendo, vai suprindo sua emoção,
muitas vezes, já cansado de Sonhar...
O Poeta, com coragem, experimenta
até o fogo, que embriaga o vulcão,
acendendo seu pavio do Amar!

LEMBRANDO CASTRO ALVES

(aniversário de nascimento - 14 de março de 1847)

Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro cainda n'alma
É germe – que faz a palma,
É chuva – que faz o mar.

Bravo! a quem salva o futuro!
Fecundando a multidão!...
Num poema amortalhada
Nunca morre uma nação.

Uma trova para o dia da poesia:
Hoje é dia de alegria...
ao lembrar os imortais,
é o dia da poesia
que canta os nossos ais...

MÃE

MÃE é presente e eternidade
Que amarra a prole e a família
Por laços de verdade,
No mais nobre sentimento e magia.

MÃE é futuro da mulher...
Que DEUS faz no seu corpo crescer
A semente da mais bela flor,
Pelo filho que um dia há de nascer.

MÃE é passado de glória, agonia e ventura...
É esplendor e saudade pura
Num perene estado espiritual.

MÃE é um ser tão singular,
Da mais forte e fiel expressão
Dos verbos sofrer e amar!

MENINO ILHA

Como uma ilha deserta, desperto no meio do mar...
Distante, sem eira e nem beira, mal posso sonhar.
O mar, quase amante com ondas infindas, constantes,
que vêm e que vão;

E todas melosas, molhadas me beijam, me
afogam e voltam bailar.
O sol escaldante de dia me aquece, me queima,
me atenta
e me faz flutuar...
E um solitário coqueiro com seus leques abertos
me dão o frescor no leve roçar...
E a sombra me cobre, se esquiva, vai embora,
sumindo no ar.

A noite silente, estrelas luzentes palpitam,
desejam, rodeiam a ilha
num doce velar...
Vaidosa a lua me sonda, me espia; se olha, se
mira no espelho do mar.
E eu tal uma ilha, envolto em letras, que voam,
saltitam na noite perdido
num mar de ilusão...
Palavras se juntam, ideias benditas me vêm à
cabeça mas logo se vão.
Pensamentos acendem faíscas ligeiras, palavras
arteiras...
Meu estro acorda, me deixa sonhar.

Sou ilha, sou homem, menino, poeta... Quem sou?...
Sou eu pequenino... no universo, um anão...
sou sol ou sou ilha... sou mar, sou luar, sou eu, sou
você...

sou só...
Solidão!

MEU ESPELHO

Vejo meu espelho, todo estilhaçado,
Que surpresa!... Como isso aconteceu?...
O meu rosto... vejo tão transfigurado:
Foi o tempo, grande obreiro, quem teceu.

Traços profundos; um olhar apagado
Dum ser que passou pela vida e viveu...
Assim mesmo, valha Deus! Muito abençoado...
Que apesar dos estilhaços – cresceu!

Retornei – Ele não estava quebrado...
Que surpresa!... Como isso aconteceu?...
Não foi ele... E o que deixou marcado?
Foi o tempo. Foi a vida. Ou fui eu...

RASCUNHO & BORRÃO

Nas linhas pautadas do velho caderno
aterrissam sonhos, que viajam em mim...
Vêm de algures, além do inverno,
ao porto seguro da pista molhada,
em versos sem fim...

Pedaços poemas, delírios sem asas,
fonemas opacos que vêm para mim;
às vezes quebrados, não chegam, não vingam,
se perdem no espaço...
e viram poeira num outro jardim.

Palavras sem forças, sem nexo,sem voz,
que risco e apago e faço borrão.
Pensamentos que fogem, se soltam no ar,
e voltam sem vida na mente cansada
de minha emoção...

Os versos que morrer no ventre da alma
são sementes estéreis jogadas no chão...
Sepulto as letras nas pautas vazias,
escritos perdidos à espera de luz,
meu lápis riscando em traços em cruz...
fechando o caderno rascunho e borrão!

VENTO MENINO

Acordei com a voz do vento,
Que batia na minha janela...
Pensei na hora e no tempo,
Acendi ao meu lado uma vela.

Lá fora o frio ardia,
Doíam, a relva e a flor...
O vento na janela batia;
Batendo, implorava calor.

Abri a janela e o vento...
Tremendo, em mim desmaiou;
Passei minhas mãos sobre ele,
Sorrindo, o vento acordou.

Parecendo um menino perdido
Entre as mãos espalmadas o acolhi,
Balbuciando logo em meu ouvido,
melancólico adágio eu ouvi.

Tremendo ainda o vento,
No outro ouvido cantou...
Parecendo elemento alado,
O vento pra mim sussurrou.

Não sendo menino e nem pássaro,
Que presos, ainda podem cantar...
Levei-o tão logo à janela...
E o vento se põe a voar!

pedro Du Bois

Passo Fundo/RS, 1947

Balneário Camboriú/SC, 2021

CHOVER

Sou a sede
a fome
a garra com que o pássaro
retira d'água o peixe
que se oferece
em superfícies

na profundeza
o abismo se fecha
na escuridão do tempo
naufragado

minha fome se completa
minha sede busca a gota
terminal dos ares.

ENVOLTO

Envolto em luas
distraio fracas luzes
e repasso a cena
em cômodas
e lentas
metades: revolta
latejada
no tempo
despreparado.

O destino
sela luzes
aparentes.

Envolto em luas
desconsidero a farsa:
lado revisto pelo espelho.

HAVERES

Na terra que não é sua: o proprietário
na vontade que lhe escapa: o pânico
na descoberta da hora: o tempo
na desconfiança do ato: o fato
na memória encoberta: há quem conte
sobre o outro lado
memorizado em estrofes
intercaladas: há
o ranger de dentes
e a dor de cabeça
pelo não acontecido
na forma pública: o todo recolhido
ao sacrifício.

HUMANO

Na sujeição a fraqueza
como relógio emociona.
O choro declarado repõe
a sensibilidade. Simplifica.
Dignifica. Democratiza.
A lágrima não derramada
inunda o sentido: desanda
a máscara. Amoldada.
A criança ressurgente
diz do tempo. Sujeito
objetado à história.
Desfeito efeito.
Dispostos versos
no marco do crescimento:
trajeto e obstáculo.
Desacompanhada sombra
em que o vulto se certifica
como humana forma.

LONGE

Longe em ares
sou vácuo. Diferença
indistinta entre o som
e o nada. Aconselhado
retorno ao vício em respiração
diária: anoto a solicitude
do pedido: ares
ininterruptos. No vácuo
me encontro em corpos
decompostos: retorno ao ovário
e me aplacento.

O vácuo permite aos ares
o desfazimento dos elementos.

A decomposição do corpo
no irrealizável.

OBSÉQUIO

Obsequio o soneto: digo em versos,
o muro erguido em tijolos diversos
guarda espaços inatingíveis, empilha
frutos ao relento. Recubro o soneto em ventos
soprados na expressão do verbo. Realizo
em sons o tormento do mar sobre as pedras.

Sobre as pedras ergo o muro: tijolo
resultante do cozimento do barro; início
cristalizado separa mundos: declamo
obsequioso o soneto. Silencio
paredes e portas em adjetivos.

OLHAR

No olhar diversificado
percebo à direita
o senso oposto
ao esquerdo lado
das contradições: retorno
ao mediano
olhar
espantado
no plano
horizontal

na frente dos olhos repousa
a lagarta encasulada em futura
borboleta.

PODER

Ávido de poder reclamo a sorte
que me cabe no negócio: o amor
tolhe os movimentos. O corpo
cede à angústia de estar vivo. A sorte
é instante acordado. O poder trafega
a ilusão da luz apagada. A lanterna
cessa a sombra imaginada. O destino
presente na ponta dos dedos. Águas
sôfregas rasgam a terra e depositam
mensagens de descobrimento.

Aviso em praça pública: o poder
combina a estática com o movimento
em falso do adormecido.

REAFIRMAÇÕES

Reafirmo a crença no futuro
diz o homem moribundo

o medo da inexistência tolhe
seu gesto de contrição: a sabedoria
reversa redescobre os mitos
onde permanece no pensamento
adverso de ser o nada redundante

reafirmo a esperança no presente
afirma o homem em despedida.

REMANESCENTES

Somos todos
único remanescente
da tormenta: carregamos tormentos
distribuídos em igualdade

(talvez não sejamos menos
passíveis do que os outros:
é possível ver a raiva
sob o tapete)

entre todos
um: reflexo
amiudado em certezas.

A carreira em perseguido
insucesso.

SOBRAS

Prefiro as sobras do banquete
o vinho quente na garrafa
o azedo da salada
o restante da carne
junto ao osso

o guardanapo
usado com esforço

guardo a rolha
em confirmação: aguardo
o retorno
inserido
na minha vontade.

TODOS

Senhora de todas as horas,
refrão e canto; silêncio e hora
decorrida; na apresentação
mesquinha se diga revelada.

Em todos os balcões de bares,
senhora, em todos os caixas
de supermercados e nas filas
de ônibus, induza o espírito
ao retorno: como alimentar
corpos naturalmente expostos?

Senhora de todos os gostos, na hora
que é nossa em pertencer ao estado,
observe à sua volta e se revolte.

professor Garcia

(Francisco Garcia de Araújo)

Caicó/ RN

A poesia é uma fonte
que não se esgota jamais;
está nas flores, nos frutos,
no canto dos sabiás,
até na gota de orvalho
que pinga de cada galho
há versos sentimentais!

Casinha à beira da estrada
com chão de terra batida,
fiz do teu portão de entrada
o meu portão de saída,
parti morto de saudade
tangendo os sonhos da idade
pelas estradas da vida!

CREPÚSCULO E AURORA

Quando a luz do arrebol rasga a cortina,
e o clarão da manhã, o céu decora,
todo o orvalho respinga da campina,
matizando de prata a luz da aurora!

A tristeza do sol se descortina,
ante a tarde que chega, e se apavora:
o crepúsculo triste, na retina,
diz que um velho gigante também chora!

Ao nascer, chega ungido de esplendor,
traz na luz, esperança, paz e amor,
mas, à tarde, começa a entristecer...

Desse jeito caminha o sol do esteta:
De manhã, é feliz por ser poeta,
e à tardinha, é a luz do entardecer!

Deus é fortaleza e paz,
consolo de um povo aflito,
responde a qualquer pergunta
põe fim a qualquer conflito;
mestre de saber profundo,
pai das belezas do mundo,
deste universo infinito!

DOIS DESTINOS

Se o destino cruzou nossos caminhos,
e traçou retilíneas paralelas,
seguiremos nas trilhas dos sozinhos
eu e tu, todos dois, escravos delas.

Nossos sonhos repletos de carinhos,
tantas juras de amor, puras, tão belas,
serão, hoje, contadas noutros ninhos
ou nas telas de lindas aquarelas.

Quando tu me juraste eterno amor,
não pensei que o destino traidor
tinha feito, de nós, dois peregrinos.

Dessas juras de amor que segredamos,
resta apenas, do pouco que guardamos,
a saudade sem fim dos dois destinos.

Eu queria vencer esta corrida
sem estresse e passando pelos flancos,
mas o tempo é carrasco e não perdoa
bate duro, me dando solavancos;
todo dia provoca o meu desgosto,
costurando outra ruga no meu rosto
e aumentando estes meus cabelos brancos.

Eu também nunca mais tive a virtude
de voltar à casinha onde nasci
de correr no terreiro onde corri
nos arroubos de minha juventude.
Os meus sonhos de infância na verdade
guardo todos nas páginas da memória,
se os meus sonhos fizeram minha história
vão fazendo o meu livro de saudade!

Fui atrás da estrela guia
que brilhava sobre o monte,
já no entardecer da vida
buscando a paz do horizonte...
Na cascata da colina,
bebi da paz tão divina
que derramava da fonte!

Hoje eu vivo o meu presente,
sem ilusão, sem rancor;
beijando e abrindo os braços
igualmente a um beija-flor,
que de forma majestosa,
oscula rosa por rosa,
enchendo o mundo de amor!

Inda guardo as batidas do pilão,
com mamãe, de manhã, pilando arroz,
eu mais novo, mais forte e mais disposto,
no rojão, eu na frente, ela depois;
nunca vou me esquecer desta contenda,
o pilão do passado virou lenda,
mas não sai da memória de nós dois!

Me inspiro nas cantilenas
e no sussurro das fontes,
no canto dos passarinhos
e no silêncio dos montes;
se a natureza me inspira,
enxergo as cores da lira
nas cores dos horizontes!

MEMÓRIA

Esta dor que me fere e me magoa
quando lembro da minha mocidade,
pouco me importa que ela tanto doa,
se doendo, não cura esta saudade.

Melancolicamente eu vou lembrando,
de saudade em saudade eu vou vivendo,
mas não posso esquecer de quando em quando,
que em teus braços, aos poucos vou morrendo.

Nesta luta sem trégua, em desatino,
eu me agarro nas rédeas do destino
dos arquivos ingratos da velhice,

mas não posso esquecer que fui criança,
guardarei para sempre na lembrança
a saudade feliz da meninice!

Quando a lua se declara
para alguém que adora tanto,
afasta da noite escura
as amarguras do pranto;
por ser bonita e divina,
tem um noivo em cada esquina
e um amante em todo canto.

Que doce a vida não era
neste mundo de esplendor:
se em cada estação da vida
eclodisse um trovador,
em todo canto nascia
um verso em forma de flor!

Quem no mundo, faz tudo pela paz,
já é mais que herói, que vencedor,
vive um sonho, que pouca gente vive,
e alivia do peito tanta dor;
porque neste universo tão mesquinho,
quem plantar um espinho, colhe espinho,
mas quem planta uma flor, colhe uma flor!

RETRATO DA VIDA

Já fui moço, seu moço, e não me esqueço
do que fiz na mais tenra mocidade.
Deus, que é pai, me deu tudo que mereço,
neste mundo carente de bondade.

Este dom de poeta eu ofereço
aos amores da eterna flor da idade,
que fizeram de tudo um recomeço,
afastando de mim tanta saudade.

Mas o tempo não para e a vida passa,
e eu me vendo, no espelho, já sem graça,
conto as rugas que aumentam meu desgosto...

E me pondo a pensar no que já fiz,
rogo a Deus, que me faça ser feliz,
abraçando estas rugas do meu rosto!

Sei que a vida é um colosso,
é rica em seu conteúdo,
tento mudar minha sorte
mas isso eu sei que não mudo,
pois o destino da gente
faz a mudança de tudo!

SENTIMENTOS

Quando o dia se apressa e vai embora,
num silêncio que fere e que angustia,
a tristeza me invade e me devora,
nas horas sepulcrais, do fim do dia.

Como quem diz adeus e triste chora,
vai-se o sol delirando de agonia,
e a cortina da noite, Deus decora,
com luz tênue, de vã melancolia.

Distante, bem distante, muito além,
a tristeza me acena, como quem
se despede de alguém, que já morreu,

foi apenas a luz de um dia lindo,
que cansada, acenou quase dormindo
e nos braços da noite adormeceu!

Vivo o meu sonho e ilusão
amando e querendo bem,
porque sonho de poeta
da terra, vai muito além,
escreve tudo que pensa
sem dever nada a ninguém!

Rita Marciano Mourão

Ribeirão Preto/ SP

ARIDEZ

Emprenhada de ilusão vaguei pelo imenso
descampado das promessas.
Não houve parto, houve partida.
Caminho e em meu corpo se enrosca
um cheiro de folhas maceradas.
Ou de um vinho, que já deixou de ser generosa oferta.
Desiludida, não busco mais amor,
apenas me alimento de metáforas.
Sou a anáfora dos meus desertos íntimos,
um cacto à espera do milagre da chuva.

COLO DE MÃE

Mudei de cadeira, mudei de xícara,
joguei fora o adoçante
e recriei meu café da manhã.
De nada adiantaram as mudanças,
tudo tem outro gosto, tudo é fastio,
tudo é uma esquisitice aguda.
Estou macambúzia, gripada, mas nada dói em meu corpo.
Minha gripe é na alma, congestionada de saudade.
Ah, meu Deus! Dá-me a canequinha de lata,
o tamborete antigo e o colo de mãe
que foram deixados numa cozinha farta de aconchego.
Dá-me o fogão à lenha, o café de um coador de pano
e os meus despreocupados anos de infância .
Hoje eu quero um remédio que me cure
dessa dor inquietante de não ser mais criança.

CONFISSÃO

Meu corpo se propôs a ser barco
para navegar os teus oceanos,
dominar tuas enseadas e com os fios dos meus sonhos,
tecer uma rede para te prender a mim.
No sem fim dos teus segredos,
sem medo quero ancorar o meu barco, farto de emoções.
Na concha das tuas curvas saciarei minha sede,
secura de esperas seculares.
E depois de ti não navegarei outros mares.

CULTIVO

No meu caminho tinha uma pedra,
no meu caminho tinha um sonho.
Do meu caminho quebrei a pedra,
no meu caminho fiz um jardim.
Dei corda ao sonho e plantei rosas, plantei jasmins.
Hoje o perfume de cada dia atrai insetos e passarinhos
que na zoeira dos seus deveres
tecem seus ninhos, cumprem seus lemas.
Do meu caminho quebrei a pedra,
do meu caminho fiz um poema.

DEPOIS DO VOO

Soletro-me.
Descubro-me cheia de hiatos e vocativos.
Já não sou o mesmo texto,
atravessaram-me as reticências
e a nudez de cada espaço, rege o compasso
das incertezas.
Descubro-me sobre barrancas ressequidas
e mergulho no rio que me atravessa.
Não satisfaço a minha secura,
minha sede tem forma e nome.
Faço uma nova leitura, viagem que não cessa.
Nas entrelinhas o voo, o silêncio.
Meus sentimentos pedem renascimento,
mas estou estagnada, sem coragem de me recriar.
Até o verbo amar já não me é mais cortês.
Apenas me restaram as metáforas.
Depois do voo.

DESCOMPASSO

Enquanto o tempo vagueia,
reinvento palavras que me abasteçam.
Trago em minha bagagem a solidão dos barcos vazios,
o marulhar do silêncio que só sabe dialogar com minha alma.
Viver é uma travessia arriscada, me aproximo de uma terceira margem,
Ela existe, ou é apenas uma simbologia?
Indago por mim. Só o ontem responde.
O tempo e eu, nunca estamos afinados.
Fui me perdendo quando me vi à deriva.
A vida me fez barco, o tempo tirou-me os remos.
E à revelia dos meus quereres, eu, esvaziada de mim,
adentro a densa neblina da terceira margem..
" Eu, rio abaixo, rio afora, rio adentro".
Eu sem adornos de adjetivos.

DESEJO

Sou feita de atos e pensamentos
corpo e alma das letras em ação.
Mas o que mais me identifica e desenha meu perfil

são as palavras.
Eu sou o que escrevo, sou a palavra que me revela
nas entrelinhas dos meus poemas.
Queria tocar os corações das pedras,
queria que as pedras me lessem!

ESPERA

É na tua ausência que desfolho tristezas
e acaricio lembranças.
É nas horas de solidão
que ganho asas, te bebo e te navego.
Nos meus sonhos te encontro rarefeito,
envolto na volátil presença da noite que te engole.
O sonho passa, mas meu corpo refeito
é um profundo oceano à espera das tuas redes.

EU E O TEMPO

Nos meus poemas faço uma profunda reflexão
sobre o sentido da vida.
Vivi, vivo, sofro e faço versos.
Mas a vida engole com sofreguidão as minhas rimas,
as minhas metáforas, meus tempos verbais,
que tanto sustentaram meus quereres.
E meus poemas já pedem escoras.

O POETA E A POESIA

Mais nua do que Eva lancei-me à vida.
Vesti-me de palavras, da leitura do mundo
e me fiz poeta.
A poesia não pode ser derrotada.
Foi ela quem cantou a mitologia Grega,
as liturgias, os salmos e o culto maior a Deus.
É através dela que o poeta abre a cancela dos sentimentos,
toca suas feridas, macera suas dores
e transforma suas lágrimas em versos.
Foi o encanto da poesia que deu ritmo ao universo.

POR QUE ESCREVO

Escrevo porque a arte define o amor,
escrevo porque a poesia me completa.
Poetar é minha oração diária,
se não escrevo minha alma dói
e a dor da alma asfixia.
Na poesia exercito os meus sentimentos
e faço de cada momento o registro das minhas metas
sem que eu me sinta exposta.
A vida me consome, quero me definir
em palavras, as palavras me editam.
Em meus poemas, me desnudo, me desbravo
e sem medo deixo fluir meus segredos,
desvarios de um poeta.

QUANDO O DIA SE FOR

Quando eu morrer, não me busquem nas campas frias
onde crescem as flores fúnebres.
Quando eu morrer, minha alma povoará os jardins
em que existem persistentes sempre-vivas,
e enormes girassóis acompanhando o sol.
E quando o dia se for e as flores se quedarem exaustas,
procurem-me nas estrelas
porque eu estarei entre elas para iluminar os poetas!

RAÍZES

Sou parte do Grande Sertão de Guimarães Rosa.
A terra me medra,
as árvores me enraízam, os pássaros me gorjeiam.
Caminho pisando folhas que me desfolham.
Sou exercida por savanas e meu cheiro é agreste.
Por isso minha alma canta,
contaminada pela Natureza que me define.

SILÊNCIO

Existem dias que prefiro o silêncio,
um silêncio brando, suave, que me transporta
ao profundo útero da alma.
Feto sem luz, ali me recolho à espera de renascimento.
Choro um choro sufocado, que o silêncio silencia.
A gestação prossegue recriando minha alma
e reencontro a vida que a mim proponho.
É no fundo do silêncio que me reconstruo
e me apodero de novos sonhos.

Roberto Pinheiro

Acruche

São Francisco de Itabapoana/ RJ

A SAUDADE

Saudade... Qual é a sua cor?
Por que estou sentindo-a
tão junto a mim e não consigo vê-la?
Não me atormente ainda mais
com este silêncio,
além desta dor que me rasga o peito.

Porque você não aparece
e desvenda logo esse mistério?
Você sabe onde me encontrar!

Vou estar nos mesmos lugares,
sentado na areia olhando o mar
ou nos mesmos bares
consumindo a noite.

E se acaso não me encontrares
pergunte pra solidão...
Somente ela saberá dizer
o meu paradeiro.
Mas não demore mais;
faça antes da tristeza
me levar por inteiro!...

ARCA DOS SONHOS

As horas passam
e eu me curvo diante
do tempo
que também passa... Que passa!...
E eu preso na arca dos sonhos,
fantasiando a vida.
Quando acordar
desta aspiração
liberto do devaneio,
quem sabe ainda haverá tempo
para realizar os sonhos?
E se não houver tempo
e se não realizar meus sonhos,
valeu à pena ter sonhado!

AUSÊNCIA

A tua ausência transforma a noite em um suplício,
faz a formosura da lua desaparecer no infinito
e as estrelas no céu perderem o brilho.

A solidão minha constante companheira
cresce no silêncio que constrói um assombroso vazio,
enquanto as canções evolucionam a saudade.

E não há como se esquecer do passado
quando a caminhada era ornamentada
pela beleza das flores e perfumada em todos os momentos...
Mesmo quando a natureza disseminava as tempestades, com chuvas, trovões e ventos.

A brisa tinha a fragrância dos lírios
e os teus suspiros eram o meu alento.

A tua ausência, sentida nesse momento,
quando o pensamento
é todo reservado a ti,
faz explodir no peito a angústia
dessa solidão que abruma
ainda mais, essa noite triste e vazia.

ENCANTO

Esta poesia que fiz somente para ti
leva em cada palavra um beijo carinhoso,
em cada verso o amor que sinto e é todo teu.

Busco nas estrelas e não encontro o brilho
que vejo em teus olhos.
Olho o luar e não vejo a beleza que tem a tua face.
Não tem o sol o mesmo calor que sinto em teus braços
e nem a brisa a suavidade de tua pele.

Quisera colocar em cada letra o perfume das rosas
para que pudesses sentir o aroma que exala
do jardim que plantei no coração.

EXALTAÇÃO A SÃO FRANCISCO DE ITABAPOANA

São Francisco de Itabapoana
Como eu gosto de você.
Sua beleza encantadora
Há de sempre resplandecer.

Suas praias, sua grandeza,
Seus campos e floração colorida,
Obra prima da natureza
Eu me orgulho de ter nascido aqui.

Salve seu povo hospitaleiro,
Bom, amigo e trabalhador;
Salve terra abençoada
De São Francisco nosso senhor...

Abraçada pelos rios,

Beijada pelo mar,
Ornada com lagoas
Você é linda, sempre vou lhe amar.

São Francisco de Itabapoana
Onde o sol brilha mais o ano inteiro,
Estrela de grandeza reluzente
Do Estado do Rio de Janeiro.

HOJE EU ACORDEI COM SAUDADES DE VOCÊ

Meu coração bate forte
Quando chega sua mensagem
Que bom se tivesse a sorte...
Vê-la chegar da viagem.

Quando te amei de verdade,
jamais eu pensei, "por certo",
Que tu serias saudade
e o meu coração, "deserto"!

MORTO DE CIÚMES

Embriaguei-me no seu perfume
afoguei-me nos seus cabelos
quase morri de ciúmes!
Acolhi os seus queixumes
atendi os seus apelos
afoguei-me nos seus cabelos
quase morri de ciúmes!
Realizei as suas fantasias,
a enchi de alegria
assim, foram tantos dias.
Separados a seguir ficamos
depois que brigamos
por um caso qualquer...
Cada um de nós foi para um lado;
mesmo apaixonado
não queria procurá-la.
Certo dia, nós nos reencontramos,
fomos logo abraçando-nos
entregando-nos a paixão...
Depois de tempos perdidos
ouvindo os seus gemidos,
embriagando-me no seu perfume
afogando-me nos seus cabelos
após dias sem vê-los...
Estava MORTO de CIÚMES.

OBRA DIVINA

Veja Amor, como é linda esta paisagem!
A luz dourada do sol sobre a mata,
a água cristalina da cascata...
Indescritível, tal uma miragem.

Olhe aquelas árvores, que beleza!...
Esta vastidão plena, tão florida,
exuberantemente colorida,
climatizada pela natureza.

Cenário encantador, impressionante!
Harmoniosamente perfumante,
modulado com a magia do amor...

Minutenciosamente preciso,
somente quem criou o paraíso
adviria... ser seu escultor!

QUANDO

Quando as gotas d'água
romperem as pedras dos meus caminhos,
cicatrizarem no meu peito as feridas
provocadas pelos espinhos
da desilusão...
Quando o tempo
arrancar do meu coração
as sequelas da falsidade
e a perfídia for tragada
pela fidelidade...
Quem sabe,
encontrarei razão para viver
e os meus versos
falarão de um outro amor?

QUANDO MORRE UM POETA

"Quando morre um Poeta
Uma luz se apaga
Uma rima deixa de ser feita
Um trovador se cala.
- O belo é menos escrito
Do jeito mais bonito
de externar a inspiração."

Sammis Reachers

Cristence Silva

São Gonçalo/ RJ

A MORTE DE SAMUEL RICARDO

Para Kivitz, o temeroso da morte

Estou sentado solitário em meu sofá,
nesta sexta-feira da longa Paixão,
e ao contemplar a janela,
a luminosidade que ela deixa passar
filtrada pela diáfana cortina de linho,
penso que um dia a Morte entrará
por esta mesma janela, arrombando-a;
será talvez pela tarde, uma tardezinha
de paz e livros e solidão como esta.
Entrará epifânica, com um estrondo
de trovão, a Morte – um dragão
de escamas lindas, azuis como o céu e o mar.
Entrará arrombando os ferros,
explodindo a casa, ela a Morte,
a coisa mais desejável depois do Rei.

CASADOIRO

Procuro uma menina
que me dê amor verdadeiro,
não fingido, não sonhado

amor de abraço longo
e comida benfeita

confiança
como telhado novo sem goteiras

De minha parte
faço-lhe uma promessa:
ainda que eu não encontre
as palavras certas
eu encontrarei as ações
e isso
é o que de maior um poeta
pode prometer.

CREPÚSCULO DOS DEUSES: RAGNARÖK

Um Dia feito da escuridão
de todos os dias
o Dia em que Odin-o-exaurido
será devorado pelo lobo Fenris,
Thor-do-trovão tombará sobre o cadáver
da serpente-sem-fim, Iormungand

Você é um dos homens
eleitos pelo deus, guerreiro?
Afie pois os dois caminhos de sua espada,
as duas asas de seu machado firme
e caia como vaga sobre o conflito:
será tudo em vão,
pois ao fim e ao cabo
como a Ordem venceria o Caos?

Mas você terá combatido,
você terá deveras combatido
e não foi afinal para isso e para este Dia,
ó boneco de pó predestinado,
que o pai Odin criou os homens?

EM TEUS BRAÇOS

Dentro desperto
Dos sonhos ofertados
Por teus braços abertos

Tuas costas, planeta
Inexplorado
Onde a cada beijo
Fundo uma cidade
Instauro
A complexa anarquia
De minha civilização

Lembrei de um poema antigo
Dos que queimei
Quando vi a Luz:

'Não mais mulheres-jogos
Onde me perder
Mas mulheres-campos
Onde o tempo que me resta
Eu semear'.

EQUÍVOCOS

Perdi o poema que vinha
eu sangrei meu seio

supus primavera na esquina
era algazarra de um tiroteio

e eu lá de sonhos abertos
com os olhos intoxicados e quietos

na solidão central de seu meio

LAMENTO À MANEIRA ANTIQUA

Um coração de tipo e viés cigano
valia-me mais que este meu, pacato
eu amaria as que me constrangem, sem recato
trocaria minha farda por colorido pano.

Beberia vinho em fundas tascas de cristal
sem atinar para a vil aparência do mal;
deitaria meu rosto de pranto em todo colo
e redimiria de o vazio delas todo o dolo...

Mas temo e tremo, pela alma e destino meus;
recolho-me à minha taba, espero em meu Deus.

MAR OCIDENTAL

Em meio à praça
Em meio ao mar
Espero com flores
O cortejo passar

E além (a)dentro
(d)os livros, Álcoois de Guillaume*
E Paul**, no Cemitério Marinho
Ou no Waste Land
calçando as botas de Eliot***

Meu amor acabou
E perambulo pelo cais,
Praças e mares
mercando narcóticos e livros

E em silêncio busco a Ti,
Deus maltrapilho,
Para que me ressuscite
- - - - - -
*Guillaume Apollinaire
**Paul Valéry
***T.S. Eliot

MENINA-MULHER

Renovas o mundo,
Deita-o a girar

A tapeçaria do Caos
Tecem-na teus dedos
Delicados-brancos
tecem-na para que eu me deite,
leito de intempestivas andorinhas

há paz & forças sulfurosas
em teu beijo langoroso
pacificação e lento incêndio
em teus olhos-de-dilacerar

A balbúrdia em teu iPod
o último louvor da última levita,
ou o Pearl Jam cantando Last Kiss
a todo o momento, ressuscitando
um dia de poemas realizados
que talvez nunca tenha sido

A forma como entregas a tua vida
Como se fora dela o dia derradeiro

Teu sorriso tange os homens,
Arrebanha a minha dispersão

Hoje é o teu dia, lua cadente-sorridente
- Parabéns

O POETA É UM DESVELADO

O poeta é um desvelado,
Qualquer criança, num qualquer soslaio,
Lhe desnuda o segredo:
Ele escreve
porque não sabe voar

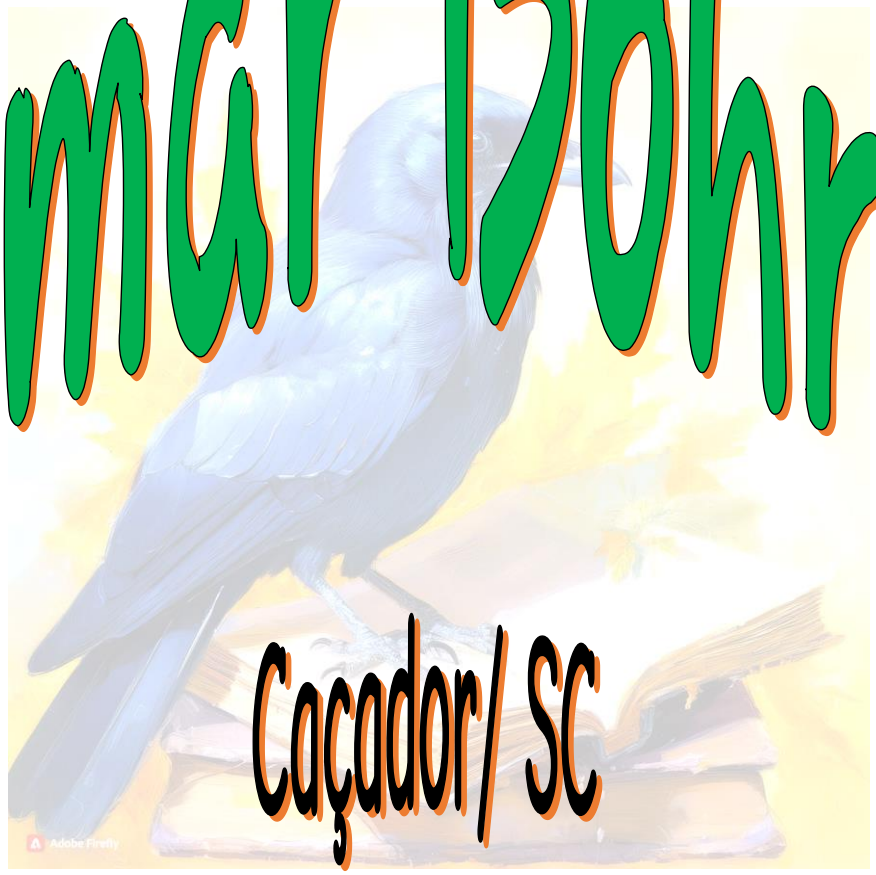
PETER PA(I)N

Perfile as tropas, Sininho.
Não há volta para nenhum de nós;
Crianças, nossas ações
são as ações de homens desesperados.
Desconecte os Bulbos de Realidade,
mergulhe tudo no Sonho.

Ele é um anjo caído, o que se nos opõe;
sequer podemos vê-lo,
conhecer-lhe o plano ou a extensão do braço;

No Sonho e no Sonho apenas
é o único lugar onde poderemos
assassinar o nosso tão injustamente
poderoso inimigo.

Silmar Bohrer



Caçador/ SC

CANTILENAS

Na rude sina de escrever
não tenho o brilho de versejar,
sem o estro como me atrever
a alguma rima iluminar.

Lendo Confúcio e os sonetos
de Bilac reverberando,
nos parnasianos, nos analetos
a rabiscar vou bem lutando.

São cantigas mãos-atadas,
sem vigor e sem brilho, dezenas
de estrofes versalhadas,

São carmes sem nenhum matiz,
tantos versos cantilenas
e garatujas do bardo aprendiz.

ESQUECIDOS?!

Aqueles versos perdidos
entre os meus alfarrábios
podem não ser versos sábios
nem são versos esquecidos.

Na gestação deles tantos
sempre há os demorados,
pensamentos depravados,
rimas más, sem encantos.

Para a catarse sem pressa
ficam um tempo guardadinhos
no (quase) baú, lá à beça . . .

Pois versos são como as gentes,
purificam bem devagarinho
remindo maus antecedentes.

MENSAGEM

Amados versos que faço nesta hora
todo satisfeito a relembrar o dia
que encarnei no íntimo essa magia
e o sentimento que me ocupa agora.

Não esqueço do seu gracioso olhar
eivando o amor a nossas primícias,
a voz ternura e as maçãs puníceas
são detalhes que não pude olvidar.

Meus olhos leram no seu doce olhar
a mensagem sublime do nosso porvir,
e embevecido, sem poder falar,

Imerso na candura do seu esplendor,
abri o véu da alvorada e vi surgir
a manhã radiosa do nosso amor.

O ÁS DO SONETO

Ao Dr. Miguel Russowski, amigo

Criatura sempre envolvente
nas planuras deste mundão,
desde cedo um competente,
fez-se hábil cirurgião.

Sendo um vivente facetado,
poliedro multilavra,
agita este mundo agitado,
também é operário da palavra.

Dos seus versos não vou falar,
pois doçuras eu não espalho,
verdadeiramente prometo.

Apenas algo eu quero evocar,
que se existe o ás do baralho,
ele é o nosso ás do soneto.

OH! MAGIA

Ninguém a desafinar,
a orquestra cedo cantando,
corruíras, tico-ticos, sabiá,
joão-de-barro, bem-te-vi vibrando.

Uma sabatina em festa
então cá(qui) amanheceu,
os passarinhos na sua gesta
dão ao mundo o que Zeus lhes deu.

Eis-me loguinho a perguntar
nesta insólita romaria
em que vamos nós a navegar,

Que outra mágica magia
haverá que se possa igualar
aos passarinhos em sinfonia.

POETA

Ser poeta! Que esplêndida alegria
sentir a doçura das coisas amenas
para semeá-las nos mádidos poemas
que são versos nossos de cada dia.

Ser poeta! Que estranha felicidade
cantar da vida as mais rudes penas,
liças. misérias, queixumes... dezenas
que abundam neste antro de maldade.

Ser poeta ! Que insólita dualidade
determinar nas rimas com harmonia
os quadros diversos da humanidade.

Ser poeta ! Qual arauto que anuncia
entre os males da vida e da bondade
um mundo eivado pela divina Poesia.

PRISIONEIRO

Em nosso mundo cheio de aguilhões
onde os seres aspiram a liberdade,
e com toda força em seus corações
lutam por ela, lutam com ansiedade,

Em nosso mundo eivado de reclamos
onde muitos vivem com a incerteza
de horas felizes e sem desenganos,
embora encontrem neles sua defesa,

Em nosso mundo nocivo que molesta
os corações humanos com embaraços
estóicos aos anelos em cada gesta,

Eu quero ser mesmo um prisioneiro
que goza na peia dos teus abraços
as delícias do nosso amor fagueiro.

RIQUEZAS

Tirem-me tudo na vida,
mesmo os brilhantes ouropéis,
mas me deixem na guarida
da caneta e dos papéis.

Companhias singulares
que trago na algibeira,
repositório dos pensares
que revolvo a vida inteira.

E assim neste mundo material
vou cultivando perenidades
que fazem bem ao meu astral,

Quais delícias inefáveis
os meus versos raridades
são riquezas inalienáveis.

SERRA ACIMA

Vinte e tantos foram os dias
na orla chamada marítima
onde me tornei então vítima
dos silêncios, doces companhias.

Bebi de ares purinhos
pisando areias finíssimas,
banhos em águas claríssimas,
com céus azuis marinhos.

Agora andando serra acima
vem a sensação de finitude
desta vidinha numa boa . . .

A reminiscência se aproxima
com vívida mansuetude
lembrando belos dias à toa.

TRANSCENDÊNCIAS

Ora (rireis), ouvir asneira,
o poeta Bilac não cantaria,
se as estrelas ele ouvia,
a verdade é verdadeira.

Tenho ouvido as estrelas
nestas minhas romarias,
o Cruzeiro, as Três-marias,
preciso ouvi-las e vê-las.

Num mundo de turbulências
busco mesmo transcendências
para uma vida de bonança.

Em momentos aflitivos
as estrelas são lenitivos
e bálsamos de esperança.

Sílvia Araújo Motta

Belo Horizonte/ MG

A ILUSÃO do [TER]

Desapegar dos bens é ter noção:
fugacidade desta trilha humana,
sintetizada em meta, ser lição,
cuja ascensão demonstra o Bem que emana.

Quanta ilusão faz parte da aflição,
na delação de alguém que sempre engana,
fraude comprova após rever moção,
a difusão trinômia em nada ufana.

Quando morremos, nem levamos nada:
reclamações, riquezas... tudo lançam
aos confins livres; têm real jornada!

Refletir não existe mal algum;
fraternidade, paz, justiça alcançam...
Humanidade quer o bem comum.

ÁRVORES VELHAS

Árvores são amigas, desde cedo;
criança, idoso, jovens dão sinal,
dividem flores, frutos, negam medo:
certos abrigos causam riso igual.

Nos arvoredos, ninhos têm segredo;
a gestação encanta o ser total...
trinar dos bicos não traduz arredo.
Velhas raízes; força ganha aval.

Desmatamento ou fogo põe terror...
Sim! Lute lá na mata contra a serra,
que o homem traz ao mundo, dor, pavor.

Todos os dias usem voz serena.
Saudemos velhas plantas desta terra.
... Árvores dão lições de vida plena

DEPOIS DO CARNAVAL

É quarta-feira! Nuvem chega escura!
O mascarado perde o grande encanto;
tira o disfarce, vê real figura;
apaixonado, triste enxuga o pranto.

Hoje o palhaço chora a dor, sem cura!
Entra na Igreja, faz a prece, enquanto
cinzas na testa põe, naquela altura;
na multidão, perdeu garota e tanto.

O morador de rua faz poesia;
do carnaval, nenhum confete resta...
Volta à marquise, chora todo dia.

Nos blocos pulam, dançam, fazem festa,
para brindar amor e paz na terra.
A fantasia, só ilusão encerra!

ESTAÇÕES DA VIDA

Em ciclo humano trevas vão surgir,
vias diversas, luzes, sol, aquecem,
incertas brisas fazem corpo rir;
não há surpresa, todos já conhecem.

Bonança passa, sonho quer luzir.
Plano põe regras, lutas não iludem,
delas ninguém escapa é só seguir:
contraditórias forças: mal ou bem.

Invernos ... Dobram frios, mui penosos;
possíveis perdas deixam marcas fúteis,
com frustração verões, cruéis, maldosos...

A natureza... exige dor e ações.
Felicidade é meta em dados úteis;
na primavera eterna há estações.

GRATIDÃO (2)

A gratidão liberta, cura a dor,
a depressão, tristeza, insônia e traz
transformação do Ser, sorriso em cor,
pois a partilha torna o olhar capaz...

Qual brisa mansa vê canteiro em flor
na vida breve, todo mal desfaz;
tempero na alma dá o melhor sabor,
tesouro raro brilha tem cartaz.

É lamentável ver difícil volta
de quem recebe o bem, sem ter razão...
A ingratidão esfria, fio solta.

Se receber favor de rico ou pobre;
não perca tempo, faça seu brasão:
– Agradecer demonstra gesto nobre.

HOMEM DE BEM

Se a humanidade planta a má semente,
o livre-arbítrio mostra a causa e efeito;
o ser humano deve ter em mente
valor do amor, justiça sem defeito.

A caridade pede mais, mormente
defende o fraco, pede paz, respeito,
promete ao pobre, ter poder, não mente:
agir em prol do bem comum, somente.

Iluminados Mestres dão melhor
exemplo a quem também a Luz procura,
na caridade cumprem Lei Maior.

Perdão ao outro dá lição normal:
entre esmeraldas raras, a alma é pura.
Homens de Bem espantam todo mal.

MÃE - NOME SUBLIME

Nome sublime, mãe, um ser que eu amo,
no peito guarda amor, magia, calma,
somente quer a flor do belo ramo;
a dor esquece fácil, sempre acalma.

Com seu sorriso, nada mais reclamo;
astro no mundo, sol que brilha n'alma;
anjo do lar, do bem, presença clamo,
não tem nenhum limite e luz espalma.

Feliz aquele ser que em ninho sonha,
para acordar e ter mamãe presente,
bem sorridente, ao colo, então lhe ponha.

Feliz quem teve voz materna augusta,
que já partiu da terra; embora ausente:
– Mãe é Rainha... e sua fama é justa.

NADA ME FALTA - TENHO O TUDO

Tento saber dos males, dentre tantos,
que tanta gente chora e faz lamento;
no mundo existe fome, em quatro cantos;
amor é fruto raro, neste intento.

Ausente luz traz choro, negros mantos!
No patamar da vida, em banco sento;
no meu teclado, o canto tem encantos,
com pais amados, meu viver foi bento.

Irmãos unidos, risos, filhos, beijos...
Na caridade vi razão de sobra;
plantamos fé; até fizemos queijos.

"Tem mais presença em mim o que me falta."
A gratidão nenhuma coisa cobra:
– Se nada falta, Deus, o Tudo exalta.

NÃO HÁ PERFEIÇÃO

Pensando em Colombina

Nesta existência, viu Pierrot que canta.
Nas brincadeiras, teve o tempo inteiro,
troca de beijos, num salão que encanta;
a chave de ouro deu por um pandeiro.

A mascarada fez altar à santa.
Grande promessa quis cumprir no outeiro,
pois ser estrela, todo astral levanta,
pede esperança, em quadro com letreiro.

A falsidade é força e inveja encena.
Nem Colombina esconde ser vadia,
a solidão, bem sei traz choro e pena.

Sem fantasia, perde a cor... Desiste;
acena a mão; na quarta; quem diria!
Casal feliz, perfeito, não existe.

SOL COM CHUVA

No adágio popular ouvi dizer
que quando há sol com chuva...alguém sorriu!
Na despedida vi "viúva" a crer:
–"Marido vivo" em paz, feliz, fugiu...

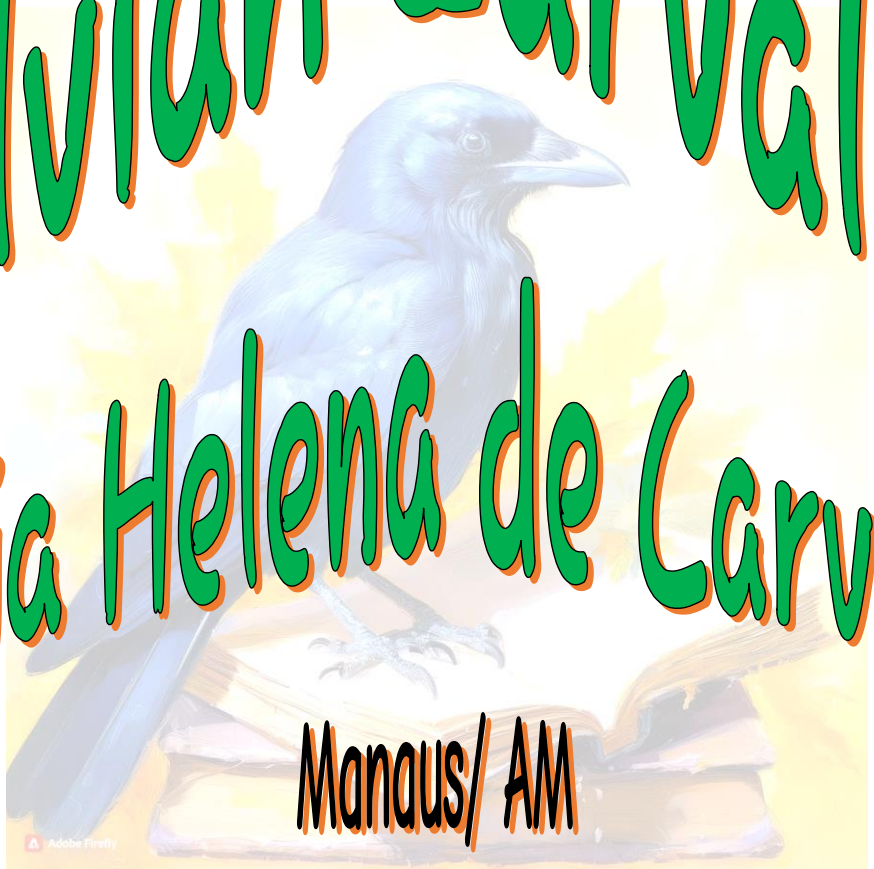
Mulher tão forte, em tudo, quis vencer!
Enxugou o pranto, teve fé, agiu!
Criou seus filhos, graças viu chover!
Pingos lavaram "alma pura à mil..."

Com seu poder de sol viveu, brilhou...
Sempre enfrentou problemas, mas sorria!
Buscou o saber, destino então traçou.

Chove amizade... só por seu valor!
Ao ritmo dança, canta e faz poesia!
Molhada agora, beija o novo amor.

Silvia Carvalho

(Silvia Helena de Carvalho)



Manaus/ AM

ADEUS!

Agora que a noite já se foi e o dia certamente não chegará
Depois de haver depositado tanto sacrifício no altar da liberdade
vejo que, o amor só descansa morto, vivo é um 'ser" em conflito
venho me despedir de tudo isso aqui, entregar meu espírito

Aurora, amiga que, precede o sol, não permita que eu o veja
a luz traz a tona aquilo que divide meu querer, deixa-me aqui
que, o vento espalhe meu sentimento. E minhas lágrimas
sejam misturadas ao orvalho e assim aniquile este sofrimento

Cada ramo molhado que tocar seus pés lembrara-se de mim
verás eles molhados de minhas lágrimas, enquanto prostrada
lutava e, dava minha vida por ti, não tenho braços que
me acolham ao pé desta montanha, ficarei aqui...

Até que seja dissipada esta luz que insiste em me manter viva
chamando-me de volta, dizendo que vale a pena sair do esconderijo
que este vento leve esta ilusão e, me ofereça um eterno abrigo

Minha voz calou-se, sou uma ave caída num canto qualquer
venho hoje, outra vez, absorver nestes últimos instantes
o cheiro do vento... Perdi a motivação e agora a fé

Não pergunte por mim, não me procures, deixe-me seguir,
Não sei para onde vou, não tenho você, nada mais importa
Quando leres saiba, esta é da sua despedida a minha resposta
Adeus!

A FORÇA DO SEU ABRAÇO

Sinto saudade dos seus braços
Onde dividia meu cansaço
Quando em você me escondia
Desta minha vida tão vazia

Na força do teu abraço
Encontrei descanso e me entreguei
Encontrei paz e fui feliz. Nos seus braços
Descobri o quanto te amei

Sem medo de sofrer, abri meu coração
Sem medo de perder, segurei em suas mãos
Você é meu refúgio, meu abrigo
Meu amor, muito mais que um amigo

No cantinho dos seus braços
Eu me desfaço e me refaço
Encontro amor e carinho
Onde moro e, faço deles meu ninho.

CAMINHOS DO CORAÇÃO

Quando tudo acaba no coração da gente,
Ficamos em meio a um deserto,
Sem direção, tudo é vazio,
A alma treme exposta ao incerto.

Na ânsia louca de preencher o espaço,
A alma aflita pede socorro,
O corpo balança cai em qualquer braço,
Assim começa tudo de novo,

A falsa esperança mostrou o caminho,
Em seus braços findou-se o medo,
Enganou-se de novo com falsos carinhos.

Seguiu os passos para linda miragem,
Pisou as flores, morreu nos espinhos,
E o amor começa no mesmo caminho.

De novo o deserto,
De novo o incerto,
De novo os espinhos...

COMO SE FOSSE A ÚLTIMA VEZ!

Já era dia
Desejei tanto que fosse noite,
...E aquela noite parecia dia!
Aqueles dias infindáveis de tão grande harmonia.

Eu te amei de uma forma tamanha, estranha,
Que toda noite era dia, e o dia se aproximava,
E eu nem percebia! Queria velar teu sono,
Tocar seu rosto enquanto dormia.

Dizer-te baixinho eu amo você!
Fica mais um dia, mas se te acordasse,
Eu não me perdoaria, estava tão lindo!
Seus olhos fechados, sua boca entreaberta.

Pedia-me um beijo, eu não resistia...
Amei-te, como quem ama pela última vez.
Senti seu coração bater, Como se fossem as últimas batidas,
Senti seu calor como se fosse sentir frio o resto da vida.

E já era noite, a lua desejava ver-te,
Encantá-lo com sua beleza, talvez.
Roubá-lo de mim outra vez.

Mas um tão grande egoísmo em mim se fez,
Fechei a janela, queria tê-lo só para mim dessa vez.
E desejar que fosse dia, mesmo sendo noite.

...Como se fosse a última noite, a última vez!

NEVOEIRO

Faz-me saber do teu querer, pois o meu
É estar com você é te cobrir de amor
Minha alma pede que te tenha com zelo que,
Te faça descansar em meus braços primeiro.

... Para só depois trazê-lo de novo ao meu
Corpo e deixar que seja puro; santo ou
Louco, que seja você, assim como és
Sempre querendo mais um pouco

E fazer com que tudo tenha seu cheiro
Para quando você sumir no nevoeiro
Eu te tenha na cama, nos lençóis
No travesseiro. Não morreria eu jamais
De tristeza se um dia pudesse tê-lo

O amor não é exaustivo ou desesperador
O amor traz conforto e não dor
É seguro de tudo que quer e faz
E nos seus braços eu também teria paz
O amor é o descanso de nossas almas
... Nada mais

SEU AMOR É TUDO

Antes que seja aprisionada pelo seu sorriso,
E sinta que a vida não fará mais sentido sem você
Antes que tenha certeza que você é tudo que preciso
Antes que eu perca a razão e no amor volte a crer

Antes que sua solidão misture com minha carência
E suas mãos toquem novamente as minhas
Antes que eu seja vencida por minha impaciência
E passe a crer que perto de você eu não esteja sozinha

Eu voarei rumo aos pinheiros, perto da tristeza
Onde as noites são frias, os dias são longos
Eu estarei a meditar na sua simplicidade e pureza

Na paz que emana de você, na sua doçura e nobreza
Eu irei pensar no silêncio da minha incompreensão
Não diga nada, talvez eu não resista à dor de um sincero não

Eu cheguei no tempo que é para ti a alto-reconstrução
Em que preferes a solidão latente no seu meigo olhar
Eu irei antes que, seja dominada pelo desejo de ficar

E quando este papel envelhecer,
Saiba que esta poetisa que hoje te escreve apesar
De nada ser, desejou ter tudo, e este tudo é você.

VAZIO DAS PALAVRAS

Pode da incerteza surgir alimento?
Uma vaga lembrança de palavras incoerentes...
Uma porção fraca não te dará sustento
Fortalece a alma com verdades coerentes.

O sopro produz vida, não produz amor
O amor verdadeiro sobrevive o mal tempo
A morte da ilusão é o princípio da dor
Não busque inspiração naquilo que te foi lamento

Existe coração vazio, embora, possa ser usado
Jamais será preenchido
Muito sentimento sem ser correspondido

Há amores que precisam ser conquistados
Pois no momento em que, o peito se vê oprimido
É certo que o coração já está foragido...

Solange Lolombgrg

São Paulo/ SP

BEIJOS AO LUAR

Sorrisos tímidos, encantados,
Estrelas refletem nosso olhar.
Momento tão íntimo, desejado,
Mãos dadas, deitados na areia, a lua e o mar.

As palavras são desnecessárias;
Nossos corpos traduzem nosso amor.
Nossas almas estão eternizadas,
Naquela praia nos amamos, sem pudor.

O que houve a seguir, foi envolvente.
Felizes, apenas nos entreolhamos...
Sua boca na minha, novamente.

Quando seus lábios os meus encontrar
Uma leve brisa, o céu soprará...
Embalando nossos beijos ao luar.

DESAPEGO DA ALMA

Desfazendo vínculos existentes,
Vindos talvez de outras dimensões,
Finalmente livre dos grilhões
Presos à alma,
Grito com toda força
Que ainda há em meus pulmões.
Me ouço por todo o vale.
Permaneço inerte, totalmente só.
Após várias batalhas internas
Em busca da paz,
Me sinto aliviada,
Dona da minha voz.

MINHA VERDADE

Tentaram frustrar a minha essência.
Fui contra, debati, não permiti.
Tentaram sugar minha pureza.
Com toda minha força, resisti.

Passado e presente não me ferem.
Algumas lacunas estão em branco.
Meus medos me impulsionam e impedem
Que eu me veja transtornada, em pranto.

Sozinha nessa busca, me empenhei.
Tentaram roubar todos os meus sonhos.
Na indelével certeza, os realizei.

No árduo caminho do amor sou aprendiz,
Meus silêncios gritam contestando.
Minha perfeita imperfeição, assim diz.

NOSSA MÚSICA

Sozinha na mesa, sinto a brisa
Suave, tocando no meu cabelo.
O par na pista, dança e desliza
Cuidando um do outro, com muito zelo.

Champanhe, minha única companhia,
Permite que, por alguns instantes,
Ali reviva tanta nostalgia...
Momentos nossos, eletrizantes.

Aos poucos, a vida normaliza,
Vai voltando à velha e boa rotina.
Ficar só, triste essa minha sina.

A música acaba, o casal se foi.
Me resta pelas ruas cantarolar...
The way you look tonight.

MELANCÓLICO

De nada adianta a lua silenciosa
Iluminando o mar tão graciosa.
De que adianta o céu lindo, radiante,
Cintilando estrelinhas brilhantes.

De que adianta tamanha alegria
Se em meu coração só há nostalgia.
De que adianta pássaros cantando
Sem nós dois felizes, nos amando.

Não adianta viver intensamente
Se o agora já não faz mais sentido.
Perdi o rumo do tempo vivido.

De que adianta o mundo girar, girar,
Se você não está no meu universo.
Sem você, o mundo se fez ao inverso.

NOSSOS MOMENTOS

Amo seu cheiro de avelã,
Amo seu gostoso hálito de hortelã.
Amo quando sorri.
Sem palavras pronunciar
Sinto que me ama, quando meu nome chama.
Amo nossas despedidas.
O gosto que fica em nossos corpos

Sempre fará com que voltemos...
Para juntos, saborearmos novamente,
Nosso momento.

PROMESSA

Nos prometemos um dia trocarmos
Um abraço tão apertado
Capaz de sentirmos os pés saírem do chão.

Nos prometemos um dia trocarmos
Um olhar tão profundo
Capaz de nossas almas tocar.

Nos prometemos um dia trocarmos
Um beijo tão doce
Capaz de preencher nosso hálito de chocolate, o ar.

Nos prometemos um dia
Não pedirmos nada em troca,
Além de, naquele nosso momento,
Sentirmos apenas o tempo parar.

SAUDADE

Tanto a dizer,
Com um abraço
Ou um olhar.
Nó na garganta,
Boca seca,
Olhos a lacrimejar.
Desejo de ver,
Envolver nos braços
E beijar.
É tanta, tanta,
Que quando chega
Perde-se o ar.
Difícil explicar,
Fácil demonstrar.

SEU SORRIR

Seu sorriso é tão contagiante
Que quando você sorri
O mundo inteiro sorri junto.

Seu sorriso é tão contagiante
Que quando você sorri
O mundo inteiro canta alegremente.

Seu sorriso é tão contagiante
Que quando você sorri
O mundo inteiro para

E sonha,..

SEUS POEMAS

Os poemas que você escreveu para mim
Jamais existirão.
É como se o vento soprasse
E os levasse em outra direção.

Os poemas que você escreveu para mim
Jamais existirão.
Quando penso ler alguns na linha do horizonte
O sol vem, deita, adormece meus sonhos.

Os poemas que você escreveu para mim
Jamais existirão.
Lindos versos de amor...
Frutos da minha imaginação.

UM AMOR IMPOSSÍVEL

E devagar você foi chegando...
No meu coração se aconchegando.
Os meus dias frios tornaram-se verão,
De tanto carinho, houve a explosão.

Que vício delicioso é sua boca.
Nossos corpos colados sem roupa.
Nunca imaginei sentir algo assim,
Maravilhoso do começo ao fim.

Fomos felizes ao estarmos juntos.
Ríamos como dois adolescentes,
Nos olhávamos profundamente.

Era meu refúgio, meu bem querer.
Sem você, tudo perdeu o sentido.
Sem você, não conseguirei viver.

Sônia Sobreira

(Sônia Maria Sobreira da Silva)

Rio de Janeiro/ RJ

AMOR CIGANO

Na imensidão de um céu azul, sereno,
onde o luar rebrilha soberano,
o vento leve corre doce, ameno,
nas belas noites de um amor cigano.

E no mistério de um fugaz aceno,
ouve-se a voz vibrante de um gitano
que, a sorrir, em leve tom verbeno,
canta o prelúdio de um amor cigano.

É a magia de um momento lindo!
Onde as estrelas lá no céu infindo,
unem as almas sem nenhum engano.

E entrelaçados ao sabor do vento,
vivem o encanto de mais um momento
nos belos sonhos de um amor cigano.

ASAS FERIDAS

Sou pássaro, talvez, de asas feridas
que paira sobre a solidão do ninho.
Não tive estradas largas nem floridas
e das rosas eu só colhi o espinho.

Sou pássaro, talvez, de asas partidas
que nesta vida sempre foi sozinho
e ainda chora as ilusões perdidas,
que ficaram nas curvas do caminho.

Sou talvez arabesco dos meus versos
de asas quebradas e sonhos dispersos,
onde a saudade é irmã da solidão.

Quem me dera encontrar porto seguro,
nas pedras escrever meu verso puro,
ter asas e voar pela amplidão!

A SEMENTE

Não vou plantar semente que me afaste
da luz perene e clara do luar,
nem vou deixar que a mágoa me desgaste,
ou que me faça em pedras tropeçar.

Não vou deixar que a solidão me arraste
nas tramas de uma história secular,
nem que uma dor no coração se engaste
e esta semente venha a germinar.

Eu vou plantar sementes de alegria
flores vermelhas, rimas de poesia
colher nas mãos um sonho que brotou.

Vou ser poeta e em minha estrada infinda,
mostrar que posso ser feliz ainda
e nunca mais serei o que hoje sou!

ASSIM SÃO MEUS VERSOS

Assim são meus versos, enigmáticos,
como ventos que bailam nas andanças,
são mistérios, são fúlgidas lembranças,
luzeiros cintilantes, mas estáticos.

São girassóis altivos e fleumáticos,
são quimeras, retalhos de esperanças,
cantilenas que embalam as crianças,
fantasias dantescas de fanáticos.

Frágeis anseios a rimar cansaços,
que choram seus lamentos nos meus braços,
num desconsolo que jamais se acalma.

São espectros com dedos gigantescos,
desenhando nas pedras arabescos,
que entrelaçam pedaços de minh'alma.

MOMENTO

No silêncio de um momento encantado,
onde o clarão dos astros conheci,
vem a noite em seu vestido brocado
lembrar-me um sonho lindo que eu vivi!

Nesse momento belo e apaixonado,
as mágoas e as lágrimas esqueci
e o mistério do universo estrelado,
me trouxe a calma, então, adormeci.

Mas quando o sol clareia os meus cabelos,
a brisa sopra e teima em desprendê-los,
o vento já não ri, o vento chora.

Desperto então do instante apaixonado
e os sonhos que voltaram do passado,
foram levados pelo mundo afora.

O SHOW DA AURORA

Eu reparei que as fúlgidas auroras
realçam magistrais policromias
e, em seu prenúncio, no avançar dos dias,
mudam-se as cores, no mover das horas.

Descortinei que, sem longas demoras,
exibe a aurora loucas fantasias,
em que dormitam danças e magias,
depois que os ventos fincam-lhe as esporas.

Eu me encantei a cada dia lindo
e em cada aurora que fosse surgindo,
nesse mover de um frêmito sem fim!

E, acalentado por meus pensamentos,
nas manhãs frias suportava os ventos
vendo esse show que Deus montou pra mim!

PERFUME

Sinto hoje em mim, uma tristeza imensa!
É a saudade que vem devagarinho...
lá fora, cai a chuva: como é intensa!
São lágrimas de quem chora sozinho.

A noite traz de volta tua presença,
teu perfume, lembranças de um carinho,
que ficaram, talvez, como sentença,
a torturar minha alma de mansinho.

E continua a chuva o seu queixume,
trazendo nela o aroma de um perfume,
lembrando a solidão e a despedida.

Assim, ao desperdir-se, em seu lamento,
a chuva leva nas asas do vento
teu perfume, que marcou minha vida.

SILÊNCIO

No silêncio de um momento encantado,
onde o clarão dos astros conheci,
vem a noite em seu vestido brocado
lembrar-me um sonho lindo que vivi.

Nesse momento belo e apaixonado,
as lágrimas e as mágoas esqueci
e o mistério do universo estrelado
me traz a calma... então, adormeci.

Mas quando o sol clareia os meus cabelos,
a brisa sopra e teima em desprendê-los,
o vento já não ri, o vento chora.

Desperto então do instante apaixonado
e os sonhos que voltaram do passado,
ficam perdidos pelo mundo afora.

TENHO PENA

Tenho pena de quem sofre na vida,
neste mundo, tão mau, tão inclemente,
dos que morrem sem culpa, do inocente,
que sozinho, nem sabe o que é guarida.

Da montanha calada e soerguida,
que altiva, enfrenta as águas da vertente.
Do mar, enfurecido de repente,
das ondas que se curvam na descida.

Tenho pena do brilho das estrelas,
dos cegos, que jamais poderão vê-las
e do tempo que mostra a realidade.

Tenho pena das lágrimas vertidas,
da ilusão cujas asas são partidas
de um sonho que deixou tanta saudade!

VELHOS RELICÁRIOS

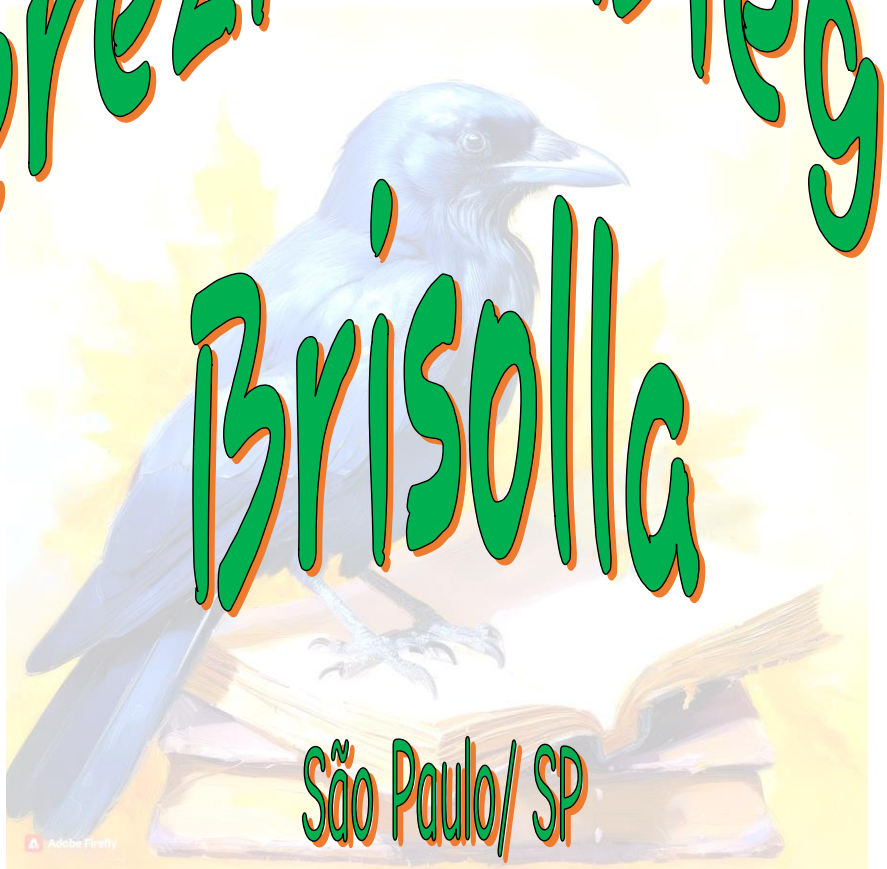
Os meus versos são velhos relicários,
tão frágeis como pétalas de uma flor,
são contas desbotadas de rosários
guardadas pelas mãos de um sonhador.

Memórias dos instantes solitários,
surgidas das saudades de um amor,
crepúsculos sombrios de calvários,
retalhos desbotados sem valor.

Meus versos são retratos das quimeras,
que voltam sorrateiras de outras eras,
sufocantes como ervas de um jardim.

São lágrimas, são olhos rasos d'água,
angustias que ficaram de uma mágoa,
lembranças que voltaram para mim!

Therezinha Dieguez Brisolla



São Paulo/ SP

A IDADE DO OLHAR

O teu olhar me convida
ao amor... e, ainda que evite,
no meu delírio, atrevida,
eu aceito o teu convite.

O olhar de espanto
diante do mundo.
O primeiro brinquedo, Papai Noel, a escola...
A vida correndo sem parar
e eu a brincar
indiferente...
Meu tempo é o presente.

O olhar sem medo
diante do mundo.
O primeiro amor, a faculdade, o emprego...
Em busca dos sonhos, o adeus, o desapego.
Vencendo distâncias, transpondo fronteiras
eu procuro...
Meu tempo é o futuro.

O olhar sereno
diante do mundo.
Os primeiros sonhos sendo refeitos...
Sobre o livro de orações, os óculos
e sobre a folha de papel, em branco, a caneta
à espera da inspiração para a poesia.
A visita, a carta, o telefone,
o enfado...
Meu tempo é o passado.

A JANELA ENCANTADA

Se a luz do dia revela
que a noite de amor é finda,
fecho, depressa, a janela
e pensas que é noite ainda!

A casa pobre e singela,
um dia se enriqueceu
e os pais, cheios de alegria,
a chamaram de Maria
quando a menina nasceu.

Um quarto, a sala, a cozinha,
uma porta e uma janela...
Nessa casa pequenina
cresceu, em graça, a menina
que, aos poucos, tornou-se bela!

À tarde sai à janela,
sempre no horário marcado
a olhara rua!... Risonha,
a menina pobre sonha
com seu príncipe encantado!

E é na janela o namoro...
Pede, o moço apaixonado,
ao pai a mão de Maria
e, para sua alegria,
o casamento é marcado.

O tempo passou ligeiro...
Sem a cortina de renda,
a casa em ruínas, fechada,
hoje, a janela encantada
ostenta uma placa: À VENDA.

AMOR PLATÔNICO

De repente, o seu olhar
encontrei na multidão
e vi a vida passar...
Ele esqueceu... mas, eu não!

Desconheces que te amo e, com certeza,
não supões quanto eu sofro ao te encontrar.
Em meio à multidão, com que tristeza,
o meu olhar procura o teu olhar!

E passas sem me ver... eu, indefesa,
sufoco a dor, tentando disfarçar
a emoção que mantém a chama acesa
dessa paixão, que só me faz penar!

Ouço a razão... Mas, antes de partir
atendo o apelo do meu coração.
Quero passar por ti... e me iludir

que o teu olhar, amor de minha vida,
encontre, enfim, em meio à multidão,
meu triste e meigo olhar... de despedida!

CIDADE NATAL

Ao procurar as raízes,
tem o meu sonho tal ânsia,
que ao buscar dias felizes
volto à fazenda da infância.

Seu pai era jardineiro
e ele era um menino arteiro,
que só queria brincar.
Mas, quando a mãe o chamava,
as flores, logo abraçava
e o pai ele ia ajudar.

Cresceu... deixou a cidade.

Longe de tudo, a saudade,
quase que o fez regressar.
Mas, sabendo o que queria,
formou-se em agronomia
depois de muito estudar.

Já casado e com família,
passou anos em vigília
e por trabalhar assim,
formou dois filhos doutores
mas, nunca mais plantou flores
e nem cuidou de um jardim!

Ao perder a companheira,
sua ilusão derradeira,
já tendo bastante idade,
procurou suas raízes
lembrando os tempos felizes
lá, na pequena cidade.

Voltou à morada antiga,
ouviu a velha cantiga,
foi à igreja e ao botequim.
E, na praça da cidade,
onde dói mais a saudade,
plantou flores no jardim!

HERANÇA POÉTICA

(Homenagem a Mário Quintana)

Pede cautela a razão,
no labirinto da vida...
mas, sei que o meu coração
também conhece a saída.

Na sua ruazinha sonolenta,
a velha casa, onde nasceu, resiste.
Da porta aberta quando à noite, venta
do "catavento" eu ouço o canto triste.

Sua "cadeira de balanço" tenta
ninar meus sonhos... quanto pede e insiste!
Mas, a saudade chega e ciumenta
ocupa o seu lugar e não desiste.

Abro o "baú de espantos", comovida!...
Seu "sapato florido", ao ganhar vida,
vai procurar seu dono... e, por instinto,

eu levo o seu "espelho com magia",
que me fará cativo da poesia
e hei de encontrar você no "labirinto".

LAR... DOCE LAR...

Volto à casa, que "era minha",
risco a calçada e, feliz,
vou pular amarelinha
mas, o pranto apaga o giz!

Hoje, saudosa, eu volto ao lar antigo
e escancarando a porta semiaberta,
procuro em vão... vasculho o doce abrigo...
Nem pai... nem mãe... a casa está deserta!

E volto ao lar, que dividi contigo...
– Vaivém dos filhos, pela porta aberta...
– Visita alegre de um ou de outro amigo...
E, hoje, é a saudade que o meu peito aperta.

Mas, por deixar pegadas nos caminhos,
não fiquei só!... Cercada de carinhos,
eu sou feliz!... Se volta o sonho louco

do teu amor, acalmo o coração
pois, ao sentir que chega a solidão,
no amor dos filhos eu te encontro um pouco.

O ORATÓRIO

Ao atender meu apelo
se a vida se faz ingrata,
chego a sentir o desvelo
com que Deus sempre me trata!

A casa, da fazenda, imensa e bela!...
No quarto, que o lampião iluminava,
um oratório... e, à noite, acesa a vela,
alegre ou triste, minha avó rezava.

A casa, na cidade, bem singela!...
No quarto, quando o dia se apagava,
um oratório... e eu lembro a imagem dela,
alegre ou triste, minha mãe orava.

No quarto simples, quando a noite cai,
um oratório... e, a sós, eu clamo ao Pai,
alegre ou triste, muito Lhe agradeço

os dons da paz, saúde, vida e amor
e, de mãos postas, louvo ao meu Senhor,
pois deu-me muito mais do que mereço.

Vanda Fagundes Queiroz

Curitiba/ PR

A MEU FILHO

Vejo a criança de ontem em você
que embalei nos meus braços ternamente,
Sinto inundar-me de emoção porque
eu vi botão a flor hoje imponente.

Ao pressentir o homem que, latente,
eu já descubro e quase já se vê,
tenho almejado que haja tão somente
o bem, no mundo que se lhe antevê.

Não saber-lhe o porvir faz-se tortura
que na alma-mãe me paira e assim perdura
na ânsia vã de pautar-lhe a jornada.

Uma lágrima oculta, na costura
enxugo. E rogo a Deus que faça pura
e perfumosa a flor por mim plantada.

A VOZ DA NOITE

Enquanto em seu silêncio a noite dorme,
estranho apelo instiga-me a sair
e, de algum modo, faz-me então sentir
participante de um mistério enorme.

Sem que a razão desvende ou nada informe,
há vozes no silêncio... Eu pasmo, a ouvir
segredos que a alma tenta definir,
por mais que em sombras tudo se transforme.

Um hálito de vida vem do chão;
povoa de magia a imensidão,
que oculta e exibe encantos tão diversos!

Contemplo o que não vejo. Há mil sinais
varando a calma escura dos quintais...
e, em comunhão, minha alma explode em versos!

COTA SUFICIENTE

Bendita a pérola pequena e inculta
que fartas vezes vislumbrar logrei
na concha humilde, a única que herdei
do mar imenso que agiganta e avulta.

Bendito o mínimo botão que a estulta
gente distante, nos jardins que andei,
calcou aos pés. Pois dele me apossei,
deixando a todos, livre, a rosa culta.

E vendo o mundo em ouro se encantar,
busquei nas coisas simples me abrigar,
sem ter cobiça a ventura imponente.

Fortuna tenho, imensa, a ostentar:
pois no alto vendo o astro-rei brilhar,
eu desejei a sombra. Simplesmente...

DOIS TEMPOS

Eu ficava à janela olhando o trem.
Qual seria o seu destino?...
Era um fascínio imaginar, em fantasia,
quanta gente que partia,
enquanto eu ficava à janela
olhando o trem.

Hoje voltei. Quis rever meu mundo antigo.
Talvez o anseio de buscar abrigo,
ou a esperança de encontrar comigo,
ou simplesmente ver o trem passar.
Daquela antiga estação,
do meu velho casarão...
nada encontrei, porém.
Onde está a vida que eu achava linda?
Afinal, o que será que resta ainda
de quem ficava à janela olhando o trem?...

IRREVERSÃO

Da terra brota a flor cada estação,
haurindo a seiva fértil do existir,
Nutrindo-se de vida, o coração
da planta vibra, em cores a expandir.

Um dia... o ar sombrio, a acridão
da quadra estéril, triste, que há de vir,
desnuda o solo, onde, em contradição,
terá lugar a ausência do florir.

A estação das flores retornando,
cor de esperança a terra se enfeitando,
a haste ostentará de novo a flor.

Murcha no peito a rosa da ilusão,
a seiva não renova, e o coração
passa, infecundo, à estação da dor.

MALOGRO

Intenta extravasar-se em verso ardente
a ânsia do sentir. Impetuosa...
Mas vejo que a palavra é impotente
e tem veracidade duvidosa.

Versos apócrifos — são meu presente
ao papel onde quero, em verso ou prosa,
retratar a minha alma, ardentemente,
da forma como em mim apoteosa.

Tortura-me, no entanto, a rima ausente...
Outro canto, outra luz, inutilmente
vou tenteando em minha busca ansiosa.

Descubro que querer tornar patente
este universo que há dentro da gente
é uma ação sempre falha e lacunosa...

MENINO DA FEIRA

Menino da feira,
esperto e magrinho,
tão cedo na vida
perdeu seu lazer.

Carreto, moça?
Baratinho, dona!
Posso cuidar do carro, tia?

Menino insistente
pedindo com os olhos
que guardam no fundo
segredos do lar...
(Talvez o pai fugiu...
A mãe leva para fora...
Oito irmãozinhos com fome...)

Menino
sem direitos...
só deveres.
Seus pais, onde estarão?
Talvez você seja filho...
da minha própria omissão.

NÃO É PROIBIDO SONHAR

Eu consegui driblar a realidade:
Fui visitar um certo antigamente
que me convida, às vezes insistente,
a aparecer, de braços com a saudade.

Saí voando, em plena liberdade...
Chamei a infância! Ela se fez presente,
falou comigo, a cirandar, contente,
com o mesmo riso, a mesma ingenuidade.

Sem me importar com dúvidas e medos,
cantei duetos com velhos folguedos,
do tempo azul que voa como um triz.

Mas prometi voltar. Pois livre sou
para acordar o sonho que passou,
quando eu quiser lembrar de ser feliz.

POLICROMIA

Nesta profusão oculta de sentires
que aconchego e acalento com ardor,
não estranhes quando acaso descobrires,
misturada a tanta cor, a tua cor.

Se entre as ânsias de minha alma um dia ouvires
um som que possa a um lamento enfim se opor,
é tua a voz! E feliz quando me vires,
da alegria que eu sentir serás credor.

No cinzento do meu peito, mil nuanças,
cor de rosa e de esperança, tentas pôr.
Com teus olhos, as tormentas são bonanças;

por tua mão, o agudo espinho é fina flor,
A mistura policroma já não cansa
quando, em meio a tanta cor, há a tua cor...

SÍNTESE

A rosa, flor rainha do canteiro,
jamais força a exclusão do rude espinho
que, em vez de ter bem longe o próprio ninho,
da flor se faz constante companheiro.

A luz divide o seu próprio roteiro
com a sombra, que percorre igual caminho,
enquanto o bem consiste em ser vizinho
do mal, no mesmo espaço, o tempo inteiro.

A vida, amplo mosaico deslumbrante,
condensa eternidade em breve instante,
combina em mil nuances tons diversos.

Sem excluir parcelas da verdade,
mas abraçando a vasta humanidade,
o poeta sente... e expõe o mundo, em versos!

Vanice Zimerman

(Vanice Elizabeth Zimerman Ferreira)

Curitiba/ PR

AS MÃOS QUE COLHERAM AS UVAS...

Feito, finas rendas que com o tempo
Tornaram-se translúcidas e, aos poucos
Desapareceram,
As mãos que colheram as uvas,
Permanecem vivas, pulsando
Nas lembranças de outras mãos
Colhendo uvas em um antiga ritual
Árduo e encantado,
Mantendo a tradição de colher com cuidado e,
Carinho, e assim extrair
Dos doces cachos, o vinho...
As mãos que colheram as uvas,
Vivas permanecem em vinícolas,
E na solitária garrafa escura, ao lado do queijo.
E também, em telas
E no olhar de quem, curioso
As observa ao alcance das mãos
Em um fim de tarde, repleta
De cores, amor e silêncio...

DOCE MAGENTA & TEXTURA

Entre as páginas do livro –
A poesia entreaberta
Recebe o bailar da Luz e sombra –
Diáfana por do sol...

Cores, recantos, da Holanda,
Das telas de Monet,
Saudades dos moinhos –
Ninhos de ventos
Pétalas dobradas...
Doce Magenta
Em silêncio, abraçando
As palavras, os versos,
E as anotações ao pé da página –
Inclinadas pétalas
De origem tão distante
Atemporais tintas –
Esmaecidas tulipas...

ESQUINA

Fim de tarde,
Dilui-se tua imagem na esquina
Tento chamá-lo, mas minha voz se dispersa
Na chuva que começa...
Dilui-se tua imagem na esquina
E, em gotas d'água
A saudade cintila.

FAÇO-ME LÁGRIMA

Quando àquelas distantes
nuvens
Nublam teu olhar
(Abraço teus tons
de gris)
Abro e
fecho
parênteses
E inebriada, silencio-me

Faço-me lágrima
Para deslizar dos teus cílios,
Alongando desejos
De te beijar
E desaguo no cantinho
Dos teus lábios
E, assim desperto uma pontinha
Do teu sorriso...

JANELA AZUL

Na pausa do olhar
A poesia, devagarinha
Alisa e desliza
Na janela de madeira azul
De nós trabalhados pela
Passagem do tempo
São imóveis olhares...
Há uma rústica e desbotada
Interação entre os tons de azul
Que se mesclam à madeira-
Na pausa do olhar
A delicadeza
Das mãos, agora, invisíveis
Que tantas vezes
Entreabriram a janela...

LEMBRANÇAS DE MINAS GERAIS

De manhãzinha –
Janela entreaberta
À mesa de madeira
Pequenas flores perfumam
A caneca de ágata,
Recebendo os tênues raios de sol,
Enquanto o gato se espreguiça
À soleira da porta –
Distancia-se o som do trem,
Sinto o aroma de café
Que evola do antigo bule azul,

Emoldurando
O despertar da vida
Em poesias e nas alegres
Borboletinhas brancas –
Manhã de primavera
Desperta em Minas...

MONJOLO

A madeira antiga
Dilui-se com a passagem
Do tempo, tempo
Que afaga teus contornos...
A madeira antiga
Resiste e ainda
Insiste, em sobreviver,
Mesmo com a ausência das águas,
Mantém vivo
O som distante
E repetitivo.
Da teu cadenciado toque...

OUTONO EM TÊMPERA

O vento menino
Que guardei na tela
Com as quatro folhas
plátano –
Hoje, de manhãzinha
Deixou a têmpera e,
Despedindo – se do Canson
Visitou – me...
Ah, esse ventinho
Que acaricia meu rosto
E envolve cada pérola
Do colar, com teu perfume...
Esse aroma de Amor é encantado –
Paleta com outonais cores
A fluir em meu corpo e alma

Teu vento menino
Refaz em nosso céu
Àquele... coração de nuvem
E nessa manhã fria
Teu carinho em fios.
Douradas filigranas
Cintilam em nosso
Ninho de orvalho –
Teu carinho
É o meu solzinho...

PRENÚNCIOS

Sensível, o olhar
Pousa na fonte
Repleta,
De falhas do plátano,
Sinto a poesia
E solidão do cântaro...

Distancia-se o pensamento,
O venta sussurra teu nome...
E, nas esmaecidas e diáfanas cores
De mais um por do sol –
Prenúncios de Saudade...

TRÊS SÍLABAS

Noite outonal –
Estava a três passos
De reencontra-lo,
Antigo piano –
Debussy...
Durante as aulas
Ficava com meu caderno
Próximo de ti
Tínhamos
Conversas
(Segredos) –
E, em silêncio
Nos olhávamos...
Não tivemos
Tempo de despedidas,
Estava a três passos
De ti, mas há
Um mundo de distância
Entre nós –
Solidão,
Apenas, três sílabas
Contidas em um universo
De saudade...

vivaldo Terres

Itajaí/ SC

ALMA ILUDIDA

Como é bela a juventude,
Nos áureos tempos da vida.
Enche-nos de esperanças,
E nos deixa a alma iludida.

Pensando que essa alegria,
E plena felicidade
Seguira por toda vida,
Sem tristeza e sem saudade.

Pobres jovens desconhecem
O transcorrer da existência,
Depois de muita alegria.
Dos amores do passado,
Vem-nos a melancolia,
A angústia e o desagrado.

Ah! Se a vida nos fosse sempre,
O fulgor da juventude.
De alegria e felicidade,
Sem tristeza e sem saudade.

A MIM DEVOTOU TANTO CARINHO

Pretendo ser feliz com aquela,
Que um dia sem pensar a abandonei.
Hoje sinto a sua falta...
E sigo como loco arrependido,
Pelo mau que pratiquei.

Ela sempre me amou,
E a mim devotou tanto carinho.
Como fui fazer um ato desses,
E não seguir junto dela o mesmo caminho.

Ah! Como a mente às vezes não aceita...
Os apelos do coração até por que se aceitasse,
Evitaria tantas tristezas sofrimentos e desilusões.

A TIMIDEZ

Que paz e tranquilidade!
Que ela me concedeu,
Ao revelar que me ama...
Foi um presente de Deus.

Pois eu andava triste...
E até desanimado,
Queria revelar-me, somente não o fazia...
Por medo de ser rejeitado.

A timidez é terrível.
E nos deixa diminuídos,
Às vezes temos tudo para
Resolvermos questões,
Mas nos vem a maldita timidez
E nos deixa sem ação.

Agora tudo está bem...
Sinto-me realizado,
Eu amo a mulher que sonhei
E por ela sou amado.

Para mim não existe coisa mais bela!
Do que amar e ser amado,
Neste mundo complicado.

CADA VEZ MAIS BONITA

Quando te vejo sorrindo,
Sinto-me realizado revigora.
Minh' alma e o coração se agitam,
E passo a ver-te cada vez mais bonita.

Que prazer que alegria,
Quando te vejo contente.
A nossa casa que parecia sombria,
Volta a sorrir novamente.

Tudo porque voltaste, a ter felicidade.
Graças a Deus...
Que essa infelicidade foi passageira.
Antes éramos infelizes,
E hoje somos felizes a semana inteira.

COM CERTEZA

Quando te vejo com esses olhos tristes,
Pois nascestes para ser feliz.
Porque sofrer por um amor distante!
Que só te trás magoas e desilusões.

Esquece esse amor sem esperança,
Segue em frente sem desfalecer.
Sempre buscando alternativas,
E a vida te ajudará a esquecer.

Procura analisar teus sentimentos,
E verás que tens tudo que almejas...
Segue adiante pensando em Jesus,
Que cedo ou tarde a vitória virá...
Com certeza.

DOCE ENLEVO

Minhas noites são sofridas
Entro em desespero
Pois sonho sempre com ela
Com lágrimas molho meu travesseiro

Até por que no sonho ela aparece
Sempre bela e formosa a vista
Me beijando docemente não me faltando carícias

Depois desse doce enlevo
Em que a tristeza aparece
Olho pra onde ela estava e não a vejo
E fico desencantado
Espero que chegue à noite
Para sonhar com ela e se deitar ao meu lado
E ter de mim piedade

LONGOS BEIJOS

Como podes ser tão deslumbrante e bela.
Com tanto fascínio que a todos encanta.
Queria eu ter o privilégio
De te beijar a boca.

Se assim fosse...
Um dos meus sonhos seria realizado!
Pois um beijo como o teu...
Jamais foi me dado.

Quem sabe um dia possa acontecer,
De algo maravilhoso a nos envolver.
Então terei a certeza
Que esse dia chegara,
E longos beijos iremos trocar.

MULHER

Homenagem à mulher pelo seu dia

Mulher tu és divina, ó ser maravilhoso,
Entre a criação tu és a preferida!
Tens o dom de ser mãe e de ser amada pelo homem,
E por Deus de ser reconhecida.

Tens no coração a ternura dos santos,
E na alma o amor, nasceste para amar...
Mesmo quando não amada.
Ainda que dos teus olhos escorra uma lágrima,
Mesmo assim estás pronta para socorrer e acalmar a dor.

És tu que no ventre traz o herói ou a santa!
És tu que no simples olhar nos dá a esperança,
Querendo com isso nos dizer,
Que somos fortes, pois és valente!
Já não temes a morte.

SE FAZ DURA A CAMINHADA

Como sinto tua ausência...
Sem saber onde estás
A tristeza e a angústia...
Castigam-me por isto não tenho paz.

Como dói no coração;
E na alma amargurada...
Quando se procura alguém.
Faz-se dura a caminhada!

E esta dura caminhada!
Pra procurar quem se ama...
Às vezes duram meses e anos.
E enquanto não a encontrarmos...
Não se chega ao fim da jornada.

TEMPESTADE

A tempestade destruiu...
A minha única esperança,
Pois ainda tinha de ti vaga lembrança.
Dos belos momentos por nós dois vividos.

Hoje ficou tudo destruído!
Por saber que no teu insensível coração,
Trocas-te o amor por uma paixão,
Onde me trouxe tristeza e desilusão.

Hoje apesar dos tempos,
É que eu pude entender,
Que a nossa separação,
Esta falta de amor
Esta falta de carinho por ti gerada!
É que eu já não era mais a pessoa amada.

JOSÉ FELDMAN, poeta, trovador, escritor, professor e gestor cultural. Formado em patologia clínica trabalhou por mais de uma década no Hospital das Clínicas de São Paulo. Foi enxadrista, professor, diretor, juiz e organizador de torneios de xadrez a nível nacional durante 24 anos; como diretor cultural organizou apresentações musicais e oficina de trovas. Morou 40 anos na capital de São Paulo, onde nasceu, ao casar-se mudou para o Paraná, radicando-se em Maringá/PR.

Consultor educacional junto a alunos e professores do Paraná e São Paulo. Pertence à Ordo Equitum Calami et Calicis (Dux Magnus Magister), Confraria Luso-Brasileira de Trovadores (SP), Academia Rotary de Letras, Artes e Cultura (SP), Academia Movimento União Cultural (SP), Academia Virtual Brasileira de Trovadores (RJ), Confraria Brasileira de Letras (fundador e presidente), Academia de Letras de Teófilo Otoni (MG), Academia de Letras Brasil-Suiça (em Berna), Casa do Poeta "Lampião de Gaz" (SP), Ordem dos Cavaleiros Templários, Ordem Sagrada do Templo e do Graal.

Possui os blogs Singrando Horizontes desde 2007, Voo da Gralha Azul (com trovas de trovadores vivos e falecidos).

Assina seus escritos por Floresta/PR. Dezenas de premiações em crônicas, contos, poesias e trovas no Brasil e exterior.

Publicações (e-books):
Publicados: "Labirintos da vida" (crônicas e contos); "Peripécias de um Jornalista de Fofocas & outros contos" (humor); "35 trovadores em Preto & Branco" (análises); "Canteiro de trovas"; Almanaque Poético Brasileiro vol. 1.

Em andamento: "Pérgola de textos", "Chafariz de Trovas", "Caleidoscópio da Vida" (textos sobre trovas de vários trovadores), "Asas da poesia", "Reescrevendo o mundo: Vozes femininas e a construção de novas narrativas".